



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

ANA PAULA DE OLIVEIRA FELIX

**JOSEF KENTENICH
E O MOVIMENTO APOSTÓLICO
DE SCHOENSTATT**

Londrina
2003

ANA PAULA DE OLIVEIRA FELIX

**JOSEF KENTENICH
E O MOVIMENTO APOSTÓLICO
DE SCHOENSTATT**

*Dissertação apresentada ao curso de Mestrado, em
História Social, do Programa Associado UEL/UEM,
como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.*

Orientador: Prof. Dr. William Reis Meirelles

Londrina
2003

COMISSÃO EXAMINADORA

Londrina, ____ de _____ de 2003.

*Muitos dizem que você não existe e que é melhor assim.
Mas como pode não existir o que pode assim enganar?
Se tantos vivem de você, e de outro modo não poderiam morrer -
Diga-me, que importância pode ter então que você não exista?*

Bertolt Brecht (Hino a Deus)

AGRADECIMENTOS

Durante essa minha incrível jornada e travessia através de um mundo do sagrado e do profano antes desconhecido, foi incalculavelmente importante o apoio incondicional recebido por parte dos meus pais, do meu irmão e daquele que é meu eterno companheiro.

Fui também extraordinariamente revigorada, estimulada e esclarecida pelas conversas com meu orientador, William Reis Meirelles e com o professor Marco Antônio Soares.

Além disso, agradeço aos participantes da banca de qualificação pelo modo gentil de suas intervenções e pela generosidade dos comentários. Lamento não ter incorporado todas as sugestões feitas, algumas por estarem além dos meus recursos, outras por implicarem desvios que fatalmente levariam a um trabalho diverso.

Agradeço ainda a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho, como o apoio financeiro recebido da CAPES.

São de minha inteira responsabilidade, evidentemente, os erros, os descuidos e quaisquer outras falhas.

RESUMO

Neste presente trabalho busca-se discutir, primeiramente, aspectos relacionados à figura de Maria, o desenvolvimento do culto prestado a ela e denominações que a referenciam, como aquelas utilizadas por padre Josef Kentenich; em seguida, dado a importância para o movimento da vinculação a um lugar, nesse caso, especificamente, ao “Santuário da Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt”, procura-se enfatizar e diferenciar conceitos como sagrado e profano, imprescindíveis na medida em que se objetiva compreender as mudanças processadas ao se vislumbrar um mundo religioso; e, por último, contextualiza-se a Alemanha nos períodos correspondentes, respectivamente, aos documentos de fundação, sem negligenciar a situação de Vallendar, do fundador e das pessoas ligadas ao movimento nesses difíceis anos para, posteriormente, analisar, com base nessa documentação, o desenvolvimento e as principais diretrizes desse movimento mariano iniciado em 1914.

Palavras-chave: Religião, Símbolos e Mitos.

ABSTRACT

This work seeks to discuss, firstly, aspects related to Mary – her figure, the development of her worship, and denominations that refers to her, like those used by priest Josef Kentenich; then in view of the importance to the entail of the a place, in this case “Sanctuary of the Three Times Admirable Mother of Schoenstatt” strictly, seeks to emphasize and difference concepts such holy and profane, indispensable when the aim is the comprehension of changes proceeded when the religious world is discerned; and finally, contexts German in the correspond periods, respectively, to the foundation documents, without omitting Vallendar’s situation, the founder and people connected to the movement in the difficult years for, posteriorly, analyze, based in this documentation, the development and the main instructions of the Marian movement which began in 1914.

Key-works: Religion, Symbols and Myths.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 HERDEIROS DA AVE E DA EVA: A ESCOLHA DE UM MODELO	22
1.1 A Ave e a Eva	29
1.2 Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt	37
2 SANTUÁRIO DE SCHOENSTATT: SAGRADO E/OU PROFANO?	51
3 DESENVOLVIMENTO E FUNDAÇÃO DO “MOVIMENTO APOSTÓLICO DE SCHOENSTATT” ATRAVÉS DE DOCUMENTOS	64
3.1 Panorama Histórico: Alemanha, Duas Guerras Mundiais e Vallendar- Schoenstatt	64
3.2 O Movimento Apostólico de Schoenstatt	83
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
BIBLIOGRAFIA	118
ANEXOS.....	125

INTRODUÇÃO

Indubitavelmente, em cada afirmação inserida em um texto, acabamos por vincular, de forma implícita ou não, nossas convicções. Isso nos impulsiona a uma consciência latente das responsabilidades e dos compromissos envolvidos na tarefa da escrita da história.

Assim, ao iniciar um trabalho, o historiador encontra-se imerso em inúmeras questões para as quais se volta, mas que serão impossíveis de serem respondidas num primeiro momento. E, na procura pelas respostas, ainda que as perguntas façam parte do presente, considerando que, conscientemente ou não, acabamos por formulá-las baseando-nos em nossas experiências e dúvidas, *nunca um fenômeno histórico se explica plenamente fora do estudo do seu momento.*¹

Desta maneira, partindo-se da análise de determinados documentos, de hierarquizações e contextualizações, procura-se ter acesso a um imenso universo repleto de significações que acabam por revelar como pessoas de um outro tempo e sociedade pensavam, vivenciavam e sentiam aspectos do mundo ao seu redor: *O historiador [...] através de um esforço minucioso de decodificação e contextualização de documentos, pode chegar a descobrir a 'dimensão social do pensamento'.*²

Aparentemente, palavras extremamente elucidativas ao se ingressar num misterioso universo – nesse caso, no Movimento Apostólico de Schoenstatt, com suas implicações e dimensões, fundado por Josef Kentenich – em que se evidencia a importância da religião como forma básica de compreensão do ser humano, dos

¹ BLOCH, M. *Introdução à História*. Lisboa: Europa-América, 1997, p. 94.

² CHALHOUB, S. *Visões da liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 16.

acontecimentos e do mundo, vislumbrando-se um horizonte de fenômenos religiosos e interferências divinas, ou seja, sagrado e profano.

Nascido no dia 18 de novembro de 1885 em Gymnich, aldeia localizada a sudoeste de Colônia, na Alemanha, Peter Josef pertencia a uma família de pequenos agricultores. Aos cinco anos e meio, em 1891, começou a frequentar a escola primária em sua própria aldeia natal, passando o primeiro semestre do ano seguinte em Estrasburgo.

Em 1894 foi levado por sua mãe ao orfanato São Vicente em Obernhausen, fundado em 1892 pelo Pe. Augusto Savels, concluindo aí sua formação escolar.

Aos quatorze anos, contando com a ajuda do Pe. Savels, ingressou na Congregação Missionária dos Palotinos - Casa das Missões de Ehrenbreistein, aberta seis anos antes, em 1893, pelos palotinos alemães de Limburgo, concluindo seus estudos humanísticos em 1904.

Por meio de um pedido escrito por ele próprio ao mestre de noviços dos Palotinos de Limburgo, Pe. Peter Girke, em 24 de setembro de 1904, Peter Josef foi admitido no noviciado, tornando-se o *Frater*³ Josef Kentenich, permanecendo, neste lugar, por sete anos, iniciando já no segundo semestre de 1905 seus estudos superiores, ou seja, o estudo de filosofia e teologia em preparação à ordenação sacerdotal.

Recebeu a ordenação sacerdotal a 8 de julho de 1910, celebrando a primeira missa na capela da Casa das Missões em Limburgo, 10 de julho. Mas, como sua ordenação deu-se após o terceiro ano de teologia, Peter Josef permaneceu mais um ano em Limburgo, a fim de concluir seus estudos de teologia.

³ Termo utilizado em latim que significa frade, de fraternidade/fraterno, ou seja, irmão. Após a ordenação sacerdotal passa-se a padre.

Foi nomeado professor do Seminário de Ehrenbreistein, lecionando latim e alemão, depois de terminar os estudos teológicos.

Em 8 de setembro de 1912, Pe. Kentenich, juntamente com os demais professores e alunos, foi transferido para a nova casa dos palotinos em Vallendar-Schoenstatt⁴. Neste lugar, localizado nas proximidades do Reno, diante de decisão da Direção Provincial de Limburgo, instituiu-se um novo cargo, o de diretor espiritual para alunos, assumindo tal incumbência, Peter Josef.

Nas férias de Natal de 1912-1913, Pe. Kentenich, juntamente com seus alunos “maiores” (ginasianos), fundou uma Associação Missionária, autorizada pelos superiores, que objetivava favorecer as missões dos palotinos entre aqueles não pertencentes a “ordens” – antes mesmo da I Grande Guerra.

Contudo, mantinha-se inabalável a grande meta de Pe. Kentenich, quer dizer, a instituição de uma congregação mariana. A autorização para tanto chegou em 23 de janeiro de 1914 da Direção da Província de Limburgo. O arcebispo Alberto de Trèves concedeu sua aprovação aos estatutos da congregação elaborados por seus futuros membros, em colaboração com o padre espiritual, em 21 de março do mesmo ano. No dia 19 de abril eram admitidos 28 alunos das classes superiores como os primeiros membros da congregação.

Pouco tempo depois de 19 de abril, Pe. Kentenich apresentou ao seu Provincial, o Pe. Miguel Kolb, um pedido para que concedesse à recém fundada Congregação Mariana o uso da Capela de St. Michael, chamada de “capelinha”, localizada nos arredores, propriedade dos palotinos desde 1901, originalmente capela do cemitério do convento medieval de Schoenstatt, naquele momento abandonada.

⁴ Em virtude de uma beleza inquestionável, o Arcebispo Alberto de Trèves batizou o lugar com o nome de “*Bellus locus* – Lugar aprazível”, que traduzido para o alemão passava a denominar-se Schoenstatt.

Em julho de 1914, Pe. Kolb comunicou ao diretor espiritual, Pe. Kentenich, o deferimento de seu pedido. Assim, além de uma vinculação à Maria, com a doação da capela, mais tarde (1915) Santuário da “Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt”,⁵ Pe. Kentenich acreditava poder levar e desenvolver em seus alunos a vinculação a um lugar, tornando-se esta capelinha o centro da comunidade da vida da congregação, símbolo e uma espécie de portador de uma idéia, de uma mensagem.

Esta decisão aconteceu nas férias de verão (julho-setembro) de 1914 e presenciou um fato de terrível violência: a explosão da I Guerra Mundial.

Devido ao início da guerra, as férias de verão de 1914 se prolongaram por mais um mês. Em meados de outubro os alunos do seminário voltaram a Schoenstatt, encontrando o novo colégio, situado em uma colina de Vallendar, transformado em hospital militar. Nestas circunstâncias, são instalados na chamada “casa velha”, antigo mosteiro a pouca distância do novo edifício, localizado em frente à pequena capela.

Em 18 de outubro, no primeiro domingo depois do retorno dos alunos das férias de verão, o Pe. Kentenich reuniu pela primeira vez os congregados na capelinha de St. Michael, inaugurando-a e iniciando os trabalhos da recente Congregação Mariana, mediante uma conferência, considerada, anos depois, pelos anais do Movimento de Schoenstatt, como o “Primeiro Documento de Fundação”.⁶

A principal intenção do Pe. Kentenich, enfim, era transformar o local, de acordo com suas palavras, “num lugar de romarias, num lugar de graças”, por meio de

⁵ Pe. Kentenich assim passaria a chamar a capelinha de St. Michael, a partir de julho de 1915, por influência do jesuíta Pe. Jacó Rem, que fundou, em fins do séc. XVI e início do séc. XVII, a Congregação Mariana de Ingolstadt, uma das primeiras da Alemanha, chamada “*Colloquium Marianum*”, de quem também assumiu o nome da imagem de Nossa Senhora: “*Mater Ter Admirabilis* – Mãe Três Vezes Admirável”.

⁶ Os três documentos, objetos de análise neste trabalho, foram retirados do livro, traduzido do alemão “Schoenstatt – Die Gründungsurkunden”: KENTENICH, J. *Documentos de Schoenstatt*. 2. ed. Santa Maria: Pallotti, 1995.

uma proposta aos seus alunos de uma “Aliança de Amor com Maria”, assim denominada por resultar de uma total liberdade de adesão de ambas as partes.

Como os congregados de Schoenstatt estavam na idade do serviço militar em plena guerra mundial, tiveram que se apresentar e marchar para o *front*. Ao Pe. Kentenich evidenciou-se sua responsabilidade por esses alunos convocados, decidindo constituir entre os mesmos grupos/congregações militares diretamente vinculadas ao movimento maior, ao centro vital de Schoenstatt.

Desta maneira, para favorecer a troca de correspondência e possibilitar a vida das organizações externas com Schoenstatt, em março de 1916, Pe. Kentenich fundou uma revista intitulada “*Mater Ter Admirabilis*”.

Rapidamente, os exemplares da revista foram ampliados, passando a ser lida por outras pessoas fora do círculo schoenstateano, tornando-se conhecida entre as mesmas a Congregação Mariana de Schoenstatt, seus objetivos e seu santuário.

Mas, ainda que pudesse contar com essas diferentes pessoas, havia também não poucos co-irmãos e superiores que conservavam uma posição extremamente crítica em relação aos empreendimentos do Pe. Kentenich por considerá-los basicamente irreconciliáveis com o espírito, a finalidade e o bem de uma comunidade cuja responsabilidade era pela herança de São Vicente Pallotti.

Em 1915, com o estado de saúde debilitado em consequência de uma enfermidade, tendo perdido vários quilos, passou as férias de verão (1915-1916) na “Casa Mãe das Servas Pobres de Jesus Cristo” em Dernbach/Westerwald. É chamado às armas, juntamente com vários outros padres do seminário, em setembro de 1916. Deveria apresentar-se a 30 de setembro desse ano para assumir o posto de enfermeiro militar no 2ª Hospital de Reserva, em Trèves. Porém, seu tempo de vida militar é breve, apenas uma

semana, pois em 7 de outubro de 1916, depois do exame médico de alistamento, foi dispensado por ser considerado incapacitado para servir. Em 1917 viajou para Kolberg junto ao Mar Báltico, para um tratamento completo na “Casa de Saúde das Irmãs de Breslau”.

Com o término da I Guerra Mundial, os congregados pertencentes a grupos que formavam a chamada Organização Externa, até o momento membros da Congregação de Estudantes de Schoenstatt, decidem se desligar da atual estrutura, passando a chamar-se “União Apostólica”.

Essa separação da estrutura da Congregação não foi considerada pelo Pe. Kentenich como separação de Schoenstatt e do Santuário da “*Mater Ter Admirabilis*”. Ao contrário, a recente fundada comunidade “União Apostólica” seria não apenas vinculada a Schoenstatt e ao seu santuário, como também permitiria que a obra de Pe. Kentenich se desenvolvesse fora do convento de Schoenstatt e da Sociedade dos Palotinos.

No primeiro aniversário da fundação da União Apostólica, no ano de 1920, foi fundada em Schoenstatt a Liga Apostólica, recebendo juntas, nos anos seguintes, o nome de “Movimento Apostólico de Schoenstatt”. À Liga caberia a dimensão extensiva da missão de Schoenstatt, isto é, tornar presente no maior número possível de ambientes da Igreja e do mundo o Movimento de Schoenstatt. À União ficaria a dimensão intensiva, isto é, a formação do “homem novo na nova comunidade”, homem de “personalidade firme e livre”, o ideal de “herói cristão, de santo”, nas palavras do próprio Pe. Kentenich.

Ainda neste ano, dar-se-á um fato de extrema importância ao crescimento da obra. Em outubro, Pe. Kentenich, decidiu admitir em sua obra, pessoas do sexo feminino. Em dezembro de 1920 efetuou-se a primeira consagração de mulheres dentro da União, que até então contava apenas com homens.

Ou seja, Pe. Kentenich fundou, a 20 de agosto de 1919, a “União Apostólica”, aberta, no ano seguinte, também às mulheres. Em 1920, Pe. Kentenich acrescentou à sua fundação a “Liga” que igualmente compreendeu sacerdotes, homens e mulheres pertencentes a diversas idades e profissões, agrupados em vários ramos, com uma organização ainda mais flexível.

A partir de então, Pe. Kentenich iniciou suas “viagens apostólicas”. Em 1921 encontrava-se em Stuttgart e em 1922 empreendeu uma longa viagem a vários locais. No início de abril de 1923, depois de um congresso, visitou todos os sacerdotes schoenstateanos de Baden e no ano seguinte decidiu expandir concretamente sua obra e seu trabalho também a outros países, tendo sido sua primeira viagem ao exterior à Suíça, entre 12 de maio e 3 de junho de 1924.

Em 1º de outubro de 1926 fundou o “Instituto Secular das Irmãs de Maria de Schoenstatt”. Como não houvesse ainda Institutos Seculares, aprovados pela Santa Sé, aguardavam as Irmãs sua aprovação, sendo até então consideradas religiosas.⁷

Tem-se a conclusão, em agosto de 1928, da nova Casa de Retiros pertencente ao Movimento Apostólico de Schoenstatt. Nos primeiros anos da década seguinte, as atividades do Pe. Kentenich cresceram tanto e com tal freqüência em seus retiros e encontros, que mesmo esta nova casa não comportava todos os participantes. Durante esses anos, Pe. Kentenich empenhou-se e dedicou-se a vários setores, instituições e organizações da Alemanha católica, divulgando as principais linhas e idéias vinculadas ao movimento.

Entretanto, tem início, a 30 de janeiro de 1933, na Alemanha, o governo de Adolf Hitler do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães. E em 1938

⁷ [...] a 20 de maio de 1948, realizou-se a ereção canônica do Instituto das Irmãs de Maria de Schoenstatt na Diocese de Trêves, Alemanha, e a 18 de outubro seguinte, o Instituto recebeu o ‘Prodecretum Laudis’ como Instituto de Direito Pontifício. (FEDALTO, Dom Pedro. 75 anos das Irmãs de Maria de Schoenstatt. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 4 nov. 2001. Caderno Brasil, p. 11).

começou haver uma perseguição mais direta do regime nazista contra parte da Igreja Alemã, sendo neste mesmo ano instituída uma lei que abolia qualquer publicação de periódicos católicos sem prévia autorização do Reich.

Especificamente em relação ao Movimento Apostólico de Schoenstatt, relatório do Serviço de Segurança da SS, considerou-o enquanto uma organização notavelmente perigosa ao espírito e à finalidade da Alemanha dominada por Hitler. O relatório criticava, em especial, três pontos no movimento:

1º) O mesmo atribui-se de maneira habilidosa, os ideais do nazismo, como por exemplo o heroísmo. 2º) O Movimento de Schoenstatt, em concorrência com o nazismo, aspira nada menos que uma renovação da Alemanha. 3º) O Movimento de Schoenstatt está a serviço da Ação Católica e prepara células de elite para a mesma.⁸

Diante desta conclusão e nesse mesmo ano, os interrogatórios começaram. Quase diariamente os diretores⁹ do movimento eram interrogados com a pretensão de arrancar-lhes os métodos e ideais da organização.

Mas, mesmo diante do acirramento das perseguições, em 18 de outubro de 1939 comemorou-se o jubileu de prata do Movimento Apostólico de Schoenstatt. Nessa ocasião, Pe. Kentenich encontrava-se de passagem pela Suíça e foi de lá que escreveu, em comemoração aos vinte e cinco anos de Schoenstatt, as “Palavras à Hora”, conhecidas posteriormente como o “Segundo Documento de Fundação”.

⁸ MONNERJAHN, E. P. *José Kentenich: uma vida pela Igreja*. Santa Maria: Pallotti, 1977, p. 118.

⁹ Desde o início, os diversos grupos de congregados ligados ao Movimento Mariano de Schoenstatt tinham, cada qual, além do chefe, ou guia, chamado dirigente, um representante direto em Schoenstatt. Pe. Kentenich considerava extremamente importante que cada pessoa tivesse autonomia em suas ações e sentisse a responsabilidade de tudo o que seria ou não decidido, como se cada ato fosse uma obra exclusivamente própria e de livre iniciativa e adesão.

Em setembro de 1941 o fundador do Movimento Apostólico de Schoenstatt, depois de um interrogatório, foi preso pela Gestapo – polícia secreta do estado durante o regime nazista – em Koblenz¹⁰, sendo enviado ao campo de concentração em Dachau em março de 1942, de onde sairia somente aos 06 de abril de 1945, para regressar a Schoenstatt apenas em 20 de maio do mesmo ano.¹¹

Aliás, no ano de 1944 o Movimento Apostólico de Schoenstatt fazia trinta anos de existência. Os grupos schoenstateanos que se encontravam no campo de concentração de Dachau, juntamente com o Pe. Kentenich que aí estava desde 1942, prepararam-se para tal evento, enquanto ouvintes de uma conferência proferida pelo fundador:

O Terceiro Documento de Fundação, em seu todo, é constituído não só pela conferência pronunciada pelo Pe. Kentenich aos 18/10/1944 em Dachau, mas também pelas outras duas conferências: Uma para o Grupo da União do 'Pe. Fischer' a 24/09/1944 e outra para o Grupo da União do 'Pe. Dresbach' aos 08/12/1944. Essas três conferências constituem um todo por sua unidade interna. O coração, a medula, é constituída pela conferência de 18/10/1944, com a qual o Pe. Kentenich abriu as comportas de Schoenstatt para o mundo.¹²

¹⁰ Localizada a uns doze quilômetros de Schoenstatt, era uma cidade que nesta época contava com aproximadamente 50000 habitantes.

¹¹ Obviamente, a resistência ao nazismo na Alemanha não se limitou a Josef Kentenich e às pessoas vinculadas ao Movimento Apostólico de Schoenstatt. Ao contrário, poderíamos incluir uma variedade delas. Mas, mesmo considerando esse um objetivo irrelevante à compreensão e ao desenvolvimento do trabalho, não poderíamos deixar de citar, ao menos, uma das resistências mais diretas e corajosas ao regime instalado por Adolf Hitler. Representantes de um grupo pequeno das conhecidas vítimas do Holocausto, “As Testemunhas de Jeová” diferem-se das demais por diversos motivos e peculiaridades, como: (1) *As Testemunhas de Jeová tinham escolha: diferentemente dos demais prisioneiros, cada Testemunha podia ser libertada da prisão ou do campo de concentração bastando para isso assinar uma declaração renunciando à sua fé. Raríssimas Testemunhas assinaram tal documento.* (2) *As Testemunhas de Jeová foram o único grupo religioso a tomar uma postura firme e organizada contra o regime nazista. Nos campos nazistas, eram o único grupo religioso identificado por um símbolo: um triângulo roxo.* (3) *As Testemunhas denunciaram com coragem as atrocidades cometidas pelo nazismo, tanto verbalmente como por meio de publicações, mesmo quando estavam proscritas. A Gestapo e a SS não mediram esforços para exterminar esse pequeno grupo [...].* (GUIA DE ESTUDO DO DOCUMENTÁRIO EM VÍDEO. *As Testemunhas de Jeová resistem ao ataque nazista.* São Paulo: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1998, p. 5. (Este material apresenta extensa bibliografia, em inglês, sobre o tema.))

¹² TREVISAN, V. *Movimento Apostólico de Schoenstatt: introdução histórica.* Santa Maria: Pallotti, [198?], v. 1, p. 311-312.

Algum tempo depois de ter saído de Dachau, Pe. Kentenich foi novamente para a Suíça, onde teve ocasião de levar à frente seus planos de viagem além-mar. Antes, porém, foi a Roma conseguindo uma audiência privada com o papa Pio XII.

No dia seguinte ao encontro com o papa, Pe. Kentenich viajou para a América do Sul, em direção ao Brasil, primeiro país por ele visitado neste continente e, em seguida, Uruguai, Argentina e Chile.

Do Rio de Janeiro, a 12 de setembro de 1947, Pe. Kentenich voou para a Europa, primeiramente a Roma e daí à Suíça, chegando em Schoenstatt a 11 de outubro para, novamente, encontrar-se na Suíça no dia 20 do mesmo mês. Em final de dezembro e início de janeiro do ano subsequente foi para a África do Sul.

Chegando pela segunda vez à América do Sul, em 11 de abril de 1948, participou primeiramente da inauguração do Santuário da Mãe Três Vezes Admirável em Santa Maria, Rio Grande do Sul. Duas semanas depois, benzeu a pedra fundamental de um santuário na próspera “capital do café”, Londrina, Paraná. Em 25 de maio, dirigiu-se novamente ao Chile e em 4 de junho aos Estados Unidos da América, sendo aguardado por seus co-irmãos palotinos de Milwaukee em Chicago.

Retornou à América do Sul no início de setembro de 1948 permanecendo não apenas o restante do ano, mas também todo o ano de 1949. Pe. Kentenich presenciava sua obra, o Movimento Apostólico de Schoenstatt, multiplicar-se fora da Alemanha.

A, 19 de janeiro de 1950, parte de Nueva Helvecia, Uruguai, com destino à Europa, de onde estivera ausente por mais de 2 anos, retornando a Schoenstatt, depois de uma estada de várias semanas na Suíça.

Em 22 de julho de 1949, chega em Schoenstatt, em nome da Assembléia Geral dos Bispos Alemães, uma série de prescrições relativas às “idéias especiais” e à “maneira de falar” do movimento mariano que começava a ser avaliado pela Igreja.¹³ A 18 de abril de 1950, em um memorial, um denominado “Visitador”, designado pelos bispos, apresentou ao Santo Ofício, seus receios e objeções em relação às propostas e pedagogia do Pe. Kentenich.

A este memorial seguiu-se um segundo, com data de 6 de novembro de 1950, acrescido de um requerimento para que a obra de Schoenstatt fosse submetida a uma Visitação Apostólica, concentrando-se, cada vez mais, a questão sobre a pessoa do Pe. Kentenich.¹⁴ Temia-se que a acentuação do caráter simbólico de sua pessoa fizesse com que o centro da Obra de Schoenstatt fosse deslocado da figura da Virgem Maria, a Mãe de Deus, e de seu santuário, para a pessoa do Pe. Kentenich:

A questão chegara a uma etapa decisiva. A mais alta congregação romana, o Santo Ofício, designara o P. Sebastião Tromp, jesuíta holandês, professor na Universidade Gregoriana e consultor do Santo Ofício como visitador apostólico. Na

¹³ *Entendia-se com essa denominação [“idéias especiais”] vários elementos da espiritualidade e da piedade schoenstateana que eram tidos como exagerados, sem fundamento, particulares e finalmente não católicos e não eclesiais. Estas idéias deviam ser abandonadas por Schoenstatt e, como se opinava, poderiam ser deixadas sem prejuízo, pois tratava-se simplesmente de ‘sobreposições schoenstateanas’ a verdades gerais e evidentes da fé católica, como expressou um parecer teológico de então.*

Especificamente contavam-se entre as ‘idéias especiais’:

1º - a convicção da ‘vinculação local’ de Nossa Senhora em Schoenstatt, isto é: a convicção de que Maria, de acordo com a expectativa do Documento de Fundação de 18 de outubro de 1914, escolheu o Santuário de Schoenstatt como seu lugar de graças; 2º - a compreensão do ato de fundação de 18 de outubro de 1914 como um contrato bilateral entre Nossa Senhora e a Família de Schoenstatt, ou uma aliança de amor como mais tarde se expressou o P. Kentenich; 3º - as ‘contribuições ao Capital de Graças’; 4º - a fé na missão de Schoenstatt como Deus a quis, conforme o P. Kentenich denominara em resposta a Mons. Wolker ‘missão sobrenatural de Schoenstatt para nossa época’ ou, com outras palavras, que Schoenstatt é ‘uma obra e um instrumento escolhido de Deus e da Mãe de Deus’.

*Com as ‘idéias especiais’ a linguagem de Schoenstatt caiu sob o fogo da crítica e, de modo especial, a terminologia introduzida pelo P. Kentenich com as ‘idéias especiais’. Expressões como ‘vinculação local’ e mesmo ‘vinculação’, ‘contrato bilateral com Nossa Senhora’, ‘aliança de amor’, ‘contribuições ao Capital de Graças’ foram tidas como ‘incomuns’, ‘amaneiradas’, ‘sem gosto’, ‘artificiais’, ou ‘exageradamente modernas’. Julgava-se mesmo, que se devia ver nisso tudo inadmissível culto do misterioso, e meio de propaganda da psicologia das massas. O próprio fundador reconhece essas “idéias especiais” ao enunciá-las no “Segundo Documento de Fundação” demonstrando, também, conhecer que as mesmas “até o presente foram mais ardorosamente combatidas no campo católico”, como pode ser observado no anexo B. (MONNERJAHN, *op. cit.*, p. 123-124).*

¹⁴ Por ocasião da partida do Pe. Kentenich de Schoenstatt, a 22 de outubro de 1951, a Visitação Apostólica da Obra de Schoenstatt não tinha sido concluída e durou ainda quase mais dois anos, encerrando-se em 3 de agosto de 1953.

Semana Santa de 1951 o P. Tromp chegou a Schoenstatt para uma breve visita. No início de maio de 1951 deu-se o encontro entre o Visitador e P. Kentenich que, voltando da América do Sul, se encontrava em Roma. Durante a conversa o Visitador propôs que ele se afastasse espontaneamente de sua obra. Se ele concordasse em se separar por si mesmo, ainda haveria esperança de algum dia, em futuro não muito longínquo, poder retornar. Mas se a separação tivesse que ser decretada, não poderia contar com essa possibilidade.¹⁵

Diante dessa alternativa, Pe. Josef Kentenich concluiu não poder, por fidelidade, separar-se espontaneamente de sua obra. Assim, em dezembro de 1951, por meio de um decreto, o Visitador Pe. Tromp determinou que o Pe. Kentenich deveria deixar a Europa, sendo ao mesmo tempo destituído do cargo de diretor dos “Ramos da Liga da Obra de Schoenstatt”.

Em janeiro de 1952 o Santo Ofício determinou ao Pe. Kentenich, como lugar de moradia, a casa dos palotinos em Milwaukee, cidade do estado de Wisconsin, situada às margens do lago Michigan, nos Estados Unidos e, em 1961, Pe. Kentenich é proibido de realizar missas durante cinco dias, prescrevendo-lhe, o Santo Ofício, um retiro nesse ínterim.

No início de novembro de 1962, a Conferência dos Bispos da Alemanha recebeu a sugestão de substituir todas as direções dos institutos seculares de Schoenstatt, com o objetivo de transformar radicalmente a obra e a sua relação com o Pe. Kentenich.

Não raro, chegou-se a situações críticas, por vezes confusas, dentro da Igreja, em virtude de posições antagônicas no que se referia a decisões relacionadas à obra de Schoenstatt e ao Pe. Kentenich.

Finalmente, em 1964 a Santa Sé reconheceu a autonomia da Obra de Schoenstatt, desvinculando-a definitivamente dos palotinos; e, em 1965, confirmando uma

¹⁵ MONNERJAHN, *op. cit.*, p. 200.

decisão da reunião plenária dos cardeais do Santo Ofício, realizada a 20 de outubro, o Papa Paulo VI permite ao Pe. Kentenich regressar à Alemanha e à sua obra. A reabilitação do Pe. Kentenich fora precedida pelo reconhecimento definitivo de sua obra pela Santa Sé no ano de 1964, por ocasião da celebração do jubileu de ouro da fundação.

Retornando a Schoenstatt sem demora, apesar da avançada idade de 80 anos, o fundador reassumiu a direção de sua obra. Em um curto espaço de tempo, entre 1966 e 1968, não houve uma comunidade ou ramo de sua fundação ao qual Pe. Josef Kentenich não se tivesse dirigido ao menos uma vez. Foram extremamente intensas as suas atividades.

No dia 15 de setembro de 1968, após se dirigir de seu apartamento na Casa de Formação do Monte Schoenstatt à Igreja de Adoração e neste local celebrar a missa, Pe. Josef Kentenich veio a falecer na sacristia.

Encerrava-se, então, uma vida de dedicação e de consagração à Maria e de participação fecunda na colaboração da tentativa de salvação dos homens.

Pe. Kentenich concluía uma caminhada marcada por dificuldades decorrentes também da incompreensão por parte de seus pares em relação às suas intenções e aos seus objetivos relacionados ao Movimento de Schoenstatt.

Assim, movida inicialmente por uma característica inata aos pesquisadores, ou seja, a curiosidade, e preocupada com as responsabilidades que cercam qualquer profissional da área de história, somente depois de pesquisada e descrita, ainda que brevemente, a biografia do fundador do Movimento Apostólico de Schoenstatt, é que se buscou discutir, neste trabalho, primeiramente, aspectos relacionados à figura de Maria, o desenvolvimento do culto prestado a ela e denominações que a referenciam, como aquelas utilizadas por padre Josef Kentenich; em seguida, dado à importância para o movimento da vinculação a um lugar, nesse caso, especificamente, ao “Santuário da Mãe

Três Vezes Admirável de Schoenstatt”, procurou-se enfatizar e diferenciar conceitos como sagrado e profano, imprescindíveis na medida em que se objetiva compreender as mudanças processadas ao se vislumbrar um mundo religioso; e, por último, contextualizou-se a Alemanha nos períodos correspondentes, respectivamente, aos documentos de fundação, sem negligenciar a situação de Vallendar, do fundador e das pessoas ligadas ao movimento nesses difíceis anos para, posteriormente, analisar, com base nessa documentação, o desenvolvimento e as principais diretrizes desse movimento mariano iniciado em 1914.

1 HERDEIROS DA AVE E DA EVA: A ESCOLHA DE UM MODELO

Nas histórias de fundação das religiões antigas, as deusas freqüentemente se auto-fecundam, dispensando parceiros, como a Terra cantada por Hesíodo. Hera (Juno, para os romanos), por exemplo, dá à luz, várias vezes, sozinha, com a ajuda das entranhas da Terra ou fecundando-se a si mesma.¹

Histórias assim – como todo mito² – baseiam-se na experiência humana primitiva, que ignorava a função masculina na procriação. Conseqüentemente, os homens se sentiam marginalizados nesse processo, invejavam as mulheres e buscavam a concepção “virginal” com algo de misterioso e de sagrado, o que não deixava de ser adequado ao nascimento de heróis³ e deuses.

De acordo com o esquema apresentado por Rose Marie MURARO, que se baseia em uma referência feita por uma pensadora feminista americana, Marilyn FRENCH, em seu livro “Beyond power”, essas constatações corresponderiam à primeira etapa cronológica da história humana, ou seja,

na primeira etapa, o mundo é criado por uma deusa mãe sem o auxílio de ninguém. Na segunda, este é criado por um deus andrógino ou um casal criador. Na terceira,

¹ Nas mitologias que enfatizam o aspecto maternal, e não o paternal, do criador, essa mulher original ocupa o centro do palco do mundo, no princípio, desempenhando os papéis atribuídos em outros lugares ao homem. E [essa mulher] é virgem [...]. (CAMPBELL, J. *O herói de mil faces*. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 2002, p. 291).

² Qualquer que seja a sua natureza, o mito é sempre um ‘precedente’ e um ‘exemplo’, não só em relação às ações [...] do homem, mas também em relação à sua própria condição. (ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 339)

³ Para CAMPBELL, o herói seria o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas. As visões, idéias e inspirações dessas pessoas vêm diretamente das fontes primárias da vida e do pensamento humanos. Eis por que falam com eloqüência, não da sociedade e da psique atuais, em estado de desintegração, mas da fonte inesgotável por intermédio da qual a sociedade renasce. O herói morreu como homem moderno; mas, como homem eterno – aperfeiçoado, não específico e universal –, renasceu; e, segundo o autor, a aventura desse herói seguiria um padrão, ou seja, um afastamento do mundo, uma penetração em alguma fonte de poder e um retorno que enriquece a vida. Remetendo-se implicitamente a esse padrão que, por conseguinte, padre Kerenich estará falando, por exemplo, de Joseph Engling como herói. (CAMPBELL, *op. cit.*, 2002, p. 28 e 40).

um deus macho ou toma o poder da deusa ou cria o mundo sobre o corpo da deusa primordial. Finalmente, na quarta etapa, um deus macho cria o mundo sozinho. Essas quatro etapas que se sucedem também cronologicamente são testemunhas eternas da transição da etapa matricêntrica da humanidade para sua fase patriarcal [...]. Alguns exemplos [...]. O primeiro e mais importante exemplo da primeira etapa em que a Grande Mãe cria o universo sozinho é o próprio mito grego. Nele a criadora primária é Gea, a Mãe Terra. Dela nascem todos os proto-deuses [...]. Exemplos do segundo caso são o deus andrógono que gera todos os deuses, no hinduísmo, e o Yin e o Yang, o princípio feminino e o masculino que governam juntos, na mitologia chinesa. Exemplos do terceiro caso são as mitologias nas quais reinam em primeiro lugar deusas mulheres, que são, depois, destronadas por deuses masculinos. [...] A partir do segundo milênio a.C., contudo, raramente se registram mitos em que a divindade primária seja mulher. Em muitos deles, estas são substituídas por um deus macho que cria o mundo a partir de si mesmo. Tais como os mitos persa, meda e, principalmente e acima de todos, o nosso mito cristão [...]. Javé é deus único todo-poderoso, onipresente e controla todos os seres humanos em todos os momentos da sua vida. Cria sozinho o mundo em sete dias e, no final, cria o homem.⁴

Portanto, as deusas virgens sobreviveram, durante séculos, na religiosidade popular, projetadas na figura da Virgem Maria do cristianismo, em virtude da necessidade coletiva da sociedade, segundo JUNG, de expressar os arquétipos femininos e maternos do inconsciente coletivo. E, desta maneira, diante da obscuridade do início do culto mariano, não raro, esse foi explicado como profunda necessidade psicológica do culto da mãe. Como descreve COYLE,

John Shinnors concorda que alguns aspectos da veneração de Maria talvez foram tomados de cultos pré-cristãos da mãe-terra e da fertilidade. [...] [Mas] cada época forma inconscientemente sua imagem de Maria de acordo com seu ideal.⁵

Contudo, independente das afirmações acima, na verdade, genericamente, desde os primeiros tempos, na comunidade cristã, a devoção à

⁴ MURARO, R. M. A repressão dos valores femininos no mundo e na igreja: pontos para uma reflexão teológica. In: RIBEIRO, H. et al. *Mulher e dignidade: dos mitos à libertação*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 13-14.

⁵ COYLE, K. *Maria na tradição cristã*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 88.

Maria encontrou expressão dentro da liturgia e receptividade junto à religiosidade popular.⁶

Em toda a história, notadamente entre os séculos IV e V, o fundamento básico do pensamento sobre Maria foi paradoxal: Virgem e Mãe, Mãe Humana de Deus, *Theotokos*. Mas, quando ficou definido o papel singular de Maria como Mãe de Deus, *Theotokos*, no Concílio de Éfeso, em 431, o culto mariano teve assegurado o seu sucesso.⁷ Afinal, entre os três aspectos que respondem à questão histórica de Maria ter chegado tão longe e tão depressa, está o crescimento desse título:

Esse pensamento [Theotokos] percorrerá um longo caminho desde que Maria fora considerada a segunda Eva [séculos II e III]. Foi provavelmente o maior salto em toda a história da linguagem e do pensamento a respeito de Maria [...]. Como e por que chegou ela tão longe, tão depressa? Os textos sugerem que há pelo menos três aspectos na resposta dessa questão histórica: o crescimento do título Theotokos; juntamente com o título, o aumento da observância litúrgica denominada 'a comemoração de Maria'; a profunda percepção da necessidade de identificar uma pessoa totalmente humana como a coroação da criação, porquanto fora declarada inadequada essa identificação com Jesus Cristo, pois ele era o eterno Filho de Deus e Segunda Pessoa da Trindade [...].⁸

⁶ O entusiasmo da piedade cristã para com Nossa Senhora, que é a energia mais profunda do movimento marial, é coisa antiga. Podem distinguir-se dois movimentos históricos da sua manifestação na Igreja. Primeiro, a primeira tomada de consciência dogmática e litúrgica cujos princípios poderiam ser situados pelos fins do século IV, a fase-chave à volta do concílio de Éfeso (431), os prolongamentos frutuosos até ao século VIII, sobretudo no Oriente. A seguir, o movimento latino, longamente preparado, que se manifesta nos fins do século XI, conhece o seu apogeu no século XII, e do qual o movimento actual é tributário: é então que Nossa Senhora começa a ser considerada já não só como mãe, mas como associada de Cristo, situada numa posição verdadeira entre Ele e a Igreja, dotada de uma missão universal na obra da salvação. É então que a Igreja começa a interessar-se pelos seus privilégios como tais. Para o 'primeiro' destes dois períodos, a palavra 'marial', como a palavra 'movimento' seriam anacrônicas. Portanto, é retrospectivamente que será tentado falar em movimento. (LAURENTIN, R. *A questão marial*. Lisboa: Edições Paulistas, 1966, p. 55).

⁷ Apesar de ser natural que depois do Concílio de Éfeso a Mariologia se tenha desenvolvido pouco a pouco sobre bases mais firmes, e o caminho se fosse tornando mais claro quanto à santidade de Nossa Senhora, essa maturação exigiu séculos. Muito ajudaram as primeiras festas litúrgicas em honra de Maria, estabelecidas entre os séculos V-VII: a anunciação (25 de março), a natividade de Maria (8 de setembro), a dormição (15 de agosto), sua 'concepção' (8 de dezembro). Sobre a 'imaculada' concepção ainda não se tinha uma idéia explícita. (GONZÁLEZ, C. I. *Maria, evangelizada e evangelizadora*. São Paulo: Loyola, 1997, p. 208).

⁸ PELIKAN, J. *Maria através dos séculos: seu papel na história da cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 85-86. (Desta maneira, esta citação acaba por também reafirmar a opinião de GONZÁLEZ exposta na nota anterior).

Assim, embora fundamentalmente cristológico, o enfoque dessa decisão do Concílio de Éfeso concedeu um enorme impulso à devoção mariana. Depois desse concílio, multiplicaram-se as festas e as devoções tornaram-se mais fervorosas.

Entre os séculos XIV e XV, por causa das experiências da Guerra dos Cem Anos, do Grande Cisma Ocidental e de desastres naturais e doenças que marcaram a Idade Média como a fome, a inanição, a depauperação sangüínea e a Peste Negra, muitos foram os abusos reinantes na mariologia.

Fracas, debilitadas, sem esperança nem desejo de viver, convivendo com um fatal pessimismo e situações miseráveis, as pessoas rogavam a Maria, figura humana e terna, “Mãe de Misericórdia”, para que a virgem protegesse seus filhos desamparados e necessitados dos perigos que os ameaçavam de todos os lados, ao invés de castigá-los:

Quando um quinto da população da Europa foi exterminado pela peste negra, o povo buscou consolação na imagem da mãe aflita aos pés da cruz. Os franciscanos incentivavam os fiéis a fazer a via-sacra, a acompanhar Maria até a cruz. Para os cristãos que não tinham condições de fazer a peregrinação a Jerusalém, esse era o jeito de compartilhar os sofrimentos de Maria e seu Filho. Às vezes, a capacidade de Maria para libertar o pecador tornava-se o centro da devoção, de modo que, com frequência, ela atuava com independência de Deus. A pregação popular designava-a como Rainha do Céu e Refúgio dos Pecadores, e a colocava no centro do processo de salvação pessoal. Alguns até entendiam que títulos como Rainha do Céu eram o ressurgimento da deusa-mãe abolida dos tempos pré-históricos. Embora hoje os teólogos interpretem sua usurpação do papel de Cristo como deterioração da mariologia, os antropólogos analisam-na como apreciação do que tradicionalmente foi denominado o elemento feminino no mundo. Essa figura feminina, que assume as qualidades de cuidado e proteção, entristece-se com os aflitos, em vez de castigá-los por suas ofensas. A devoção à compassiva Mãe de Misericórdia expressava a necessidade de uma experiência religiosa do feminino no divino, experiência não disponível por intermédio da compreensão de Deus, naquele tempo.⁹

Com isso, entre os séculos XI e XV, a doutrina e a devoção marianas desenvolveram-se consideravelmente no Ocidente, porém, lado a lado aos abusos e às

⁹ COYLE, *op. cit.*, p. 80-81.

distorções. O primeiro desafio aos excessos surgiu com a Reforma, considerando que os protestantes *deploravam a falta de confiança na graça e na misericórdia divinas comunicadas apenas por intermédio de Cristo.*¹⁰

Mas, se no século XVII, cem anos depois da Reforma, as devoções marianas alcançaram um segundo ponto culminante,¹¹ especialmente na França, que se tornou uma espécie de líder espiritual da cristandade ocidental, justamente nesse país, com o advento do Iluminismo do século XVIII, um movimento filosófico que priorizava a autoridade da razão, sustentando que a mesma era a única fonte válida de conhecimento do mundo, a Igreja Católica sentiu-se cada vez mais reprimida pelo poder secular e pressionada pelo racionalismo iluminista, perdendo assim o interesse em continuar promovendo o culto mariano. Como nos demonstra COYLE,

*festas marianas eram canceladas dos calendários religiosos locais, santuários desmoronavam e as devoções excessivas eram desencorajadas. Durante a Revolução Francesa, algumas igrejas retiraram as imagens de Maria e a estátua da deusa da razão foi entronizada na catedral de Notre Dame, em Paris. A literatura mariana cessou de existir, embora a devoção popular fosse suprida por sermões e panfletos, preparados por congregações particularmente devotadas a Maria. Os jesuítas, promotores do culto mariano, foram dispersados.*¹²

Entretanto, com o fracasso dos ideais republicanos da Revolução e com o despertar de um movimento conhecido como Romantismo, que rejeitava o programa proposto pelo Iluminismo, favorecendo influências irracionais e experiências emocionais e místicas, a doutrina e a devoção marianas beneficiaram-se e a renovação católica sob o longo Pío IX assinalou o renascimento do culto mariano. O século XIX marcou o início

¹⁰ Ibidem, p. 82.

¹¹ Segundo LAURENTIN, *o movimento eucarístico, o movimento mariológico [...] tomaram forma, ao contrário, na própria corrente da contra-reforma. O impulso que lhes deu forma de movimento procede duma vontade de reparar a injúria feita pelos reformadores ao Santíssimo Sacramento e a Nossa Senhora. [...] É por isso que a preocupação de vingar a honra de Nossa Senhora, de a exaltar, de enriquecer a sua coroa com 'novos florões' [...], de consagrar os seus privilégios por definições solenes, são os traços dominantes do movimento marial que progressivamente tomou forma na Igreja a partir dos princípios do século XVII.* (LAURENTIN, *op. cit.*, p. 49).

¹² COYLE, *op. cit.*, p. 85.

da “Era de Maria”. O número de milagres atribuídos à Maria aumentou, atingindo seu pináculo nos séculos XIX e XX. Isso sem mencionar o crescente número de aparições nesse período:

Aparentemente, a vasta maioria dos que tiveram visões da Virgem durante o que se poderia chamar o grande século das aparições marianas – os cem anos que se iniciaram na década de 1830, estendendo-se até a década de 1930 – não eram membros de elite, e sim pessoas simples, camponeses. Esse fato foi visto como o cumprimento da proclamação e profecia do Magnificat [...]. [...] Quando a Virgem aparecia, algumas vezes permanecia enigmaticamente silenciosa. Mas era mais freqüente ela comunicar uma mensagem, primeiro ao visionário em sua devoção particular e, depois, à Igreja e ao mundo. [...] Diante do conservadorismo das mensagens políticas e religiosas da Virgem em suas aparições, é surpreendente que a reação oficial, em todos os níveis, não tenha sido instantaneamente entusiástica. De fato, todos os escalões da Igreja adotaram uma atitude bastante cautelosa no trato desses fenômenos e, ao longo dos anos, desenvolveram critérios doutrinários e pastorais destinados a distinguir o genuíno do ilusório. [...] Essa reação do clero e das autoridades indicava a profunda ambigüidade do próprio fenômeno da aparição mariana, como uma faca de dois gumes. As visões realmente serviam de arma para a retaguarda da batalha da Igreja contra seus modernos inimigos. A França de Voltaire e Diderot pode ser encarada, em todos os aspectos do final do século XVIII, como a sementeira do racionalismo e o baluarte do ateísmo. Não obstante, foi à França racionalista e ateuista que a Virgem repetidamente concedeu sua presença em todo o século seguinte [...]. [...] Muitos santuários dedicados a Maria surgiram devido às aparições, sendo que suas dimensões eram sempre proporcionais ao milagre e ao movimento de peregrinos atraídos sobretudo pelos elementos milagrosos.¹³

Podemos afirmar, em relação às constatações, que a longa história da devoção mariana nutriu a imaginação popular através dos séculos. Portanto, ainda que confusões e exageros sobre Maria, conceituais e imaginários, alcançaram o auge na década de 50 do século passado, precisamos ser cautelosos e não fazer julgamentos triviais e apressados sobre essa devoção, considerando que, na maioria das vezes, os fiéis católicos mais simples, os pobres e destituídos, procuram e acreditam encontrar nessa figura uma força que lhes permite interpretar a vida, sentir-se protegidos e acompanhados e não abandonados e, acima de tudo, ter esperança frente às mais variadas e inusitadas adversidades que o dia-a-dia oferece.

¹³ PELIKAN, *op. cit.*, p. 242-248 passim.

Coube ao Concílio Vaticano II¹⁴ *manter a devoção mariana dentro dos limites da teologia e práticas saudáveis*,¹⁵ o que significou contemplá-la em seu lugar dentro do mistério redentor que foi revelado aos cristãos, ou seja, respeitando o centralismo do mistério de Cristo, permanecendo associada à obra de seu Filho e com o corpo dele, a Igreja, acabando com o isolamento da teologia mariana, enraizando-a, assim, na denominada corrente principal das verdades da fé, quer dizer,

embora o capítulo VIII da Constituição Dogmática reflita a natureza transicional de muitos dos documentos conciliares, sua abordagem é essencialmente bíblica, cristocêntrica, eclesiológica, ecumênica e pastoral. É um movimento afastado da mariologia pré-conciliar que se concentrava em Maria e seus privilégios e promovia títulos e dogmas marianos. Os padres conciliares desejam nos lembrar do perigo do sentimento superficial. Enfatizam Maria como o membro preeminente da Igreja e o modelo de sua vida peregrina de fé. Embora o tema dominante neste breve capítulo de 'Lumen Gentium' seja Maria como tipo e modelo da Igreja, é interessante notar que ela nunca é mencionada como 'Mãe da Igreja'. Apesar de ser um sério corretivo de certas ênfases passadas, infelizmente esta constituição não situa a discussão sobre Maria dentro dos sinais dos tempos. Não há nenhum diálogo com o mundo moderno que é a chave para o espírito do concílio e não são sugeridas diretrizes para uma autêntica devoção a Maria. Os teólogos feministas apressam-se a nos lembrar que o concílio continua a louvar Maria como a mulher a serviço dos outros, de Deus, de Cristo, da Igreja e da redenção; ela não tem nenhum sentido teológico próprio. As mulheres sabem como essas interpretações lhes são prejudiciais durante séculos. Como a 'outra' inferior, a personalidade autônoma está além de seu alcance e Maria foi usada mais uma vez, dizem eles, para reforçar esse ponto de vista. Além disso, leituras não críticas dos textos

¹⁴ Convocado pelo papa João XXIII, inesperadamente, em 25 de janeiro de 1959 e, solenemente, declarado concluído pelo papa Paulo VI, em 8 de dezembro de 1965, o Concílio Vaticano II, realizado entre 1962 e 1965, teve promulgado 16 documentos conciliares, dos quais: 4 constituições, 9 decretos e 3 declarações. *As constituições possuem um caráter doutrinal ou são deliberações às quais se quer dar maior destaque; os decretos referem-se em especial às questões práticas; as declarações resultam de atos relativos à questões específicas de aspecto doutrinal ou pastoral, mas que não se quis dar tanto destaque como às constituições.* As Constituições aprovadas pelo Concílio Vaticano II foram:

-A 'Lumen Gentium' (LG) ilustra a estrutura da Igreja, enuncia a doutrina da sacramentalidade e colegialidade do episcopado, concede verdadeira igualdade a todos os fiéis;

-A 'Dei Verbum' (DV) é dedicada à revelação divina e define o valor da Escritura e da Tradição;

-A 'Sacrosanctum Concilium' (SC) estabelece os princípios gerais da reforma litúrgica, inovando profundamente a disciplina vigente;

-A 'Gaudium et Spes' (GS) fala das relações entre a igreja e as comunidades políticas e ao instituto matrimonial. Em vez de um documento separado sobre Maria, o concílio decidiu incluir um capítulo sobre a *Theotokos* na Constituição Dogmática sobre a Igreja (*Lumen Gentium*). É o capítulo VIII, intitulado "A bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, no mistério de Cristo e da Igreja". O próprio título do capítulo retrata Maria intimamente relacionada, dependente e vinculada ao seu Filho e à Igreja. (CASTRO, G. O Concílio Vaticano II e a nova legislação da Igreja. In: *Vaticano*. Disponível em: <<http://www.geocities.com/geldes/vaticano.html>>. Acesso em: 04 jul. 2002).

¹⁵ COYLE, *op. cit.*, p. 90.

*bíblicos continuam a usar a tipologia Maria-Eva. Ficou para o período pós-conciliar descobrir uma autêntica teologia mariana para nossa época.*¹⁶

1.1 A Ave e a Eva

Símbolo religioso de força duradoura na imaginação cristã, Maria também constitui um símbolo ambíguo.¹⁷ Além disso, deve-se considerar que imagens e símbolos religiosos aparentemente nascem e morrem em culturas variadas por razões complexas¹⁸ e que a mãe de Deus exerceu e exerce forte influência junto à religiosidade popular, adaptando-se às necessidades dos fiéis em tempos e lugares diversos.¹⁹

Em meio a isso, o paralelismo Eva/Maria, bastante comum entre os padres desde a metade do século II, é um dos temas mais fundamentais da tradição

¹⁶ Ibidem, p. 99-100. (COYLE refere-se à exortação apostólica do papa Paulo VI, *Marialis cultus*, de 2 de fevereiro de 1974 e da encíclica do papa João Paulo II, *Redemptoris Mater*, de 25 de março de 1987).

¹⁷ Em especial no que se refere às mulheres pois, ainda que “virtudes” como passividade, submissão, humildade e docilidade foram e são projetadas nessa figura, Maria também pode ser apresentada com uma outra face, a despeito, por exemplo, do seu *Magnificat*.

¹⁸ Sem mencionar que *um simbolismo é independente de ser ou não compreendido: ele conserva a sua consistência a despeito de toda a degradação, e conserva-a mesmo uma vez esquecida [...]*. (ELIADE, *op. cit.*, 2002, p. 367).

¹⁹ Em relação às características e a posição em que se encontra, por exemplo, a figura de Maria, segundo CAMPBELL, *trata-se, no mito, de um tema perpétuo e, nas vozes dos profetas, de um clamor familiar. As pessoas anseiam por alguma personalidade que, num mundo de corpos e almas distorcidos, represente outra vez as linhas da imagem encarnada. Estamos familiarizados com o mito pertencente à nossa própria tradição [refere-se a mãe de Deus no cristianismo]. Esse tema ocorre em toda parte, sob uma variedade de formas. Quando a figura de Herodes (o símbolo extremo do ego desgovernado e insistente) leva a humanidade ao nadir da degradação espiritual, as forças ocultas do ciclo começam a mover-se por si mesmas. Numa cidadezinha remota, nasce a donzela que se manterá imaculada dos erros comuns de sua geração: uma miniatura, no meio dos homens, da mulher cósmica que desposou o vento. Seu ventre, vazio como o abismo primordial, chama para si, graças à sua própria disponibilidade, o poder original que fertilizou o vazio.* (CAMPBELL, *op. cit.*, 2002, p. 299).

mariana que nunca mais desapareceu.²⁰ E, mesmo sendo complicado estabelecer sua origem, a hipótese mais aceitável é que o paralelo traçado na Epístola aos Romanos,²¹ entre Adão e Jesus Cristo, tenha inspirado este tema, que se transformou em assunto favorito do ensinamento e da pregação patrísticos.²² Além disso,

o famoso ‘Protoevangelio’ (sic), ‘Porei hostilidade entre ti e a mulher, entre tua linhagem e a linhagem dela. Ela te esmagará a cabeça e tu lhe ferirá o calcanhar’ (Gn 3, 15), é também conhecido como ‘a primeira boa nova’. Na mariologia católica romana, esta passagem tem sido entendida como prenúncio do papel co-redentor de Maria no plano divino de salvação. Porque obedeceu à serpente, a primeira Eva causou desobediência e morte. A imagem da mulher esmagando a cabeça da serpente reforçou o entendimento mariológico de Gn 3, 15 na Igreja ocidental. (O pronome que se referia à linhagem ou semente coletiva foi erroneamente traduzido por ‘ela’ e recebeu sentido mariano literal exclusivo). Os estudiosos contemporâneos, porém, percebem que a Igreja primitiva usou Gn 3, 15 em sentido adaptado e que, em seu sentido original, a passagem não se refere a Maria. Na exegese clássica de Gênesis 3, Eva é caracterizada como a origem do pecado. ‘Dessa forma, a diferença antropológica e ética dos sexos recebeu fundamento exegético e teológico’.²³

Assim, há um gritante contraste entre Eva e Maria. Essas duas figuras são comparadas em termos de desobediência e obediência, descrença e fé, tentação/pecado/morte e vida. Um paralelismo que enfatiza as virtudes pessoais de Maria

²⁰ Podemos ainda encontrar referências a essa comparação, por exemplo, em encíclicas recentes, como a *Marialis cultus* de Paulo VI e como a *Redemptoris Mater* de João Paulo II. Sem mencionar que, o Concílio Vaticano II, citando Irineu e Jerônimo (que considerava uma honra para a mulher ser julgada como homem), mais uma vez usou a tipologia Eva/Maria para descrever Maria como a “mãe dos viventes”. (cf. PAULO VI. *Marialis cultus*. In: Vaticano. Disponível em: <http://www.vatican.va/holyfather/paul_vi/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus_po.html>. Acesso em: 04 jul. 2002; e, JOÃO PAULO II. *Redemptoris Mater*. In: Vaticano. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater_po.html>. Acesso em: 09 jul. 2002).

²¹ BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução de Frei João José Pedreira de Castro. São Paulo: Ave Maria, 2000. (cf. Rm 5, 12-15.)

²² Para GONZÁLEZ, a comparação Eva/Maria também é bastante comum desde a metade do século II com a tradição patrística, em conexão com a teologia paulina que contempla Jesus como o novo ou segundo Adão. (GONZÁLEZ, *op. cit.*, p. 319).

²³ COYLE, *op. cit.*, p. 112. (O fundador do Movimento Apostólico de Schoenstatt não apenas entende esta passagem como prenúncio do papel co-redentor de Maria, citando-a enquanto segunda-Eva, como também, no “Terceiro Documento de Fundação”, por exemplo, precisamente na conferência do dia 08 de dezembro, refere-se explicitamente ao Proto-evangelho e ao Apocalipse para comprová-lo, como se observa: *Como Auxiliar oficial e permanente de Jesus na Obra da Redenção, como segunda Eva, com seu Esposo, ela assumiu os cuidados pela redenção do mundo. Com Cristo, Maria Santíssima é capaz de destruir o reino de Satanás e aniquilar todas as suas obras, pois ela é o ‘Grande Poder Anti-diabólico’, como no-la apresentam o Proto-evangelho e o Apocalipse.* (cf. Anexo C))

à custa de Eva, pois demonstra que ao passo que a resposta de Eva ao mandamento divino foi a desobediência, produzindo-se a morte, Maria obedeceu a Deus, tornando-se a mãe do Salvador. Ou seja, por meio da obediência à vontade de Deus, ela revogou a desobediência de Eva, tornando-se a virgem mãe de Deus.²⁴

E, ainda, concordando com Mircea ELIADE e Carl JUNG, não podemos negligenciar que, se os mitos contam à sua maneira uma experiência primordial e fundadora, não é de se estranhar que a maioria deles veicule histórias nas quais possamos encontrar traços da força materna em períodos que a comunicação de um lado a outro do planeta era impraticável, pois a experiência coletiva simbólica primitiva e a experiência primordial biológica se reforçam mutuamente para criar a imagem da mãe todo-poderosa, benéfica e/ou maléfica.²⁵

Desta maneira, podemos afirmar que a única representação da Mulher que não sofreu modificações desde que a História registrou a imagem feminina foi aquela com que a Mãe Natureza lhe consagrou a forma e o gênero: mamas, sexo e útero. A associação entre mulher e natureza e, conseqüentemente, feminilidade, fecundidade e fertilidade, povoaram o imaginário de nossos antepassados que acabaram por atribuir aos três “Fs”, explícita e firmemente, poder, enriquecendo, assim, seus céus de divindades portadoras dessa força.

²⁴ Este tema foi introduzido por Justino Mártir (†165), mas o expoente máximo da prefiguração de Maria foi Irineu, que acaba inserindo naturalmente o uso dessa figura no contexto de toda sua teologia: *Embora Justino Mártir, Irineu e Tertuliano desenvolvam este simbolismo com grande embelezamento, é Irineu quem imprime a idéia na mente da cristandade.* (Ibidem, p. 112-113).

²⁵ Resumidamente, poderíamos complementar as afirmações contidas nesse parágrafo, remetendo-nos às seguintes afirmações: segundo ELIADE, [...] *apesar de suas modificações ao longo do tempo, os mitos dos ‘primitivos’ reflectem ainda uma condição primordial*, que para JUNG relaciona-se ao que ele denomina “símbolos naturais”, derivados dos conteúdos inconscientes da psique, que representam um número imenso de variações das imagens arquetípicas essenciais. Em relação a Maria, por exemplo, JUNG considera-a sob quatro ângulos: *o primeiro, como imagem do arquétipo ‘anima’; o segundo, como expressão do arquétipo da mãe; o terceiro em seu relacionamento entre trindade e quaternidade e, finalmente, o quarto, a relevância do dogma da assunção de Maria ao céu em corpo e alma.* (cf. respectivamente: ELIADE, M. *Aspectos do mito*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989, p. 12; e, BOFF, L. *O rosto materno de Deus*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 245).

Mas, se essa representação não apresentou intervenções diretas e/ou alterações, de resto, sempre a imagem da Mulher variou conforme a função que lhe conferiu o seu parceiro genesíaco - o Homem – no espaço, no tempo e no modo que ele geriu a partir do momento simbólico em que Javé-Deus lhe concedeu o privilégio de ser a primeira criatura da humanidade.²⁶

Com essa imagem fundadora – que se repete entre povos com ou sem História escrita e se encontra nas chamadas grandes religiões, como o cristianismo, o judaísmo e o islamismo – começou o destino histórico de muitas mulheres e homens: Adão encontrava-se só no Paraíso terreal, Javé entendeu que ele precisava de uma companheira para o auxiliar e resolveu criar Eva, feita de carne da sua carne, a partir de uma costela. Contudo, porque Eva não resistiu à sedução da Serpente e deu de comer ao companheiro o fruto da árvore proibida – a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal - Deus puniu o casal com extrema severidade, condenando Adão, a adquirir o pão com o suor do rosto e Eva, a ser dominada por Adão, a ter multiplicados os trabalhos da gravidez e a dar à luz os filhos, com dor. Em Eva o castigo é triplo porque ela se deixou seduzir, buscou o prazer e o partilhou com Adão.²⁷

²⁶ *Começamos a compreender hoje algo que o século XIX não podia nem mesmo pressentir: que o símbolo, o mito, a imagem pertencem à substância da vida espiritual, que podemos camuflá-los, mutilá-los, degradá-los, mas que jamais poderíamos extirpá-los. [...] O pensamento simbólico não é uma área exclusiva da criança, do poeta ou do desequilibrado: ela é consubstancial ao ser humano; precede a linguagem e a razão discursiva. O símbolo revela certos aspectos da realidade - os mais profundos – que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. As imagens, os símbolos e os mitos não são criações irresponsáveis da psique; elas respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser. [...] ‘Traduzir’ as Imagens em termos concretos é uma operação vazia de sentido [...]. A ‘origem’ das Imagens é igualmente um problema sem objeto [...]. Filosoficamente, estes problemas da ‘origem’ e da ‘verdadeira tradução’ das Imagens são desprovidos de objeto. [...] as Imagens são, por suas próprias estruturas, ‘multivalentes’. [...] É então a Imagem em si, enquanto conjunto de significações, que é ‘verdadeira’, e não ‘uma única das suas significações’ ou ‘um único de seus inúmeros planos de referências’. [...] A história das religiões é abundante em interpretações unilaterais e, conseqüentemente, aberrantes de símbolos. (ELIADE, M. *Imagens e Símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 7-9; 11-12).*

²⁷ *Nessa passagem do Gênesis, curiosamente há uma idéia, aliás desconhecida, [que] destaca-se dessa proibição: ‘o valor existencial do conhecimento’. Em outros termos, a ‘ciência’ pode modificar radicalmente a estrutura da ‘existência’ humana. Entretanto a serpente conseguiu tentar Eva. ‘Bem podeis estar seguros que não haveis de morrer: porque Deus sabe que tanto que vós comerdes desse fruto, se abrirão vossos olhos: e sereis como uns deuses conhecendo o bem e o mal’ (3:4-5). Esse episódio, deveras misterioso, deu lugar a inúmeras interpretações. O pano de fundo lembra um símbolo mitológico muito conhecido: a Deusa nua, a árvore milagrosa e o seu guardião, a Serpente. Entretanto, em vez de um herói que triunfa e se apodera do símbolo da vida (fruto milagroso, fonte da juventude, tesouro etc.), o relato bíblico apresenta Adão, vítima*

No Gênesis²⁸, a maldição do ato de procriar atinge Eva e apenas ela, tornando-a protagonista culpada da união carnal, influenciando negativamente o destino – o seu e o das suas descendentes – de esposa e de mãe, logo

*cada ser histórico traz em si uma grande parte da humanidade anterior à História [e] o simbolismo bíblico e cristão, ainda que carregado de um conteúdo histórico no fim das contas ‘provincial’ – pois toda história local é provincial diante da história universal considerada como um todo – permanece, no entanto, universal como todo símbolo coerente.*²⁹

Porém, em contraposição à Eva impõe-se a Ave. Maria torna-se o antítipo de Eva, emergindo como uma promessa e uma possibilidade concretas a uma nova humanidade. Fonte de grande inspiração, mais que qualquer outra mulher, para um grande número de pessoas, mesmo que as referências explícitas do Novo Testamento a ela sejam poucas e breves e as várias afirmações do Velho Testamento, ainda que tipológicas e/ou alegóricas, foram interpretadas como concernentes a Maria, praticamente desde os primeiros tempos depois do nascimento de Jesus, o pensamento cristão passou a se concentrar sobre seus significados mais profundos e suas potenciais implicações.

Assim, de qualquer forma, entre os cristãos, como já foi mencionado anteriormente, a partir dos séculos II e III, haverá uma recorrência e uma discussão constantes no que se refere ao paralelo entre Maria e Eva, considerando-se que esse se tornou foco principal de dois aspectos importantes da vida e do pensamento, ou seja, *o sentido do tempo (se é que há algum) e a história da humanidade, abrangendo a definição*

*ingênua da perfídia da serpente. Temos, em síntese, uma ‘imortalização’ malograda, como a de Gilgamesh. Pois, uma vez onisciente, igual aos ‘deuses’, Adão podia descobrir a Árvore da Vida (da qual Javé não lhe havia falado) e tornar-se imortal. O texto é claro e categórico: ‘Javé Deus disse: -Eis aqui está feito Adão como um de nós, conhecendo o bem e o mal. Mas agora, que ele não lance a mão, e tome do fruto da árvore da vida e coma dele, e viva eternamente.’ (3:22) E Deus pôs o casal fora do Paraíso e condenou-o a trabalhar para viver. E, a partir de então, passamos a herdar o “pecado original”. (ELIADE, M. *Histórias das Crenças e das Idéias Religiosas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, tomo I, v. 1, p. 197-198).*

²⁸ BÍBLIA, *op. cit.* (cf. Gênesis 3,16: *Disse [Deus] também à mulher: ‘Multiplicarei os sofrimentos do teu parto; darás à luz com dores, teus desejos te impelirão para o teu marido e tu estarás sob o seu domínio.’*)

²⁹ ELIADE, *op. cit.*, 1996, p. 9 e 168.

do que significa pertencer à raça humana.³⁰ Especificamente, a partir do início do século III, há um contínuo interesse em traçar um contraponto entre Eva e Maria, objetivando-se, com isso, enfatizar as virtudes em Maria.

Irineu (±130 - ±200 d.C.), bispo de Lyon, por exemplo, formulou um notável paralelo entre Eva e Maria – um dos mais inovador e empolgante – em dois escritos de sua autoria, “Contra as heresias” e “Prova da pregação apostólica”, explicando que a obediência da virgem Maria resgatou a desobediência da virgem Eva, devolvendo a vida à humanidade, como nos descreve PELIKAN:

*‘Foi precisamente por meio de uma virgem transgressora [Eva] que a humanidade foi ferida e tombou, mas foi por outra Virgem [Maria] que, por ter obedecido à palavra de Deus, a humanidade ressuscitada recebeu a vida. Porque o Senhor [Cristo] veio para recuperar suas ovelhas perdidas, e estas eram a humanidade que estava perdida; e Ele não assumiu outro aspecto, mas a exemplo dela [isto é, Maria] também era descendente de Adão e preferiu preservar a semelhança de seu aspecto, porque Adão precisava necessariamente ser restaurado em Cristo para que a mortalidade fosse absorvida pela imortalidade. ‘E Eva foi [restaurada] em Maria porque uma virgem, tornando-se advogada de outra virgem, deveria resgatar a virginal transgressão por meio da virginal obediência’.*³¹

Mais uma vez, idéias essenciais como virgindade, desobediência e morte são contrabalançadas por virgindade, obediência e vida. Na verdade, a imagem da mulher foi se formando por dois protótipos: Eva e Maria. De um lado, Eva, mulher infiel, vulnerável, irracional, emocional, erótica, vivendo pela experiência dos sentidos e não pela mente e pela razão, por isso presa fácil da sedução do demônio;³² de outro, Maria,

³⁰ PELIKAN, J. *Maria através dos séculos: seu papel na história da cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 63.

³¹ *Ibidem*, p. 67-68.

³² Desde que Eva comeu o pomo proibido oferecido pela serpente, a Igreja, na realidade, nunca mais deixou de considerar a mulher e a serpente como as maiores representações sobre o mal. A abundante literatura misógina publicada desde a Idade Média e o folclore relacionado com o réptil, os atesta. Não menos eloqüentes são os exemplos relativos às serpentes, símbolo de Satanás, desde o Antigo Testamento. (Para algumas considerações a respeito da relação e do rígido embate travado, no século XII, à sombra do poder crescente da Igreja do Ocidente com vistas a submeter as mulheres ao seu jugo, qualificando-as negativamente, ao compará-las, de forma insistente, a Eva, culminando na conquista e no domínio do corpo e do “espírito” das mesmas, cf. DUBY, G. *Eva e os padres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001).

virgem, esposa, mãe, viúva, rainha, fonte de sabedoria, obediente à voz divina, modelo perfeito de fidelidade e de fé, tabernáculo de Deus, imaculada conceição, mediadora de todas as graças, co-redentora, quer dizer:

À figura da Eva, instrumento de tentação e de pecado para o homem, contrapunha-se a imagem de Maria, 'cheia de graça'. Enquanto Eva se transformara na causa da 'desgraça' humana, Maria, como 'mãe de misericórdia', constituiu-se na 'esperança' de salvação para a humanidade decaída. Mediante a sua proteção materna, os homens, 'depois deste desterro', poderiam viver eternamente na companhia de Jesus.³³

Pode-se, portanto, afirmar, que juntamente com Eva, com quem foi constantemente comparada de modo contrastante como a segunda Eva, Maria, em virtude do papel que desempenhou na história dos últimos vinte séculos, mais que qualquer outra mulher da história ocidental, por representar e incorporar o ideal feminino na tradição da fé cristã, foi e é tema de reflexões e discussões a respeito do que significa ser mulher e, conseqüentemente, as sutilezas e complexidades da interpretação de sua pessoa e de suas ações. Mas ainda,

outro aspecto importante do significado histórico de Maria é o relacionado com sua função como símbolo das qualidades que tradicionalmente encontraram expressão na mulher e pelas quais Deus é louvado por estar além de qualquer gênero. [...] Outra dimensão de sua significância psicológica foi pedagógica. Ao longo da maior parte da história da educação cristã, pelo menos até a Reforma, as vidas dos santos serviam como modelos de caráter, e, entre esses, a vida de Maria ocupava uma posição ímpar que correspondia ao papel por ela exercido no plano de Deus. Cada uma das virtudes cristãs – ou, como eram designadas com freqüência, 'virtudes teológicas' – definidas no Novo Testamento ('fé, esperança e caridade, essas três') e também as quatro virtudes clássicas – ou 'virtudes fundamentais' – definidas por Platão e depois incorporadas na Sabedoria de Salomão ('temperança, prudência, justiça e coragem') encontraram personificação especial em Maria. Juntas, essas sete virtudes se constituíam no fundamento do ensino moral. Porém nos santos, e em grau especial na Virgem Maria, essas virtudes não deviam ser apenas admiradas e apreciadas, mas também imitadas. [...] Acima de tudo, ela serviu como modelo da virtude fundamental do cristianismo [...], a humildade. [...] A importância de Maria não era relacionada apenas à sua moralidade e à sua vida. Em um dos mais

³³ AZZI, R. *A cristandade colonial: mito e ideologia*. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 101.

*dramáticos reveses na história das idéias, essa simples camponesa de Nazaré se tornou objeto da mais sublime e extravagante pesquisa teológica [...].*³⁴

Não se intenciona questionar o papel pejorativo ou não que a figura de Maria possa ter causado à maioria das mulheres ocidentais no transcorrer de muitos séculos,³⁵ tendo em vista que

*houve uma exploração mariológica no sentido que interessava ao poder machista: apresentar Maria apenas como aquela mulher que diz 'sim' (Fiat), que se resigna a fazer a vontade de Deus, que se esconde nos afazeres caseiros, na modéstia e anonimato.*³⁶

Antes, procurar-se-á recuperar a dimensão e os significados que envolvem a figura de Maria para as pessoas vinculadas ao cristianismo, precisamente, às pessoas vinculadas ao culto mariano, que valorizam significativamente esta personificação. Sabe-se que, na verdade, *a Maria da história, dado o caráter das fontes nos é vedado. O que encontramos é sempre fato associado à teologia, acontecimento histórico ligado a uma interpretação de fé.*³⁷

E, em nosso caso, o Movimento Apostólico de Schoenstatt nos oferece três documentos, objetos de análise no trabalho, que são inteiramente perpassados pela figura de Maria. Afinal, é um movimento mariano e, conseqüentemente, têm em Maria

³⁴ PELIKAN, *op. cit.*, p. 296-299 passim.

³⁵ Algumas estudiosas feministas, por exemplo, *sugerem que o simbolismo Eva-Maria devia morrer. Exaltar Maria à custa de Eva é fazê-lo à custa de todas as mulheres. Colocá-la em um pedestal, como a santa virgem e mãe e pô-la em contraste com a Eva pecadora, o símbolo de todas as mulheres comuns, torna difícil fechar a brecha entre a mulher comum e Maria.* Portanto, se a imagem de Eva inspirou o desprezo em relação às mulheres, a de Maria inspirou, através dos séculos, um movimento de exaltação que pode ser a origem da promoção da mulher, mas também da negação de sua realidade concreta e individual, em benefício de um ideal etéreo. (COYLE, *op. cit.*, p. 116).

³⁶ BOFF, *op. cit.*, 2000, p. 45.

³⁷ *Ibidem*, p. 121.

um exemplo e um modelo. Sem mencionar a recorrência do fundador a um dos temas fundamentais da tradição mariana que persiste, o paralelismo Eva/Maria.

Conceitos e dogmas referentes à Maria são citados constantemente nesses documentos, que são conferências realizadas por Kentenich. Assim, acredita-se que a discussão dos mesmos nos auxiliará em uma melhor compreensão acerca das principais idéias desse movimento iniciado em Vallendar. Por isso, apoiando-nos nessas constatações, seguem-se problematizações imprescindíveis.

1.2 Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt

Nascido no seio da Igreja Católica, o Movimento Apostólico de Schoenstatt foi anunciado antecipadamente pelo fundador, Pe. Josef Kentenich, para um grupo dissidente do Seminário Menor Palotino, situado nos arredores de Vallendar, em 1912. Mas, o primeiro acontecimento marcante e irreversível na história de Schoenstatt foi a fundação de sua Obra em 18 de outubro de 1914.

Desde o início, Schoenstatt caracterizou-se por ser um movimento que apresenta a figura de Maria como mãe, modelo e educadora. Já os primeiros membros, juntamente com padre Kentenich, consagraram-se, em 1915, à mãe de Deus, firmando-se com a virgem o que denominaram uma “Aliança de Amor”.

Foi ainda neste ano de consagração, que o fundador resolveu batizar o quadro de Maria que havia sido colocado sobre o altar da capela de St. Michael, com o nome de “*Mater Ter Admirabilis – Mãe Três Vezes Admirável*”.

Aos congregados menores, parecendo estranho o nome escolhido, questionaram a sua origem. E, de acordo com TREVISAN, a explicação de padre Kantenich teria se baseado nos seguintes acontecimentos:

*É que há dias, por acaso, caíra nas mãos do Pe. Espiritual um livro intitulado: ‘O Pe. Rem e suas conferências marianas’, do jesuíta Pe. Hattler. O conteúdo da obra era o seguinte. No século XVI, começo da Renascença, vivia em Ingolstadt, pequena cidade da Alta Baviera, às margens do Danúbio, um piedoso jesuíta, Pe. Jacó Rem. Considerado o grande valor de ter Maria SSma. como Educadora, reuniu um grupo de jovens da nobreza, a que deu o nome de Congregação Mariana (Colloquium Marianum). De há muito, Pe. Rem vinha rogando à SSma. Virgem lhe desse a conhecer o título de preferência, sob o qual mais gostaria de ser invocada. Dia 6 de abril de 1604, segunda-feira da Semana Santa, quando o Coro dos congregados de Ingolstadt, reunido em sua capelinha particular, cantavam as ladainhas lauretans, Pe. Rem teve uma visão. Quando voltou a si, Sickemberg cantava a invocação: ‘Mater Ter Admirabilis’. Rogou-lhe Pe. Rem a repetisse pela segunda e terceira vez, mostrando ser este o título mais do agrado de Maria. A partir de então, a SSma. Virgem entrou a ser invocada sob o título da ‘Mater Ter Admirabilis’. A Congregação Mariana de Ingolstadt tornou-se uma verdadeira escola de dirigentes, irradiando de suas fileiras um movimento extraordinário de renovação espiritual, não só para Baviera, mas também para toda a Alemanha e outras partes da Europa, então assoladas pelo protestantismo. Ainda hoje se encontram em muitos lugares do Velho Mundo Igrejas dedicadas à Mãe Três Vezes Admirável de Ingolstadt.*³⁸

³⁸ TREVISAN, V. *Movimento Apostólico de Shoenstatt: Introdução histórica*. Santa Maria: Pallotti, [198?], v. 1, p. 89. (Encontrou-se ainda, em um pequeno livro sem referência, uma outra explicação - que, necessariamente, não contradiz a anterior, antes a complementa -, segundo a qual, no santuário de Schoenstatt, Maria seria venerada como “Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt”. Mãe, porque nos foi dada como tal por Jesus agonizante na cruz. Suas palavras foram: ‘-Eis aí tua Mãe!’ Rainha, porque está acima de todas as criaturas por sua dignidade de Mãe de Deus. Deus a fez Imaculada, concebida sem o pecado original, cheia de graça, ou seja, a presença pessoal e viva do próprio Deus dentro da vida. Depois de sua Assunção ao céu foi coroada como Rainha do céu e da terra. É Rainha porque é a Mãe de Cristo, o Rei do Universo. E, Vencedora, em virtude do poder que Deus lhe concedeu de vencer e triunfar em todas as batalhas contra os poderes diabólicos. [...] Ela é TRÊS VEZES ADMIRÁVEL pela grandeza de sua posição junto a Deus Trino: 1º como Mãe de Deus, 2º como Mãe do Redentor e 3º como Mãe dos remidos. De SCHOENSTATT – porque o lugar que Deus escolheu para estabelecer esse Santuário se chama Schoenstatt. O que poderia ser confirmado no “Segundo Documento de Fundação”, no qual se lê: *Sim, Ela se comprovou como Mãe e Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt: admirável em poder, bondade e fidelidade; como Mãe de Deus, Mãe do Redentor e Mãe dos remidos.* (cf. Anexo B))

Assim, deparando-nos com esta explicação, resta-nos constatar que a menção ao sagrado refere-se a uma experiência da presença de uma potência ou de uma força sobrenatural que pode habitar pessoas, lugares, coisas. O sagrado não seria uma coisa em si, uma eficácia das coisas, mas a sua nomeação como tal. Uma experiência simbólica da diferença entre os seres, da superioridade e do poderio de alguns sobre outros, superioridade e poder sentidos como espantosos, misteriosos, desejados e temidos: *o sagrado não é um círculo de saber, mas um círculo de poder,*³⁹ onde tudo pode se transformar. Ao adentrarmos o mundo sagrado,

*descobrimos que uma transformação se processou: agora a linguagem se refere a 'coisas invisíveis', coisas para além de nossos sentidos comuns, as quais, segundo a explicação, somente os olhos da fé podem contemplar. [...] O sagrado se instaura ao poder do invisível.*⁴⁰

A religião organiza o espaço e lhe dá qualidades culturais, diversas das simples qualidades naturais. Conseqüentemente, as várias referências à figura de Maria feitas pelo padre Josef Kentenich, que percorrem os documentos de fundação do Movimento Apostólico de Schoenstatt, processam-se em uma linguagem de “coisas invisíveis”, contempladas que estão pelos “olhos da fé” de seus congregados e, posteriormente, de todos aqueles, leigos ou não, homens e mulheres, que se vinculem ao movimento.

Para essas pessoas, a vida da Virgem, com a exceção da Assunção ao céu, é festejada na liturgia por acontecimentos que estão relacionados com a procriação, muitos deles em clara oposição ao destino de Eva. A dignidade eminente de Maria reside no fato de ser a mãe de Deus encarnado, não apenas em um sentido físico-biológico mas, sobretudo, em um engajamento pessoal e livre por parte da virgem. Sua resposta espontânea à vontade de Deus na Anunciação fez de Maria uma colaboradora do Pai e um exemplo de liberdade.

³⁹ ALVES, R. *O que é religião?* 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000, p. 65.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 26-27.

Desta maneira, o corpo de Maria não segue as regras de um corpo comum. A Imaculada Conceição, por exemplo, estabelece-a como o único ser privado do estigma do pecado original – embora esta idéia tenha sido objeto de apaixonadas discussões durante toda a Idade Média e mesmo em períodos anteriores –, pois dá seu filho ao mundo mantendo-se virgem.

A Anunciação e a Visitação sublinham a concepção espiritual, o nascimento de Cristo, a manutenção do estado virginal, a Purificação no Templo, a humildade da serva, como podemos vislumbrar em uma clássica passagem de Lucas:

No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem que se chamava José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. Entrando, o anjo disse-lhe: 'Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo'. Perturbou-se ela com estas palavras e pôs-se a pensar no que significaria semelhante saudação. O anjo disse-lhe: 'Não temas, Maria, pois encontraste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus. Ele será grande e chamar-se-á Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi; e reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu reino não terá fim'. Maria perguntou ao anjo: 'Como se fará isso, pois não conheço homem?' Respondeu-lhe o anjo: 'O Espírito Santo descenderá sobre ti, e a força do Altíssimo te envolverá com a sua sombra. Por isso o ente santo que nascer de ti será chamado Filho de Deus. Também Isabel, tua parenta, até ela concebeu filho na sua velhice; e já está no sexto mês aquela que é tida por estéril, porque a Deus nenhuma coisa é impossível'. Então disse Maria: 'Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra'. E o anjo afastou-se dela.⁴¹

Aos devotados a Maria, este trecho confirmava ter havido uma “autocomunicação” única e direta do Espírito Santo à virgem, fazendo com que ela e diversas funções relacionadas à realidade da mulher começassem a ser divinas. Desta maneira, a virgindade, a maternidade, a concepção, a parturição, seriam divinas por força do Espírito Santo e, em virtude dessa interferência, a criança nascida seria filha de Deus, ou seja, uma maternidade transcendente que não poderia ser reduzida a um dado meramente genital e biológico.

⁴¹ BÍBLIA, *op. cit.* (cf. Lc 1, 26-38.)

Baseando-se nisso, para essas pessoas seria duplamente inquestionável o título de mãe de Deus a Maria *primeiro, porque teria sido assumida pelo Espírito Santo que divinizou sua maternidade, segundo, porque gerou o Filho eterno que também divinizou a maternidade de sua mãe Maria.*⁴²

O sentido do dogma da maternidade divina de Maria se apoiaria no fato dela ser mãe de Deus porque gerou o Deus humanizado, o Deus encarnado, quer dizer, não era permitido negar-lhe a maternidade divina porque implicaria na negação da real encarnação de Deus. Para os fiéis, Maria, ao ter gerado não apenas a carne de Deus mas o Deus na carne, ou seja, um homem que é Deus (maternidade divina) e um Deus que é verdadeiramente homem (maternidade humana), colocou-se *no ponto de intersecção do projeto de Deus e do projeto do ser humano*,⁴³ possibilitando a redenção de todos, por meio do filho de Deus, feito homem, pela sua carne.

Esses conceitos, não obstante considerados fundamentos básicos do pensamento cristão sobre Maria, em toda a história, notadamente entre os séculos IV e V, como mencionado anteriormente, foram marcados por visíveis paradoxos: virgem e mãe, mãe humana de Deus – *Theotokos*. Sobretudo em relação a este título – *Theotokos* – as discussões se acirraram com as declarações feitas por Nestório, patriarca de Constantinopla a partir de 428, que ensinava, segundo os escritos de BOFF, que

entre o Filho eterno e o Jesus histórico não vigorava uma ligação consubstancial, indivisível e inconfundível. Havia sim uma ligação profunda, até maior do que aquela entre Deus e a alma dos justos, mas jamais tão forte que se pudesse afirmar que o único e mesmo Jesus era simultaneamente Deus e homem. Permanecia entre Deus e o homem Jesus certa justaposição. Em razão desta doutrina Nestório

⁴² BOFF, L. *A ave-Maria: o feminino e o Espírito Santo*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 77.

⁴³ Idem, *op. cit.*, 2000, p. 166. (Em sua conferência do dia 18 de outubro de 1939, posteriormente conhecida como “Segundo Documento de Fundação”, padre Kentenich também faz essa referência a Maria enquanto “ponto de intersecção”, ao afirmar que *ela é para nós, em sua perfeição pessoal, o ponto clássico de intersecção da natureza e sobrenatureza; é a singular corporificação da harmoniosa união entre natureza e graça, e por isso, representante e garantia de uma ascese e pedagogia orgânica.* (cf. Anexo B))

*deduzia que Nossa Senhora não poderia ser chamada de Mãe de Deus mas somente de Mãe de Cristo (Christotókos).*⁴⁴

Mas, vencendo o que a devoção ortodoxa afirmava e, como se observou antes, ainda afirma, em 431, um concílio, de bispos cristãos reunidos em Éfeso, proclamou solenemente

*ser um dever obrigatório a todos os crentes atribuir a Maria o título de Theotokos, tornando dogmaticamente oficial aquilo que a devoção ortodoxa já afirmara. Nas palavras do primeiro ‘Anatematismo’ de Cirilo de Alexandria contra Nestório: ‘Se alguém não confessar que Emanuel é verdadeiramente Deus e que portanto a Santa Virgem é a mãe de Deus [Theotokos] – pois ele dela nasceu de modo carnal e como a Palavra de Deus revestida de carne – que seja excomungado’.*⁴⁵

Portanto, convocado para decidir uma complexa controvérsia entre Nestório, bispo de Constantinopla, e Cirilo, patriarca de Alexandria, o Concílio de Éfeso, o terceiro concílio ecumênico da Igreja, concluiu que se Jesus Cristo é o Verbo de Deus encarnado, então aquela que o deu à luz pode ser chamada Mãe de Deus, *Theotokos*. Conseqüentemente, *a doutrina de Nestório foi condenada. A vitória de Cirilo de Alexandria sobre ele e seus adversários assegurou o sucesso do culto de Maria, porque enfatizou seu papel singular como Mãe de Deus.*⁴⁶

Com isso, mais tarde, o Ocidente aceitou esse título e qualificou-o no Concílio de Calcedônia, realizado em 451. Enfatizando a unicidade do Verbo feito carne com toda a humanidade, esse concílio declarou que a maternidade de Maria era genuína e verdadeira. Assim, o que o Concílio de Éfeso havia declarado solenemente, o de Calcedônia explicou em declaração dogmática explícita. Aliás,

⁴⁴ Idem, *op. cit.*, 1998, p. 76.

⁴⁵ PELIKAN, *op. cit.*, p. 84 - 85.

⁴⁶ COYLE, *op. cit.*, p. 40.

ao contrário de outros dogmas marianos, a maternidade divina de Maria tem profundas e sólidas raízes bíblicas. O Novo Testamento refere-se a Maria como mãe nada menos de vinte e cinco vezes, enquanto apenas dois textos referem-se a ela como virgem (Lc 1,27 e Mt 1,23).⁴⁷

A doutrina sobre a virgindade de Maria e sua concepção virginal de Jesus⁴⁸ declara que Cristo nasceu de uma virgem chamada Maria por obra do Espírito Santo, sem intervenção de um pai humano. Nessa “maternidade virginal” de Maria, mitos, símbolos e arquétipos se entrecruzam. Para alguns, a virgindade de Maria simboliza sua independência criadora (grandes deusas de religiões antigas eram com frequência descritas como virgens e independentes) e não uma rejeição de sua sexualidade.

Em relação ao mito, tem-se o paraíso perdido recuperado e concretizado na figura da virgem e, simbolicamente

na sensibilidade da fé, é muito mais do que um fenômeno miraculoso de biologia humana. Para a nossa arqueologia interior, a virgem constitui o arquétipo do inteiro, do completo, do ainda não tocado, do natural, do saído inteiro das mãos do criador. Simboliza a vida em sua imortalidade e nascividade ainda não contaminada [...]. [...] Ela emerge como uma promessa e uma possibilidade. [...] Maria concretiza o arquétipo da criação santa face ao absoluto Mistério, nosso futuro e sentido.⁴⁹

Além de referir-se a Maria como virgem e mãe de Deus nos documentos de Schoenstatt, padre Josef Kentenich também utilizou-se de um aparente paradoxo vinculado a essa imagem, manipulando-os ao seu bel prazer, ao exigir dos congregados

⁴⁷ Ibidem, p. 41.

⁴⁸ Ao todo são quatro os dogmas marianos, sendo os dois primeiros, a maternidade divina de Maria e sua virgindade, considerados “dogmas antigos”, ao passo que os outros dois, a imaculada concepção e a assunção, “dogmas modernos”. No que se refere a esse segundo dogma, de acordo com COYLE, *o cristianismo era unânime na convicção de que Jesus foi concebido virginalmente, isto é, sem o envolvimento de pai humano. ‘Para a massa de cristãos, essa era uma doutrina não-examinada, mas tida como certa’. Embora estivesse presente na tradição cristã, a crença que Maria foi virgem antes, durante e depois do nascimento de Jesus só recebeu ‘status’ oficial no Concílio de Latrão, no ano de 649. Tornou-se doutrina solene no ano de 1555, com a Constituição ‘Cum Quorundam’, de Paulo IV. (Ibidem, p. 46).*

⁴⁹ BOFF, *op. cit.*, 2000, p. 252 – 253.

coragem e servilidade como as de Maria. Poderíamos mencionar vários exemplos inseridos em qualquer um dos documentos. Por ora, citemos três trechos, retirados do “Segundo Documento de Fundação” do Movimento Apostólico de Schoenstatt, datado de 18 de outubro de 1939, que comprovem o uso do paradoxo:

Sim, Ela se comprovou como a Mãe e Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt: admirável em poder, bondade e fidelidade [...]; [...] Com este ato, repetimos o “Fiat” e o “Ecce Ancilla Domini”, que a Mãe de Deus pronunciou na cena da Anunciação. Nessa hora ela se declarou pronta a aceitar cegamente tudo o que estivesse incluído em sua maternidade, inclusive os golpes do destino permitidos e desejados por Deus. [...] Consumiu toda a sua vida a serviço daquele que a escolhera por sua Mãe, Esposa e Auxiliar. Por isso seus interesses foram relegados ao segundo plano. Ela conheceu somente um objetivo: O Redentor do mundo e sua obra; [...] Colocando nossa vida inteiramente ao dispor da Mãe de Deus, de modo semelhante ela também nos presenteia a si mesma: dar-nos-á seu braço poderoso — expressão da Onipotência Suplicante; dar-nos-á o Filho que traz em seus braços, as Línguas de Fogo sobre a cabeça, o Ave no ouvido, o Magnificat nos lábios e a sétupla espada no coração.⁵⁰

Maria não é formada apenas pela face da docilidade, da humildade e da submissão, ao contrário, é uma figura que também pode se apresentar ativa, decidida e corajosa.⁵¹

Podemos perceber claramente na citação acima a dubiedade característica à figura de Maria mesmo que para isso nos limitemos unicamente, por exemplo, a explicar determinados termos utilizados pelo fundador neste trecho.

Ainda que em um primeiro momento Josef Kentenich mencione a maternidade e, conseqüentemente, o que essa escolha acarretou a Maria – passividade, entrega, doação e uma vida inteira de dedicação e de serviço incondicional a seu filho – ao

⁵⁰ Cf. Anexo B.

⁵¹ Em seu artigo, MURAD expõe que *coube à Teologia da Libertação e à teologia feminista recolocar de forma ímpar a figura de Maria no horizonte teológico, ao superar estes estereótipos e destacá-la como mulher forte, primeira seguidora de Jesus na causa do Reino de Deus, profetisa de seu povo, imagem do Novo Povo de Deus em busca de libertação.* (MURAD, A. A mãe-Maria e o amor materno. Ensaio de teologia existencial e multidisciplinar. In: *REB*, São Paulo, v. 56, n. 223, set. 1996, p. 531).

final, se considerássemos em separado as simbologias empregadas pelo padre, seríamos surpreendidos com os significados das mesmas, ou seja, com a força e com o poder relacionados à *Theotokos*, pois

*o braço é o símbolo da força, do poder, do socorro concedido, da proteção. É também instrumento da justiça: o braço secular inflige aos condenados seu castigo. [...] As línguas de fogo ('Atos dos Apóstolos, 2, 3') simbolizam o Espírito Santo, considerado enquanto força de luz. O 'dom das línguas' permite aos beneficiários, quando da recepção do Espírito Santo, exprimir-se nas línguas mais diversas com um poder invencível. [...] A cabeça geralmente simboliza o ardor do princípio ativo. Abrange a autoridade de governar, ordenar, instruir*⁵².

Assim, são várias as faces que constituem a mãe de Deus e, diante deste fato, padre Kentenich não hesita em fazer uso indiscriminado das mesmas, o que se observa, por exemplo, em outras passagens desse mesmo documento datado de 18 de outubro de 1939:

*A 'ela' [Maria] devemos o delicado sentido para a pureza e intangibilidade, o sentido para o desdobramento da paternidade ou maternidade nobre e fecunda [...]. [E/ou] Ela cuidou que, apesar de constantes fracassos, tivéssemos a coragem de, persistentemente, estender as mãos às estrelas. [...] Ela zelou para que interpretássemos todas as dificuldades da época, como tarefas, e as assumíssemos corajosamente.*⁵³

Na mariologia, freqüentemente, acentuou-se o caráter passivo e subserviente de Maria referindo-se a ela como aquela mulher que diz “sim” (*Fiat*) perante a vontade de Deus e coloca-se como sua serva (*Ecce Ancilla Domini*). Contudo, não se pode dizer que o outro lado tenha sido inteiramente esquecido. Essa outra dimensão foi recordada, por exemplo, pela encíclica de Paulo VI, *Marialis cultus*, que se preocupa, entre outras coisas, com as alterações e especificidades históricas e culturais de tempo e

⁵² CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999, p. 140; 826 e 152.

⁵³Cf. Anexo B.

lugar, observando a situação mudada das mulheres na sociedade contemporânea, o que influencia bastante a devoção mariana:

Assim, para dar alguns exemplos: a mulher contemporânea, desejosa de participar com poder de decisão nas opções da comunidade, contemplará com íntima alegria a Virgem Santíssima, que, assumida para o diálogo com Deus, dá o seu consentimento ativo e responsável (LG 56), não para a solução dum problema contingente, mas sim da 'obra dos séculos' como foi designada com justeza a Encarnação do Verbo; (65) dar-se-á conta de que a escolha do estado virginal por parte de Maria, que no desígnio de Deus a dispunha para o mistério da Encarnação, não foi um ato de fechar-se a qualquer dos valores do estado matrimonial, mas constituiu uma opção corajosa, feita para se consagrar totalmente ao amor de Deus; verificará, com grata surpresa, que Maria de Nazaré, apesar de absolutamente abandonada à vontade do Senhor, longe de ser uma mulher passivamente submissa ou de uma religiosidade alienante, foi, sim, uma mulher que não duvidou em armar que Deus é vingador dos humildes e dos oprimidos e derruba dos seus tronos os poderosos do mundo (cf. Lc 1,51-53); e reconhecerá em Maria, que é 'a primeira entre os humildes e os pobres do Senhor' (LG 55), uma mulher forte, que conheceu de perto a pobreza e o sofrimento, a fuga e o exílio (cf. Mt 2,13-23), situações, estas, que não podem escapar à atenção de quem quiser secundar, com Espírito evangélico, as energias libertadoras do homem e da sociedade; e não lhe aparecerá Maria, ainda, como uma mãe ciosamente voltada só para o próprio Filho divino, mas sim como aquela Mulher que, com a sua ação, favoreceu a fé da comunidade apostólica, em Cristo (cf. Jo 2, 1-12), e cuja função materna se dilatou, vindo a assumir no Calvário dimensões universais (66).⁵⁴

Desta maneira, com as mudanças ocorridas na sociedade e com os novos papéis desempenhados por milhares de mulheres, as mesmas se desencantaram com as representações históricas de Maria que incentivavam apenas a docilidade, a humildade e o recato.

E, é através do *Magnificat* – primeira palavra e título latino do cântico ou hino entoado por Maria em resposta à saudação de sua prima Isabel – ⁵⁵ que a virgem se mostra forte, ativa e corajosa, invocando explicitamente o poder de Deus contra os soberbos, poderosos e ricos.

⁵⁴ PAULO VI. *Marialis cultus*. In: Vaticano. Disponível em: < http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus_po.html>. Acesso em: 04 jul. 2002.

⁵⁵ BÍBLIA, *op. cit.* (cf. Lc 1,39-56).

Maria resgata nesse cântico as histórias de vida de inúmeras pessoas humildes de Israel. Seu canto vigoroso transformou-se em memória perigosa de práticas transformadoras. É a historicização de possíveis atos de Deus e o reconhecimento teológico do vigor tremendo de uma mulher.

Olhando esta mulher no decurso da Bíblia, seus sofrimentos e suas esperanças, Maria emerge num corpo dilacerado e inteiro, humilde e único. A “cheia de graça” (*gratia plena*), quer dizer, a “cheia do Espírito Santo”, a personificação do Espírito Santo, foi a única a ser elevada ao céu fisicamente, posição que jamais homem algum, anjo ou serafim alcançara. A bula papal *Munificentissimus Deus*, emitida em 1º de novembro de 1950, confirmou este preceito tido há tempos por muitos fiéis como verdadeiro:

*Essa solene proclamação, que presumidamente trazia o selo da infalibilidade papal, decretada pelo Concílio Vaticano I e promulgada como dogma da Igreja católica romana pelo papa Pio XII, afirmava a ascensão física da Virgem Maria, fato havia tempos considerado pelos fiéis e pelos teólogos: ‘a imaculada Mãe de Deus, Maria, ‘Semper Virgo’, depois de esgotado o curso de sua vida terrestre, foi elevada, ‘em corpo e alma’, para a glória eterna’.*⁵⁶

Essa assunção de Maria ao céu significou a concretização de uma participação não apenas da alma, mas também da corporalidade da vida no Reino de Deus, permitindo-se um enraizamento terrestre, um relacionamento cósmico e histórico entre os dois espaços. Ou seja, a assunção da virgem em corpo e alma ao céu significou *da terra alçar-se aos céus, unir o em cima com o embaixo, a matéria com o espírito, o começo com o fim, o homem com Deus.*⁵⁷

Mas, antes da proclamação da assunção corporal da Bem-aventurada Virgem Maria como dogma de fé por Pio XII, tem-se a história da caminhada do dogma

⁵⁶ PELIKAN, *op. cit.*, p. 275 – 276.

⁵⁷ BOFF, *op. cit.*, 2000, p. 255.

da Imaculada Conceição que percorreu setecentos e cinquenta anos de controvérsias tumultuosas entre teólogos eminentes, comunidades religiosas de homens e congregações curiais, até ser definido e declarado como tal por Pio IX na bula *Ineffabilis Deus*, em 8 de dezembro de 1854.

Nessa experiência simbólica daqueles que crêem,⁵⁸ a conceição imaculada de Maria inclui ser preservada e livre do pecado original, representante do paraíso concretizado no tempo histórico, portadora de parte da semente da vida eterna e de uma nova humanidade. E, como a própria expressão “imaculada conceição” pode ser enganosa, é indubitável dizer o que ela não representa, o que não é, quer dizer,

*‘não’ é uma doutrina atinente à concepção física de Maria nem atinente ao processo pelo qual a sua vida começou no ventre de sua mãe. Precisamos nos afastar da compreensão apenas biológica de concepção e considerar a questão teológica por trás do dogma, que declara que, desde o primeiro momento de sua concepção, Maria foi preservada do pecado original.*⁵⁹

Assim, o símbolo da imaculada conceição indica a pureza de realidade e consciência, anterior ao “conhecimento do bem e do mal”, realidade anterior ao pecado e ao sofrimento. Uma realidade que possuímos “no começo”, mas que não cessa de existir porque apenas perdemos de vista, considerando que a unidade original permanece. Conseqüentemente, o mistério da imaculada conceição paira sobre nós, pois em Maria descobrimos o verdadeiro eu – uma importância atribuída à imaculada conceição enquanto arquétipo.

⁵⁸ Deve-se considerar que trabalhar com as formas de crer das pessoas é, antes de tudo, entender que a paisagem que elas produzem e compõem as faz vibrar, toca-as, sentem-nas em seu interior, preenchendo seu corpo e seus sentidos. Crer é apaixonar-se, criar campos de sonhos, vibrações do corpo. Tornar os sofrimentos, as faltas, as carências, em possibilidades de esperança, em vivência dessas esperanças, *de fato, talvez seja esta a grande marca da religião: a esperança*. A experiência de ser católico principia, afinal, com o compromisso da fé, que é um livre assentimento intelectual às proposições reveladas pela Divina Providência como verdadeiras. É indispensável a confiança absoluta na autoridade testemunhante de Deus. (ALVES, *op. cit.*, p. 125).

⁵⁹ COYLE, *op. cit.*, p. 56.

E, ainda, a bendita entre as mulheres – afinal ajudou a redimir um pecado histórico computado às mulheres a partir de Eva – também é constantemente venerada como a mediadora de todas as graças e como advogada dos homens por sua cooperação no plano da salvação e por sua posição inabalável como intercessora entre Cristo e a humanidade, respectivamente.⁶⁰ Esse título de Mediadora conquistou grande aceitação no mundo latino⁶¹ nos séculos XI e XII e referia-se diretamente a dois aspectos da condição de Maria,

*ela fora ‘o caminho pelo qual o salvador pudera chegar’ até a humanidade pela encarnação; na redenção, sua figura representava a mulher ‘por meio de quem nós elevamos a Ele, que desceu a nós através dela [...], e por quem nós podemos ter acesso ao Filho [...] para que por meio de sua pessoa, Ele, que por ela nos foi dado, pudesse nos levar a Ele’.*⁶²

Padre Josef Kentenich, não obstante a menção a todos esses conceitos e/ou dogmas, também se referiu a Maria como Mater Dolorosa – mãe sofredora. Há tempos, a profecia de Simeão, *e uma espada transpassará a tua alma*,⁶³ era encarada como referência à experiência que a virgem deveria passar enquanto mãe que testemunha a morte pela crucificação do próprio filho. Portanto, baseando-se nessa passagem da Bíblia e em uma vida inteira de entregas sem questionamentos, não raro, perante situações adversas, este título caberia apropriadamente a Maria. Como relata o próprio Pe. Kentenich, no “Segundo Documento de Fundação”:

Ela nunca revogou a Carta Branca, nem mesmo quando a vontade de Deus a fez fugir dos que tentavam assassinar o seu Filho, deixando-a sem lar, em fuga pelos caminhos do deserto, levando-a à terra estranha, de costumes estranhos, de concepção e religião estranhas; ou encerrando-a na solidão de Nazaré, fazendo-a

⁶⁰ Padre Kentenich, em relação a estes tipos de veneração a Maria, não pode ser acusado de promover exageros se destacarmos que expôs, na conferência de 1939, *ter sempre considerado e usado a vinculação mariana apenas como meio e não como fim último de nossa aspiração. Para nós* [continua ele], *ela é meio sumamente valioso e comprovado, para imprimir a face de Cristo, no mundo*, estabelecendo, assim, claramente uma vinculação cristológica dependente. (cf. Anexo B, grifo nosso).

⁶¹ Uma vez que esse título parece ter surgido em primeiro lugar na teologia do oriente, onde ela fora denominada a ‘Mediadora da lei e da graça’. (PELIKAN, *op. cit.*, p. 178).

⁶² *Ibidem*.

⁶³ BÍBLIA, *op. cit.* (cf. Lc 2,35).

acompanhar o Redentor do mundo em sua via dolorosa; ou ainda, colocando-a debaixo da cruz, ao lado do Deus-Homem agonizante. Stetit! Ela permaneceu sempre fiel à sua Carta Branca. Estava de pé sob a cruz, quando seu coração materno foi como que transpassado por espada.⁶⁴

Schoenstatt é um movimento que tem em Maria uma mãe, uma educadora e um modelo. Para a maioria dos católicos, Maria é uma referência fundamental e, aparentemente, extremamente acessível por representar a figura da mulher humilde e sofrida, escolhida para trazer ao mundo o filho de Deus. Os pobres, destituídos, considerados insignificantes, desamparados e anônimos, identificam-se com Maria, mãe de Jesus, que compartilhou sua história humana e desempenhou importante papel na ação divina libertadora da história, porque a mesma concederia dignidade à vida desses que são depreciados pela sociedade.

Esta identificação estabelece Maria firmemente como modelo de discípula cristã. Ela convida a todos, sem exceção, para expressarem qualquer dor que estejam sentindo, a terem esperanças e a protestarem frente às injustiças, como faz em seu *Magnificat*.

Assim, em um mundo caracterizado pela militarização, dominação e coerção dos fracos pelos fortes, é cada vez mais necessária a recuperação dessa figura histórica ativa, forte e habilidosa que foi Maria. E, nesse contexto, um quinto dogma tem sido pleiteado no Vaticano, mas nunca foi aprovado: que a Virgem seria co-redentora, mediadora de todas as graças e uma espécie de “advogada” do povo de Deus – como foi retratada no livro “O Auto da Compadecida”, de Ariano SUASSUNA,⁶⁵ adaptado para o cinema e dirigido por Guel ARRAES. Devotos marianos lutam para que o *status* de Maria seja elevado dentro do clero. Se isso acontecesse, ela passaria a figurar ao lado de Jesus nas representações pictóricas da Igreja Católica alcançando importância igual a de seu filho.

⁶⁴ Cf. Anexo B.

⁶⁵ SUASSUNA, A. *Auto da compadecida*. 34. ed. São Paulo: Agir, 2001.

2 SANTUÁRIO DE SCHOENSTATT: SAGRADO E/OU PROFANO?

Um dos primeiros atos de fundação do movimento apostólico iniciado por padre Josef Kentenich, em 18 de outubro de 1914, foi a conversão da capela de St. Michael em santuário da “Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt” para a realização da “Aliança de Amor”.

Reconhecia-se a necessidade de que os primeiros congregados dispusessem de um lugar próprio, pelo qual se sentissem responsáveis e ligados. E é essa pequena capela dedicada a St. Michael, que estava em situação de abandono em Schoenstatt, junto a uma colina de Vallendar, local que tinham um internato, e que havia sido restaurada para uso dos mesmos, que converteram em “Santuário da *Mater Ter Admirabilis* de Schoenstatt”. A idéia central do “Primeiro Documento de Fundação” era

*transformar este lugar [capelinha de St. Michael], num lugar de romarias e de graças para nossa casa, para toda a Província alemã e, talvez, para mais além. Todos os que aqui chegarem para rezar, terão de experimentar as magnificências de Maria e confessar: Aqui é bom estar! Aqui queremos construir tendas! Este será o nosso lugarzinho predileto!*¹

A crença e a convicção de Pe. Kentenich e dos primeiros congregados de que Maria distribuiria suas graças e bênçãos nessa capelinha, fez com que os mesmos se ligassem espiritualmente ao lugar por um vínculo de fé, ainda que inicialmente milagres não tenham sido presenciados, tornando-se fundamental ao desenvolvimento

¹ Cf. Anexo A.

e à expansão do Movimento Apostólico de Schoenstatt a vinculação a Maria por intermédio de um Santuário.²

Na realidade, a linguagem e o comportamento dessas pessoas ligadas a esse movimento que tinha início, já estavam reformulando o mundo, especificamente, uma capela até então abandonada, de acordo com os próprios padrões, nos termos de uma cosmovisão próprios.

Sendo assim, a religião apresenta-se enquanto vínculo entre o mundo profano e o mundo sagrado, este último simbolizado no Movimento Apostólico de Schoenstatt na sua ligação a um lugar, que é delimitado em um espaço novo, sagrado e consagrado (na capelinha), revertido, conseqüentemente, em Santuário (em latim, *templum*, templo) a Maria.

Através da sacralização e consagração, cria-se, então, a idéia de um espaço sagrado, isto é, a religião organiza o espaço e lhe dá qualidades culturais, diversas das simples qualidades naturais, pois *não importam os fatos e as presenças que os sentidos podem agarrar. Importam os objetos que a ‘fantasia’ e a ‘imaginação’ podem construir.*³ Esquece-se que as coisas aparentemente naturais são, antes, de mais nada, culturais, quer dizer, construídas.

E, para isso, conta-se com uma linguagem própria. A religião passa a se expressar por meio das linguagens do mito, do símbolo e do ritual, mostrando como a religiosidade pode ser vivenciada mediante essas categorias. E, em seu sentido

² Atualmente, podemos constatar, que em vários lugares do mundo em que o Movimento Apostólico de Schoenstatt se desenvolveu, há a presença de Santuários, sendo estes construídos totalmente idênticos ao de Schoenstatt, na Alemanha, considerado o Santuário original. *Um Movimento Apostólico de tão amplas proporções e com vinculações jurídicas tão fracas, precisa de um ponto central visível capaz de o manter unido. Por outro lado, servirá também para mais facilmente levar-nos à união com o Santuário Original e manter-nos a ele vinculado.* Sem mencionar que, em um mundo de crenças e de fé, uma paisagem, ou melhor, um local – assim como objetos e coisas e cada ato e fase da existência humana –, pode simbolizar o sagrado, havendo uma imperiosa necessidade, entre os fiéis, portanto, em representar, reproduzir e repetir esses espaços considerados sagrados. (TREVISAN, V. *Movimento Apostólico de Schoenstatt: Introdução histórica*. Santa Maria: Pallotti, [198?], v. 1, p. 162).

³ ALVES, R. *O que é religião?* 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000, p. 30.

primário, pode-se afirmar que essa linguagem religiosa é participativa e invocativa, pois não é apenas uma explicação do mundo mas, como é observável, caracteriza-se em um modo, para seus adeptos, de “habitar” o mundo.

Podemos encontrar, em Mircea ELIADE, essa experiência do sagrado expressa em toda a sua complexidade e não apenas na sua dimensão de irracionalidade⁴, definindo-a em oposição ao profano, demonstrando como o sagrado legitima o mundo e, juntamente com a religião, exerce um papel fundamental na construção do psicológico e cognoscitivo do ser humano.

Segundo este historiador das religiões, ao longo da sua história o homem religioso assume duas situações existenciais formadas, respectivamente, pelo sagrado e pelo profano. Desta forma, neste mundo, o espaço é constituído por uma heterogeneidade, traduzida pela experiência de uma oposição entre essas duas situações, ou seja, uma oposição entre o espaço sagrado – considerado como o único que existe realmente – e o espaço profano.

Diante dessa afirmação, há uma necessidade no homem religioso de encontrar espaços sagrados, pois serão esses que fixarão limites, estabelecendo uma ordem cósmica, colocando *fim à tensão provocada pela relatividade e à ansiedade alimentada pela desorientação, em suma, para encontrar um ponto de apoio absoluto*.⁵

Com isso, é preciso que o sagrado se manifeste e que o faça numa coisa profana, para que o homem possa não apenas presenciá-lo mas também saiba reconhecê-lo e, conseqüentemente, o sagrado revelará a realidade no sentido mais forte

⁴ Para Alfonso di NOLA, Mircea ELIADE reelabora um sistema simbolístico-irracionalista, pois pratica uma *total desvalorização do profano, que se reduz a uma anulação da história e dos factos culturais que, mesmo quando são tomados em consideração, são definidos como ocasiões e incidentes em que o sagrado se revela [...]*. (NOLA, A. di. Sagrado/Profano. In: *Enciclopédia Einaudi*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987, v. 12, p. 144).

⁵ ELIADE, M. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 31.

do termo, a realidade absoluta, perante a qual o mundo profano ou das aparências dissolve-se como falsa realidade.

Para comparativistas, como ELIADE, portanto, a religião gira em torno do sagrado. E é sempre indispensável à vida do homem religioso acontecer em um mundo total e organizado, em um Cosmos, em uma realidade absoluta, realizando-se isso, precisamente, quando este mundo, este Cosmos, revela-se como sagrados. Assim,

do ponto de vista dos estudos religiosos comparativos, a sacralidade é ao mesmo tempo uma forma de conceber o mundo e um modo pelo qual o adepto experiencia a ação dos objetos. É ao mesmo tempo um valor atribuído aos objetos (um valor manifestado no comportamento para com os objetos) e uma experiência aterradora ‘desses’ objetos (vivenciada como aberturas para, ou de, uma outra esfera transcendente).⁶

Desta maneira, simultaneamente, o sagrado não se objetiva, não se coisifica, por exemplo, na pedra e/ou na árvore, em nada. Ou seja, tais objetos continuam sendo eles mesmos, ao passo que, o sagrado, permanece totalmente outra coisa, podendo-se, concluir – apoiados em ELIADE – que: 1º) o sagrado é transcendente, não se identifica com nenhum objeto; e, 2º) as hierofanias constituem meros “veículos” do sagrado.

Aliás, para esses homens, o “sobrenatural” encontra-se indissolúvelmente ligado ao “natural”, julgando que a Natureza sempre revela algo que a transcende sendo, portanto, a sacralidade que introduz uma aparente ruptura entre os mesmos. Quer dizer, o lugar nunca é escolhido pelo homem religioso, ele é simplesmente “descoberto” por ele, ou, em outras palavras, o espaço sagrado “revela-se-lhe” sob uma ou outra forma.

⁶ PADEN, W. E. *Interpretando o sagrado: modos de conceber a religião*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 131.

E, diante dessas afirmações, é necessário enfatizar que o “sagrado” é apenas uma categoria descritiva, e o uso desse termo em religião comparada não significa afirmar ou negar que exista uma realidade sobre-humana por trás dele. O conceito de sagrado torna-se assim um instrumento, sem juízo de valor, para o entendimento de mundos diferentes e nada mais.⁷

Mas, a religião não transmuta apenas o espaço. Também qualifica o tempo, dando-lhe a marca do sagrado e, da mesma forma que o espaço sagrado, da heterogeneidade.⁸ Há concepções diferenciadas de história, cosmologia, natureza e natureza humana, espaço e tempo no mundo religioso.

Esse tempo sagrado, por sua vez, é uma narrativa, considerando que narra a origem dos deuses e, pela ação das divindades, a origem das coisas, das plantas, dos animais e dos seres humanos. Por isso, a narrativa religiosa sempre começa com alguma expressão do tipo: “no princípio”, “no começo” etc. É uma tentativa em se recuperar o mundo *in illo tempore* (no tempo da origem).

Essa narrativa sagrada é a história sagrada que pode ser contada através de um mito, definido por ELIADE, da seguinte maneira:

O mito conta uma história sagrada, quer dizer, um acontecimento primordial que teve lugar no começo do Tempo, 'ab initio'. [...] O mito é pois a história do que se passou 'in illo tempore', a narração daquilo que os deuses ou os Seres divinos fizeram no começo do Tempo. [...] É por isso que o mito é solidário da ontologia: só fala das 'realidades', do que aconteceu 'realmente', do que se manifestou plenamente. É evidente que se trata de realidades sagradas, pois o 'sagrado' é o 'real' por excelência. Tudo o que pertence à esfera do profano não participa do Ser, visto que o profano não foi fundado ontologicamente pelo mito, não tem modelo exemplar. [...] portanto tudo o que os mitos contam a respeito de sua atividade criadora – pertence à esfera do sagrado e, por consequência, participa do 'Ser'.

⁷ Enquanto tarefa descritiva, o estudo comparativo da religião tenta proceder sem a tendenciosidade interpretativa de qualquer posição específica, religiosa ou anti-religiosa. Em vez de encarar a religião como algo certo ou errado, ele a concebe como um 'tipo' de experiência, comportamento e sistema de símbolos. A religião é vista, portanto, como um fenômeno. (Ibidem, p. 133).

⁸ A heterogeneidade do tempo, a sua divisão em 'sagrado' e 'profano' não implicam apenas 'cortes' periódicos praticados na duração profana a fim de nela se inserir o tempo sagrado, implicam também que essas inserções do tempo sagrado sejam solidárias, diríamos mesmo contínuas. (ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 316).

[...] o mito revela a sacralidade absoluta porque relata a atividade criadora dos deuses, desvenda a sacralidade da obra deles. Em outras palavras, o mito descreve as diversas e às vezes dramáticas irrupções do sagrado do mundo.⁹

Portanto, a história sagrada – ou mito – narra como e porque a ordem do mundo existe e como e porque foi doada aos humanos pelos deuses. Com isso, além de ser uma teogonia, a história sagrada é uma cosmogonia.

Além disso, é necessário enfatizar a impossibilidade em reduzir o sagrado que, por consequência, não pode ser explicado, apenas compreendido, isto é, interpretado em seu sentido na economia total da vida humana.

Essa irredutibilidade, por sua vez, significa que o sagrado, como valor, tem sua identidade e sua autonomia próprias, não podendo ser reduzido a nenhum outro valor e que, como realidade, também não pode ser reduzido a outras realidades diferentes dele.

O sagrado tem em si mesmo sua consistência e sua dignidade e não existe de forma objetiva ou coisística. Ele sempre se manifesta como força, uma força prodigiosa, irresistível, todo-poderosa, princípio de toda eficácia.

A realidade absoluta é origem do poder. Por isso, o sagrado e o profano complementam-se mutuamente. Sacralidade e realidade absoluta se identificam.

E, da mesma forma que, para os homens religiosos, há dois espaços (o sagrado e o profano), também há dois tempos: o anterior à criação ou gênese dos deuses e das coisas – tempo do vazio e do caos – e o tempo originário da gênese de tudo quanto existe – tempo do pleno e da ordem, sendo que neste último há uma nova divisão em

⁹ ELIADE, *op. cit.*, 2001, p. 84-86.

tempo primitivo, quando tudo foi criado e em tempo do agora, do profano, em que vivem os seres naturais, incluindo os homens.

A vida, portanto, para os homens religiosos, é apreciada em dois planos. Desenvolve-se como existência humana e, simultaneamente, participa de uma vida trans-humana, a do Cosmos ou dos deuses. O homem religioso *é acessível a uma série infinita de experiências que poderiam ser chamadas de 'cósmicas'.* Tais experiências são sempre religiosas, pois o Mundo é sagrado.¹⁰

Assim, em ELIADE, esse sagrado é uma experiência da presença de uma potência ou de uma força sobrenatural que se revela perante todo o resto, a extensão informe, que o cerca – o espaço profano, homogêneo e neutro. Ou seja, *o homem toma conhecimento do sagrado porque este se 'manifesta', se mostra como algo absolutamente diferente do profano.*¹¹

Com isso, os modos de ser sagrado e profano dependem das diferentes posições que o homem conquistou no mundo. Afinal, para o homem moderno a-religioso, há uma necessidade em se dessacralizar e dessacralizar o mundo, pois *o sagrado é o obstáculo por excelência à sua liberdade,*¹² ainda que se afirme que um ser exclusivamente racional seria uma abstração.

Isto se confirma porque, no mundo rural, os seres humanos faziam a experiência de Deus na natureza, isto é, de modo objetivo, imputavam facilmente aos acontecimentos bons e/ou ruins ações dos deuses ao passo que, na cidade, a natureza se transformou em bem de consumo, dessacralizando-se, ou ainda, passou-se a acreditar no domínio do homem sobre a mesma.

¹⁰ Ibidem, p. 139.

¹¹ Ibidem, p. 17.

¹² Ibidem, p. 165.

Mas, paralelamente ao poderio humano manifestado através das grandiosas obras da ciência, da técnica e das indústrias, encontramos as sempre presentes fragilidade e vulnerabilidade da vida, que podem se exprimir e se apoderar das pessoas de maneiras espantosas, fazendo com que as mesmas se sintam ameaçadas.

Um sentimento que pode aflorar diante de várias situações inusitadas. Uma doença incurável, a morte de um ente querido, uma situação persistente de injustiça social, uma grande decepção, uma catástrofe nuclear ou uma catástrofe natural inesperada, fazem desmoronar a aparente segurança em que vivem as pessoas.

Nesse estado, apela-se para todas as forças “naturais” e “sobrenaturais” disponíveis que possam auxiliar de alguma forma. A denominada racionalidade habitual parece afrouxar-se, atitude nada incomum durante todo o século XX e nesse início do século XXI, quando, constantemente, deparamo-nos com um deplorável dia-a-dia de insegurança e de angústia – frutos do tipo de cultura, de economia e de sociedade construídas mundialmente.

Conseqüentemente, em oposição àqueles que assinalam que a sociedade moderna e contemporânea, num processo lento mas irreversível, promove o desencantamento dos últimos redutos possíveis do sagrado, ou seja, uma constante dessacralização do mundo, tem-se explicitamente uma necessidade sempre incessante das pessoas em buscarem lugares absolutamente diferentes do profano em que vivem, isto é, lugares sagrados. Muitas pessoas acabam se sentindo bem e acreditam vivenciar, por intermédio da religião, um momento de quebra dessa insegurança.¹³

¹³ De acordo com Sergio Paulo ROUANET, pode-se afirmar que *surgiu um novo estado de espírito, que não é nem anti-religioso, como no Iluminismo e no século 19, nem apologético, como na vaga neotomista do período de entreguerras (Maritain) ou na trilha de Jean Guittou ou Teilhard de Chardin, com suas tentativas de reconciliar a ciência e a fé. Em nenhum momento o secularismo moderno é posto em xeque, mas a idéia de sua incompatibilidade de princípio com a religião entra em declínio.* (ROUANET, S. P. A volta de Deus. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 19 mai. 2002. Caderno Mais!, p. 9).

O que não é difícil de constatar diante de frases como “Aqui é bom estar!” ou “[...] esta Capelinha de nossa Congregação deverá ser para nós o berço da santidade”,¹⁴ presentes no “Primeiro Documento de Fundação”, ou mesmo, diante da maneira explícita empregada pela parte inicial do segundo documento, ou seja,

*nesta hora em que nos retiramos do burburinho do dia, da agitação e nervosismo do tempo, para realizarmos silenciosa hora comemorativa, estamos espiritualmente unidos a toda a Família, em nosso pequeno Santuário. Sacerdotes, leigos, adultos, jovens e crianças, mulheres e homens, moças e rapazes nos congregamos em torno de nossa Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt. Reúnem-se aqui os filhos de Schoenstatt do interior e do exterior, do mundo do além e do aquém. Com gratidão cordial, com ardente e calorosa expectativa, todos procuram seu lugarzinho predileto.*¹⁵

Para Alfonso di NOLA, que faz uma acirrada crítica a ELIADE entre outros, o sagrado não anula e/ou desvaloriza o profano, antes se integra a ele (o que acontece, segundo o autor, nas denominadas “culturas integradas ou globais”) ou a ele se opõe impermeavelmente (o que acontece nas culturas industriais), constituindo um momento dialético, contraditório, do real, não surgindo, assim, como absoluto e o profano apenas como ocasional e/ou incidental. Em virtude disso, a relação é subvertida (frente à demonstrada por ELIADE), afirmando-se a prioridade da dimensão profana pois, segundo este autor, haveria,

no momento do sagrado, uma forma de alienação provisória da realidade, com o fim de reconstituir de uma maneira válida a própria realidade que fora posta em crise. O momento de recurso ao sagrado, que é o mundo da potência nas suas várias expressões [...] justifica-se, por isso, na sua ‘utilidade’ e ‘validade’ em relação ao nível útil e profano que, na emergência dos vários riscos e das várias crises, determinou e solicitou esse próprio recurso. Subsistem, por conseguinte, as sociedades nas quais a repetição contínua de momentos de crise, devida à fragilidade das estruturas organizativas e econômicas, determina uma proliferação de momentos de sacralidade, que é tanto maior quanto mais pequena [sic] é a capacidade de controlo humano dos processos de produção e de obtenção de bens e quanto mais fraca é, por conseguinte, a segurança da existência no mundo. [...] explica-se assim a referência, mesmo em tratados etnológicos recentes, a culturas nas quais se observa uma certa ‘indiferenciação’ entre as duas dimensões profano-

¹⁴ Cf. Anexo A.

¹⁵ Cf. Anexo B.

útil e sagrado, indiferenciações que, ao fim e ao cabo, deve ser interpretada como uma contínua emergência do sagrado em função de uma contínua emergência de riscos.¹⁶

Não se trata de negar inteiramente essas asseverações, mas reduzir eventuais emergências do sagrado a momentos de contínuas crises e de incapacidade racional do ser humano, parece arriscado e limitado. Afinal, como NOLA espera racionalizar o discurso religioso, que se baseia na crença e não no saber, quer dizer, se este não se dirige ao intelecto dos crentes, mas se endereça ao coração deles, despertando emoções e sentimentos, em outras palavras, fé, ou seja, a confiança, a adesão plena ao que lhe é manifestado como ação da divindade? Categoricamente, *o discurso religioso contém algo mais que a pura ausência de sentido, não podendo, por isso mesmo, ser exorcizado pela crítica epistemológica.¹⁷*

O sagrado é a experiência simbólica da diferença entre os seres, da superioridade de alguns sobre outros, do poderio de alguns sobre outros, superioridade e poder sentidos como espantosos, misteriosos, desejados e temidos. Opera-se, através do sagrado, o encantamento do mundo, considerando que o mesmo passa a ser habitado por forças maravilhosas e por poderes admiráveis que podem agir magicamente. Assim, o sagrado não seria uma coisa em si, uma eficácia das coisas, mas a sua nomeação, pelas pessoas, como tal. Como, expressa-se, ALVES,

sagrado e profano não são propriedades das coisas. Eles se estabelecem pelas atitudes dos homens perante coisas, espaços, tempos, pessoas, ações. O mundo profano é o círculo das atitudes utilitárias. [...] Num mundo utilitário não existe coisa alguma permanente. Tudo se torna descartável. O critério da utilidade retira das coisas e das pessoas todo valor que elas possam ter, em si mesmas, e só leva em consideração se elas podem ser usadas ou não. É assim que funciona a economia. De fato, o círculo do profano e o círculo do econômico se superpõem. O que não é útil é abandonado. Mas, como é o indivíduo que decide sobre a utilidade ou não de determinada coisa, esta é uma área em que os indivíduos permanecem donos dos seus narizes todo o tempo. Ninguém tem nada a ver com suas ações. À medida que avança o mundo profano e secular, assim avança também o individualismo e o

¹⁶ NOLA, A. di. Sagrado/Profano. In: *op. cit.*, p. 148.

¹⁷ ALVES, *op. cit.*, p. 85.

utilitarismo. No círculo sagrado tudo se transforma. No âmbito secular o indivíduo era dono das coisas, o centro do mundo. Agora, ao contrário, são as coisas que o possuem. Ele não é o centro de coisa alguma e se descobre 'totalmente dependente' de algo que lhe é superior (Schleiermacher). Sente-se ligado às coisas sagradas por laços de profunda reverência e respeito; ele é inferior; o sagrado lhe é superior, objeto de adoração. O sagrado é o criador, a origem da vida, a fonte da força. O homem é a criatura, em busca de vida, carente de força. Vão-se os critérios utilitários. O homem não mais é o centro do mundo, nem a origem das decisões, nem dono do seu nariz. Sente-se dominado e envolvido por algo que dele dispõe e sobre ele impõe normas de comportamento que não podem ser transgredidas, 'mesmo que não apresentem utilidade alguma'. De fato, a transgressão do critério de utilidade é uma das marcas do círculo do sagrado. O jejum, o perdão, a recusa em matar os animais sagrados para comer, a autoflagelação e, no seu ponto extremo, o auto-sacrifício: todas essas são práticas que não se definem por sua utilidade, mas simplesmente pela densidade sagrada que a religião lhes atribui. É isso que as torna obrigatórias.¹⁸

Portanto, se estar no mundo do sagrado significa viver em contato estreito com a realidade, a realidade absoluta, a totalidade do real a partir de um centro, estar no mundo profano, então, significa viver sem contato com essa realidade, em um meio vazio e sem sentido, no qual inexistente um centro a partir do qual o mundo poderia se organizar.

Essa descrição do mundo profano corresponderia, assim, detalhadamente, com o mundo de crises que vivenciamos, com o caos que nos defrontamos.

E, é em um mundo desses, que apresenta indícios de desintegração, problematizado pela expansão do capitalismo e do imperialismo, resultando em grandes guerras mundiais, que presenciamos Pe. Josef Kentenich e seus congregados opondo-se ao avanço da secularização, procurando no sagrado o centro do mundo, a origem da ordem, a fonte das normas, a garantia da harmonia que necessitam.

¹⁸ Ibidem, p. 61-63.

Pouco importa a esses fiéis se suas idéias sejam ou não corretas, o que pretendem alcançar é a força que o sagrado pode oferecer, a proteção que sentem através da religião que se opõe ao mundo profano de caos e desordem.

Ao contemplar os fatos nebulosos que o cercam, padre Kentenich consegue revesti-los com uma aura sagrada, ao afirmar serem esses acontecimentos sinais da “Divina Providência”, um meio de despertá-los e impulsioná-los – a ele e aos congregados – para a fundação de um movimento que promovesse a vinculação a um santuário que é consagrado a Maria e às suas magnificências e graças.

Como homens religiosos que são, transferem a esse espaço a presença de uma potência e de uma força sobrenatural – a mãe de Deus –, tornando-o sagrado, revestindo-o de encantamento, pois passa a ser habitado por forças e poderes portentosos.

Para padre Kentenich e seus congregados, o santuário é dotado de poder e autoridade sobre-humanos que acabam governando, inspirando e comprometendo suas vidas.

Ao desenvolverem a crença em algo sagrado, esses homens agem diferentemente, entregam-se e arriscam-se confiantes que ficam na proteção de Maria que, como eles, encontra-se vinculada à capela, ao santuário: *Tudo o mais deixamos por conta de nossa querida Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt.*¹⁹

E, para tanto, não foi necessário que antes houvesse milagres, o que confirma que o sagrado não é uma coisa em si e/ou uma eficácia das coisas, mas a nomeação de determinado objeto, lugar e/ou pessoa como tal. Além do que, condutas e práticas culturais são instituidoras das crenças, como o historiador Michel de CERTEAU constatou, ou seja, que crença seria *não o objeto do crer (um dogma, um programa etc.)*,

¹⁹ Cf. Anexo B.

*mas o investimento das pessoas em uma proposição, o 'ato' de enunciá-la considerando-a verdadeira – noutros termos, uma 'modalidade' da afirmação e não o seu conteúdo.*²⁰

Assim, diante destas considerações, trabalhar com as formas de crer das pessoas é, antes de tudo, entender que a paisagem que elas produzem e compõem as faz vibrar, toca-as, sentem-nas em seu interior, preenchendo seu corpo e seus sentidos. Crer é apaixonar-se, criar campos de sonhos, vibrações do corpo. Tornar os sofrimentos, as faltas, as carências, em possibilidades de esperança, em vivência dessas esperanças, *de fato, talvez seja esta a grande marca da religião: a esperança.*²¹ E é este o sentimento perceptível no fundador e nas pessoas do Movimento Apostólico de Schoenstatt.

²⁰ CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2001, v. 1, p. 278. (Para CERTEAU, a crença não seria o dogma, um programa, o conteúdo, mas o investimento das pessoas na crença, a sua legitimidade).

²¹ ALVES, *op. cit.*, p. 125.

3 DESENVOLVIMENTO E FUNDAÇÃO DO “MOVIMENTO APOSTÓLICO DE SCHOENSTATT” ATRAVÉS DE DOCUMENTOS

3.1 Panorama Histórico: Alemanha, Duas Guerras Mundiais e Vallendar-Schoenstatt

Epicentro de dois conflitos mundiais, a região alemã, na década de 1850, conheceu um poderoso fluxo de expansão industrial, centrado no reino da Prússia – inteiramente voltada para o seu fortalecimento –, mas presente também nos pequenos principados e cidades livres que em seguida viriam a formar o Estado alemão.

Assim, fortalecida economicamente, a região encontraria as condições históricas para a sua unificação em um Estado nacional. Mas, ao invés desta unificação ser fruto de uma luta democrática, foi conduzida militarmente pelo chanceler do rei da Prússia, Otto von Bismarck.

De 1862 a 1871, a Prússia anexou principados e cidades livres, e mediante três guerras – sucessivamente contra a Dinamarca, a Áustria-Hungria e a França – constituiu o segundo império alemão.

Esse II *Reich*¹ era uma federação formada por 25 estados, encontrando-se 50% da população residindo na Prússia. Cada estado tinha o seu sistema eleitoral específico e elegia um parlamento, o *Landtag*. O poder legislativo era exercido pelo *Bundesrat*, com representantes eleitos pelo parlamento de cada um dos 25 estados, e pelo

¹ Chamou-se I *Reich* ao Sacro Império Romano-Germânico fundado na Idade Média.

Reichstag, eleito por sufrágio universal e proporcional. Contudo, o *Reichstag* estava abaixo do *Bundesrat* e por intermédio deste último, o *Landtag* da Prússia dominava a Alemanha. Ou seja, a federação dos Estados Alemães que constituíram a nova Alemanha unificada era dominada pela Prússia, uma hegemonia que alterou significativamente e definitivamente a distribuição do poder no cenário europeu.

Bismarck buscou preservar a ordem social e política prussiana e mantê-la intocada no novo Império Germânico. Diante disto, não se podia permitir que as forças liberadas pela industrialização e pela urbanização solapassem o poder *Junker*, uma espécie de nobreza detentora de vastas propriedades fundiárias.

Em 1890, à queda de Bismarck, a Alemanha conheceu um novo e poderoso surto industrial que terminou por concluir uma transformação total do seu perfil econômico e social. Essa industrialização, porém, primeiro nos Estados Unidos e a seguir na Alemanha, começou a ameaçar a supremacia industrial e comercial da Grã-Bretanha.

Com a competição econômica veio a luta por concessões políticas e possessões imperiais; e, a industrialização e a urbanização aceleradas causaram conflitos sociais e econômicos na maioria dos países europeus e ampliaram a esfera de debate e participação política. A difusão de intensos sentimentos nacionalistas, que haviam contribuído para concretizar a unificação da Itália e da Alemanha e que, agora, atuavam nos Bálcãs e na Europa Oriental, tornava mais difícil que os governos fizessem concessões quanto a seus objetivos nacionais expressos e buscassem adotar estratégias diplomáticas flexíveis.

Conseqüentemente, tinha-se a expansão industrial alemã que se debatia contra o rígido controle colonial exercido sobretudo pela Inglaterra e pela França aos países periféricos; e, o problema das nacionalidades oprimidas, particularmente agudo na Polônia e na região dos Bálcãs, que ameaçava derrubar as fronteiras de vários impérios históricos como o austro-húngaro e o russo.

Achavam-se no centro destes confrontos, a França e seu principal aliado, a Rússia dos czares, de um lado, e a Alemanha e a Áustria-Hungria, de outro, sendo, no entanto,

indubitável que nenhum governo de qualquer uma das grandes potências de antes de 1914 queria seja uma guerra europeia generalizada, seja mesmo – ao contrário dos anos 1850 e 1860 – um conflito militar restrito com outra nação europeia. Isto é conclusivamente demonstrado pelo fato de que nos lugares onde as ambições políticas das grandes nações entravam em conflito direto, ou seja, nas zonas ultramarinas de conquistas e partilhas coloniais, seus numerosos confrontos eram sempre resolvidos por algum acordo pacífico. [...] [O que não significa] que as rivalidades imperialistas foram irrelevantes na deflagração da Primeira Guerra Mundial.²

No entanto, ainda que nenhum governo de potências importantes objetivasse uma guerra de grandes proporções, a verdade é que com o desenrolar dos acontecimentos essa se tornou inevitável e gradualmente a Europa foi se dividindo em dois blocos opostos de grandes nações, a Tríplice Aliança e a Entente, e desta forma *o desenvolvimento do capitalismo empurrou o mundo inevitavelmente em direção a uma rivalidade entre os Estados, à expansão imperialista ao conflito e à guerra.*³

Diante das rivalidades interimperialistas, da conseqüente exacerbação dos nacionalismos e da formação de sistemas de alianças militares, a guerra – só esta palavra exprime inúmeras emoções – foi deflagrada em agosto de 1914.

Nenhum dos governos europeus fizera planos econômicos e militares de grandes amplitudes para uma guerra prolongada. Os países que entraram na guerra acreditavam que o conflito seria resolvido no prazo de poucos meses e que poderiam conseguir melhores resultados agindo desta maneira do que por negociações diplomáticas. Mas, o que se seguiu foi uma longa e massacrante guerra, na qual

² HOBBSAWM, E. J. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, p. 429.

³ *Ibidem*, p. 437.

milhões de homens ficavam uns diante dos outros nos parapeitos de trincheiras barricadas com sacos de areia, sob as quais viviam como – e com – ratos e piolhos. [...] Dias e mesmo semanas de incessante bombardeio de artilharia [...], um caos de crateras de granadas inundadas de água, toco de árvores calcinadas, lama e cadáveres abandonados.⁴

Assim, Vallendar-Schoenstatt também sofreu mudanças com o início da guerra. O novo seminário foi ocupado pelo exército que, primeiramente, transformou-o em quartel e, depois, em hospital. Nas salas de estudos, de aulas, enfim, em todo lugar disponível, os leitos eram ocupados por feridos. Coagidos pelas circunstâncias, os Superiores prolongam as férias de verão de 1914. Em outubro, ao retornarem das férias, os alunos são instalados na “casa velha”, que ultimamente servia de oficina aos Irmãos Palotinos. Como se acreditava que a guerra se prolongaria por no máximo três meses, pensava-se que as acomodações seriam apenas provisórias.

E, é neste momento, especificamente no dia 18 de outubro, que o diretor espiritual, Pe. Josef Kentenich, ao tomar posse da pequena capela de St. Michael e inaugurá-la, pronuncia uma importante conferência aos primeiros alunos da recente Congregação Mariana. Essa conferência, anos mais tarde, veio a ser considerada o “Primeiro Documento de Fundação do Movimento Apostólico de Schoenstatt”.

Dois fatos, primordialmente, foram decisivos para que esta conferência realmente fosse proferida e, conseqüentemente, firmado o que, posteriormente, ficaria conhecido como “Movimento Apostólico de Schoenstatt”: a eclosão dessa Primeira Guerra Mundial e a leitura feita por Pe. Josef Kentenich no “Panorama Geral”, jornal semanal de Munique, na edição de 18 de julho de 1914, de um relato de Pe. Froehlich, um

⁴ Idem. *Era dos Extremos: o breve século XX (1914 – 1991)*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 33.

conhecido capuchinho, sobre a origem de um lugar de peregrinações no Vale de Pompéia, perto de Nápoles.⁵

Considerando a extrema religiosidade de Pe. Josef Kentenich, esses acontecimentos foram tomados pelo mesmo como sinais da “Divina Providência”, lembrando-nos, mais uma vez, que o *discurso religioso contém algo mais que a pura ausência de sentido, não podendo, por isso mesmo, ser exorcizado pela crítica epistemológica.*⁶

Mas, a derrota na Primeira Guerra Mundial e o fim do regime monárquico deixaram a Alemanha à beira da guerra civil. Radicalização política e uma terrível crise econômica colocavam em constante perigo a estabilidade da República recém-instituída. O futuro era incerto.

Se, entre 1924 e 1929, através do Plano Dawes,⁷ a Alemanha conhece um período de estabilização e de retomada da produção capitalista, com o *crack* da Bolsa de Nova York, a crise mundial de 1929 atingiu violentamente o país, aguçando o descontentamento popular e fortalecendo posicionamentos radicais. Ainda

entre 1927 e 1928 o partido nazista adquire a estrutura política que lhe facilitará a expansão nos anos seguintes. O território alemão foi dividido em 34 distritos ('Gau'), chefiados pelos respectivos 'Gauleiter'. Cada 'Gau' subdividia-se em muitos 'Kreise', subdistritos administrados pelos 'Kreisleitern'. Por sua vez, cada

⁵ Em seu artigo, Pe. Cipriano Froehlich falava das realizações de um advogado italiano, Bártolo Longo, anteriormente simpatizante do espiritismo, que se convertera em fervoroso católico, passando a ser o principal instrumento responsável pela fundação de um santuário mariano –conhecido mundialmente- junto às ruínas da Igreja de Pompéia.

⁶ ALVES, R. *O que é religião?* 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000, p. 85.

⁷ Concebido pelos Estados Unidos, esse “Plano Dawes” consistiu na concessão de crédito e em investimentos estrangeiros na Alemanha. Por meio desse plano, os Estados Unidos e a Inglaterra injetaram vultosa quantia – 20 bilhões de dólares em empréstimos – fazendo com que a economia alemã retomasse o crescimento. Mas, a quebra da Bolsa de Nova York, em 1929, alterou profundamente a situação na Alemanha.

'Kreis' era formado de muitos 'Ortsgruppen' (grupos locais), que ainda se subdividiam em células de bairros e fábricas.⁸

Gradualmente, o desempenho eleitoral do NSDAP (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães – o “partido nazista”) cresce. Depois de resultados modestos nas eleições de anos anteriores, em 1933, esse partido conseguiu um bom número de cadeiras no Parlamento e, através da aliança com outros partidos conservadores, formou a maioria e chegou ao poder. Adolf Hitler foi nomeado chanceler da República pelo presidente Hindenburg. Poucos dias depois, um homem, na verdade um bode expiatório, era acusado pelo incêndio do prédio do *Reichstag* em Berlim, sede do Parlamento alemão.

Com o incêndio, certamente encomendado, o governo pôde usar de instrumentos excepcionais de repressão. Prendeu milhares de oposicionistas, baniu quase todos os partidos e entidades de classe e atrelou os sindicatos às corporações oficiais ligadas ao Partido Nazista, que passou a ser o único partido legal.

Em apenas 23 meses, numa sucessão de golpes de força, atos ilegais e assassinatos, Hitler conseguiu implantar a ditadura nacional-socialista. Na Alemanha de Hitler que se seguiu, todos ou quase todos, do mais jovem ao mais velho, tornavam-se nazistas, vestiam-se como nazistas, cantavam hinos nazistas e marchavam atrás da suástica, o símbolo do partido. Hitler construía aquilo que ele pretendia tornar o terceiro e definitivo império alemão, o *Reich* de mil anos.

Com a morte do presidente Hindenburg no fim de 1934, Hitler acumulou então as funções de chanceler e de presidente, assumindo o título de *Führer* (guia). Todos os funcionários e oficiais das forças armadas deveriam prestar-lhe juramento pessoal de fidelidade. Nestas condições, anunciou ao mundo a fundação do *III Reich* alemão.

⁸ LENHARO, A. *Nazismo*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1994, p. 22-23.

Com o início do Terceiro Reich, o Partido Nazista passou a controlar toda a população, pela fiscalização das informações e pela propaganda, conduzida por um ministro especialista, Joseph Goebbels. Ele supervisionava a imprensa, a literatura, o cinema, o rádio – este, o grande instrumento na comunicação com as massas. Afinal, o essencial da propaganda era atingir o coração das grandes massas, compreender seu mundo maniqueísta, representar seus sentimentos:

Por existirem num mundo que não é totalitário, os movimentos totalitários são forçados a recorrer ao que comumente chamamos de propaganda. [...] Em outras palavras, a propaganda é um instrumento do totalitarismo, possivelmente o mais importante, para enfrentar o mundo não-totalitário [...]. A propaganda totalitária aperfeiçoou o cientificismo ideológico e a técnica de afirmações proféticas a um ponto antes ignorado de eficiência metódica e absurdo de conteúdo porque, do ponto de vista demagógico, a melhor maneira de evitar a discussão é tornar o argumento independente de verificação no presente e afirmar que só o futuro lhe revelará os méritos. [...] A linguagem do cientificismo profético correspondia às necessidades das massas que haviam perdido o seu lugar no mundo e, agora, estavam preparadas para se reintegrar nas forças eternas e todo-poderosas [...] Pois as massas, em contraste com as classes, desejam a vitória e o sucesso em si mesmos, em sua forma mais abstrata [...] A propaganda totalitária aperfeiçoa as técnicas da propaganda de massas[...].⁹

Assim, sob intensa propaganda ideológica e diante da concepção política de Hitler que se apoiava sobre a necessidade histórica de assegurar ao povo alemão seu espaço vital, a guerra era inevitável. Os alemães aceitavam o caráter popular da anexação da Áustria, dos Sudetos (região nordeste da Tchecoslováquia onde viviam milhares de pessoas de etnia alemã), de Dantzig, da mesma forma como da revanche pela afronta sofrida com o Tratado de Versalhes.

A política de agressão culminou em 1º de setembro de 1939 com a invasão da Polônia pela Alemanha nazista. A Polônia tentou, inutilmente, resistir diante da guerra relâmpago alemã, a *Blitzkrieg*. Em três semanas, a maior parte da Polônia estava conquistada.

⁹ ARENDT, H. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 391- 400 passim.

Diante dos fatos concretizados, a Inglaterra, aliada da Polônia, declarou guerra à Alemanha; a França, aliada da Inglaterra, fez o mesmo. A Itália se declarou não-beligerante e assim ficaria até 1940. E, cumprindo o pacto de não-agressão que havia feito com a Alemanha em agosto, a União Soviética dominou a Polônia oriental e invadiu a Finlândia. Tinha início a Segunda Guerra Mundial.

Pode-se afirmar, com isso, baseando-se em Paul JOHNSON que, se com o advento da Primeira Guerra Mundial, inaugurava-se um *período de tragédia e vergonha para o cristianismo*,¹⁰ este é acentuado, a partir da década de 1920, em decorrência de uma postura defensiva adotada por Roma diante da perspectiva de um mundo cristianizado que definhava inalteradamente.

Isso significou, como sempre, em épocas de incertezas na história da Igreja Católica, a procura de aliados confiáveis e conservadores como fez, por exemplo, Pio XI, em relação à Alemanha, ao apoiar *as forças conservadoras da direita e não [dar] nenhuma aprovação aos socialistas cristãos, que ele se recusava a distinguir dos marxistas*,¹¹ considerados os inimigos supremos. Ou seja,

enquanto, em teoria, denunciava o mundo moderno como um todo e permanecia dentro de sua fortaleza, na prática chegou a um meio-termo com a autoridade constituída. Assim, agiu com base em reflexos muito arraigados, que, de fato, remontavam à aliança com o poder imperial romano. O cristianismo agostiniano era fundamentado na premissa de que a Igreja agia de comum acordo com as autoridades civis. A Igreja estava protegida: seus mandamentos e doutrinas morais recebiam, em termos gerais, expressão concreta na lei civil; sua propriedade estava assegurada; conferia-se a seus padres e bispos um 'status' honrado; e dava-se ouvidos às suas palavras – isso se não fossem, mais que isso, sempre levadas em consideração. Durante mil e quinhentos anos, a Igreja aceitara essa norma. Quer a Igreja e o Estado tivessem um vínculo formal ou não, ela estava habituada a funcionar em um ambiente civil favorável. As exceções à regra tinham sido breves, e foram tratadas como períodos de crise. Com efeito, a história parecia apontar para a conclusão desanimadora de que a Igreja não tinha condições de suportar a hostilidade ativa do Estado por muito tempo – na melhor das hipóteses, uma ou duas gerações. A idéia da Igreja conduzindo uma grande campanha dentro de uma sociedade hostil – como fizera por 250 anos dentro do império romano – não era considerada viável. Daí evitar-se uma longa guerra contra o Estado, se possível. É claro que, com os marxistas, não poderia haver meio de conciliação ou tolerância mútua. Portanto, seria preciso buscar alianças com as forças na sociedade que

¹⁰ JOHNSON, P. *História do cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001, p. 583.

¹¹ *Ibidem*, p. 584.

estivessem mais comprometidas com a luta antimarxista. É claro que, idealmente, a Igreja preferia cooperar com monarquias católicas legitimistas, com que poderia assinar uma concordata elaborada. Estava, porém, pronta para adaptar-se à segunda melhor opção, ou mesmo à alternativa seguinte, desde que a única situação absolutamente inaceitável – o Estado marxista – fosse inviabilizada. Foi esse tipo de consideração que motivou a estratégia católica entre as guerras: o desejo de conveniência prática e um medo imenso, derivado de avaliação pessimista da capacidade da Igreja de suportar um desgaste prolongado.¹²

Um raciocínio que se aplicava com uma intensidade ainda maior na Alemanha. Afinal, nesse país, os católicos precisavam se defender das acusações de não serem verdadeiros alemães pois, acreditava-se, que seus pressupostos culturais seriam hostis ao espírito do nacionalismo germânico. Para JOHNSON,

foi essa ansiedade continuada por não se expor à acusação de ser antigermânica que levou a Igreja Católica a condescender com Hitler e os nazistas. Tinha pavor de uma nova 'kulturkampf'. Havia um temor partilhado pelos bispos alemães, pelo núncio papal, arcebispo Pacelli, e pelo próprio Vaticano, de que uma segunda campanha, executada com muito mais ferocidade – e talvez por muito mais tempo – que a primeira, conseguiria de fato destruir a Igreja Católica na Alemanha. Temiam que Hitler criasse uma igreja separatista, subordinada ao Estado, e que a imensa maioria dos católicos (e do clero) alemães aderisse a ela, expondo, desse modo, a fragilidade da lealdade ao papado, solapando todo o conceito de triunfalismo populista e infligindo danos incalculáveis ao catolicismo internacional por toda a parte. A força desse medo pode ser avaliada quando levamos em conta o que os católicos tinham de perder ao aceitar Hitler.¹³

¹² Ibidem, p. 584-5.

¹³ Ibidem, p. 585-6. ("Kulturkampf": Bismarck, ávido por subordinar todos os elementos da sociedade alemã ao controle estatal, deu um apoio dissimulado à Igreja Católica Independente, que viera à luz após o decreto do Vaticano de 1870. Era basicamente um grupo acadêmico, que poucas chances tinha de reunir adeptos em massa entre os católicos alemães, mas Bismarck ansiava por mantê-los em atividade; assim, em 1871, proibiu os bispos católicos de destituir de seus cargos os professores do vetero-catolicismo. Essa medida converteu-se rapidamente em um conflito com o pontificado e com o catolicismo oficial alemão sobre todo o campo da educação e da influência exercida pelo catolicismo internacional sobre a cultura nacional alemã. Bismarck denominou-o de 'kulturkampf', ou guerra cultural [...]. Uma lei proibiu os clérigos de discutir, no púlpito, questões de Estado, e, em 1872, lançou-se um programa para colocar todas as escolas sob controle estatal. Os jesuítas foram expulsos e as relações diplomáticas com o pontificado rompidas. Em decorrência das leis penais bismarckianas, vários bispos e centenas de padres foram presos, fecharam-se seminários e se suspenderam os jornais católicos. A 'kulturkampf' foi um produto dos últimos anos e do declínio de Pio IX. Pio morreu em 1878 [...]. Seu sucessor, Leão XIII, conseguiu de Bismarck a anulação das leis anticatólicas e, conseqüentemente, a retomada do relacionamento entre Igreja e Estado na Alemanha. (Ibidem, p. 563-4.))

E as perdas não foram escassas, em especial, depois de 1933, com a assinatura feita por Roma de uma concordata com Hitler que acabou desarmando *unilateralmente o catolicismo germânico como força política e social*¹⁴ e indicando aos demais padres e leigos católicos que o caminho a seguir deveria ser o da plena aceitação do novo regime nazista.

Aliás, em nenhum momento os católicos da Alemanha receberam, após essa assinatura, a liberação, junto à hierarquia local ou a Roma, do dever moral de obedecer à autoridade legítima dos governantes nazistas. Tampouco foram realizadas quaisquer declarações oficiais por parte dos bispos de que o regime instalado era perverso ou simplesmente errôneo:

*O primeiro, e praticamente único, gesto de protesto dos católicos foi a encíclica germânica de Pio XI, 'Mit Brennender Sorge', contrabandeada para a Alemanha e lida em voz alta no Domingo de Ramos de 1937. Ela atacava não somente as violações da concordata, mas as doutrinas raciais e estatais do nazismo, e foi entendida por Hitler como uma declaração de guerra. Suprimiu-a sem dificuldade e não há indícios de que tenha incitado alguma oposição católica ao regime. Com efeito, ele lidava com as Igrejas estatais sem precisar levantar a voz. [...] A Gestapo cuidava da repressão onde fosse necessária. Raras vezes teve de ser severa. Com exceção de alguns indivíduos [como nosso conhecido fundador, Pe. Josef Kentenich], dificilmente os clérigos precisavam ficar muito tempo na prisão.*¹⁵

Apesar das hostilidades demonstradas por Hitler em relação aos cristãos, Pio XII, eleito papa em março de 1939, perpetuou a política de convivência e de conveniência adotada pelo seu antecessor, enviando ao *Führer*, o mais rapidamente possível, uma “carta amigável”.¹⁶ Mais uma vez,

o Papa não ofereceu orientação alguma. Pio XII aconselhou todos os católicos, do mundo inteiro, a 'lutar com valor e caridade', em qualquer que fosse o lado onde por acaso se encontrassem. Mais tarde, defendeu suas declarações nos primeiros

¹⁴ Ibidem, p. 587.

¹⁵ Ibidem, p. 594.

¹⁶ Ibidem, p. 595.

*momentos da guerra alegando que os dois lados tinham-nas interpretado a seu favor. Nesse caso, para que dizer alguma coisa?*¹⁷

Na verdade, o que é verificável de um modo geral, durante o desenrolar da Segunda Guerra Mundial, é que a atitude da Igreja tornou-se, no mínimo, mais servil perante a influência e o poder crescentes de Hitler. Guardava-se silêncio, quer dizer, não se protestava abertamente e não se posicionava explicitamente contrário ao *Führer*, temendo-se que uma ruptura total entre o líder nazista e Roma levasse a uma Igreja Católica germânica separatista. Com isso, todos esses receios e medos, fizeram que o

*pontificado [fosse] incapaz de perceber [...] que os nazistas eram inimigos muito piores do cristianismo do que até mesmo os comunistas. Eles expunham a ambivalência e a fraqueza dos cristãos, bem como sua covardia, ao passo que o comunismo despertava sua força. Além disso, em última instância, os nazistas estavam determinados de forma muito mais implacável a extirpar o cristianismo. [...] Os planos de Hitler para o cristianismo eram muito mais draconianos que qualquer coisa imaginada pelos russos. Em 13 de dezembro de 1941, ele disse a seu círculo que 'um dia, a guerra vai acabar. Então, vou assumir como tarefa final da minha vida a solução do problema religioso. (...) O estado final deve ser: no púlpito, um celebrante senil; diante dele, umas poucas velhas sinistras, os mais gagás e pobres de espírito que for possível'. As atividades anticristãs levadas a cabo na Polônia e em outros lugares foram mais selvagens que qualquer coisa concebida pelos russos, e se aplicaram da mesma forma às Igrejas Católica, Protestante e Ortodoxa. Nas palavras de Himmler: 'não descansaremos enquanto não tivermos extinguido o cristianismo'. A imagem nazista do futuro foi vislumbrada na área experimental de Warthegau, constituído por antigos territórios poloneses e entregue ao total controle do partido, como uma 'tabula rasa'. O plano envolvia não somente a separação entre Igreja e Estado, mas a progressiva e sistemática destruição da religião. Pio XII estava a par disso? Em geral, ele estava bem informado sobre o que acontecia. Por fim, Pio fez um discurso para o Colégio dos Cardeais. O nazismo, afirmou, era 'um espectro satânico (...) a apostasia arrogante de Jesus Cristo, a negação de sua doutrina e de sua obra de redenção, o culto da violência, a idolatria da raça e do sangue, a ruína da liberdade e dignidade humanas'. Mas, àquela altura, já era junho de 1945, os alemães tinham se rendido e havia a segurança de que Hitler estava morto.*¹⁸

¹⁷ Ibidem, p. 596.

¹⁸ Ibidem, p. 599-600. ("Warthegau": foi o nome dado à região da Polônia anexada pelo *Reich* durante a Segunda Guerra Mundial, correspondendo a toda a província de Poznan, a maior parte da província de Lodz, cinco distritos da Pomerânia e um condado da província de Varsóvia.)

Contudo, ainda que a segunda guerra tenha exposto o vazio das Igrejas da Alemanha, a covardia e o egoísmo da Santa Sé e a fraca e “ineficaz” resistência cristã a Hitler e ao nazismo, é indubitavelmente necessário registrar que determinadas e específicas resistências aconteceram e que as mesmas foram mais persistentes e criteriosas que a de qualquer outro elemento da sociedade alemã. Portanto, a prisão de Pe. Josef Kentenich, fundador do “Movimento Apostólico de Schoenstatt”, no campo de concentração nazista de Dachau, é um exemplo disso.

E, será pois, no ano de 1939, após seis semanas do início declarado dessa Segunda Guerra Mundial, sob a égide do nazismo comandado por Adolf Hitler, que a Família de Schoenstatt celebrará vinte e cinco anos de existência.

Vinte e cinco anos de desenvolvimento e expansão. Do pequeno grupo de estudantes – que juntamente com o Pe. Josef Kentenich havia fundado uma Congregação Mariana em Schoenstatt – surgira um movimento de leigos que abrangia homens e mulheres de todos os estados de vida, um Instituto Secular – as Irmãs de Maria – e um forte movimento de teólogos e sacerdotes.

Novas casas de formação foram construídas em torno do santuário de Vallendar. Schoenstatt se expandira além dos limites da Alemanha, a outros países da Europa, da África e da América. Obviamente, esses vinte e cinco anos foram também marcados por dificuldades e por discussões suscitadas entre os círculos católicos alemães em relação à vida, às idéias e ao fundador do Movimento Apostólico de Schoenstatt.

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, os palotinos são obrigados a fechar o Seminário de Schoenstatt e entregá-lo ao Estado. Entre abril e maio de 1939, o Seminário Maior dos padres palotinos, em Vallendar-Schoenstatt, foi ocupado pela Gestapo e transformado em escola nazista.

Todavia, como resposta a esta ocupação indevida, no mesmo mês de maio, imbuídas de um forte espírito de heroísmo,¹⁹ as Irmãs de Maria formaram, ombro a ombro, uma corrente que contornou todo o santuário de Schoenstatt, defendendo a pequena capela de St. Michael com suas próprias vidas, antes que a mesma pudesse passar ao poder dos nazistas, conseguindo com que ela não fosse ocupada e/ou invadida.

Entre 1938 e 1939, desenvolveu-se, entre os membros do Movimento Apostólico de Schoenstatt, uma campanha denominada “Carta Branca”, objetivando-se aprofundar a “Aliança de Amor” de 18 de outubro de 1914. Através da “Carta Branca” os schoenstateanos expressavam que queriam colocar-se totalmente à disposição de “Nossa Senhora de Schoenstatt”. Ela poderia escrever na “Carta Branca” que lhe apresentavam, tudo o que quisesse: perseguição, doença, fracassos ou êxitos. Em troca, pediam a Maria que Schoenstatt saísse vitorioso das “provas” e pudesse cumprir a sua missão que o tempo atual de uma segunda guerra mundial exigia. Ou seja, quando a guerra irrompeu em setembro de 1939, as pessoas ligadas a Schoenstatt consideravam-se preparadas para as adversidades e os obstáculos que pudessem ocorrer.²⁰

Mas, o que a guerra significou, para alemães e europeus, foi o desencadear da ordem nazista de terror, que cresceu vertiginosamente. Paralelamente aos campos de batalha, o nazismo aperfeiçoou a máquina de morte e de destruição em outros campos – os de concentração –, na inquietude de chegar rapidamente à “Solução Final”²¹.

Racismo, barbárie, assassinato em massa de civis como política sistemática, cenários de degradação humana – campos de concentração nazistas, câmaras de gás, políticas de “extermínio total” – como nunca tinham sido vistos na História.

¹⁹ Desde a fundação, em 1914, do Movimento Apostólico de Schoenstatt, Pe. Kentenich sempre estimulou, incentivou e pregou o heroísmo entre seus seguidores/congregados.

²⁰ No dia 18 de outubro de 1939, jubileu de prata do Movimento Apostólico de Schoenstatt, Pe. Josef Kentenich encontrava-se passageiramente na Suíça e foi de lá que escreveu, comemorando os vinte e cinco anos do movimento por ele fundado, as denominadas “Palavras à Hora”, chamadas logo depois de “Segundo Documento de Fundação”. E foi a todos os membros de Schoenstatt, a maioria imbuída por esses sentimentos exaltados relatados acima, que padre Kentenich se dirigiu.

²¹ “Solução final”: eufemismo usado pelos nazistas para definir o extermínio dos indesejados (poloneses, russos, ciganos, homossexuais, doentes mentais e doentes incuráveis, bandidos comuns e prisioneiros políticos e, em especial, os judeus) em todos os territórios sob seu controle.

Evidentemente, uma guerra cujas características fizeram com que fosse qualitativamente diferente das anteriores:

Para entender o que caracteriza a Segunda Guerra Mundial é preciso ver que, tanto quanto em nome de interesses coloniais tardios, de conflitos não-resolvidos entre as potências européias, o racismo e as idéias de eugenia foram centrais na formulação dos próprios planos de guerra e mesmo na condução das batalhas.²²

Ainda que o ano de 1943 tenha se iniciado com perspectivas inteiramente novas – a vitória dos Aliados (Inglaterra, Estados Unidos, União Soviética e, a partir de outubro de 1943, Itália) parecendo inevitável –, o regime de terror nazista intensificava-se, tornando-se cada vez mais cruel. Aos sinais de mudança no cenário da guerra, observava-se, ao mesmo tempo, a uma exaltação do nazismo e de seus métodos e a um endurecimento contra as populações ocupadas ou anexadas, que coincide com o começo do extermínio sistemático dos judeus:

Em fins de 1941 e começo de 1942, Hitler não cessa de atacá-los violentamente em seus discursos; a Conferência de Wannsee, que organiza este extermínio, data precisamente de 20 de janeiro de 1942. Ela é secreta, mas logo é seguida por uma série de medidas na Europa ocupada, em especial na França, para prender os judeus com os métodos que foram utilizados na Europa do Leste no outono de 1941, sobretudo nos países bálticos. [...] Como não é mais possível a solução territorial de reagrupar os judeus, deve-se adotar a solução biológica [...].²³

Três batalhas – Midway, El Alamein e Stalingrado – no curso de pouco mais de seis meses, entre 1942 e 1943, marcaram a alteração dos ventos da guerra. O Eixo (Alemanha, Japão e Itália), com seus pouco mais de duzentos milhões de habitantes, não era páreo para o mundo todo. Seus exércitos tinham conseguido vitórias importantes no começo das hostilidades, mas o mundo reagiu e ajustou-se rapidamente em três anos.

²² CYTRYNOWICZ, R. Loucura coletiva ou desvio da história: as dificuldades de interpretar o nazismo. In: COGGIOLA, O. (Org.). *Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico*. São Paulo: Xamã/USP/FFLCH/Departamento de História, 1995, p. 215.

²³ FERRO, M. *História da Segunda Guerra Mundial: século XX*. São Paulo: Ática, 1995, p. 93.

Em outubro de 1943 a Itália uniu-se aos Aliados e declarou guerra à Alemanha, fechando-se o cerco²⁴. A leste, a ofensiva soviética culminou, em 1944, com a libertação da Romênia, da Bulgária, da Tchecoslováquia e da Hungria pelo Exército Vermelho. A oeste, iniciou-se a 06 de julho a Operação Overlord: sob o comando do general Eisenhower, as forças aliadas desembarcaram na Normandia e abriram a segunda frente na Europa. A ofensiva aliada culminou com o recuo dos alemães para a linha do Reno e a libertação da França.

Mas, o ano de 1942 não foi somente o ano da virada militar dos aliados e de seu sucesso no primeiro passo para a construção da arma definitiva. Foi também o ano da “Solução Final”:

*A sociedade nazista aboliu os conceitos de certo e errado, de bem e mal, no seu sentido mais primário, mais elementar, aboliu a idéia de que matar inocentes era crime. Ela instituiu um extermínio burocrático, de forma que milhares de pessoas podiam se tornar criminosos simplesmente assinando ordens ou repassando-as atrás de suas escrivatinhas, muito longe dos próprios campos de extermínio. A divisão técnica das tarefas contribuiu para que cada um executasse uma pequena tarefa e sua responsabilidade ficasse diluída, de modo que cada um fez ‘apenas’ uma pequena parte. Mas o essencial, claro, era que matar judeus era lei, ainda que nem sempre explícita, no Estado nazista. [...] os nazistas evitavam sempre, a todo custo, enfrentar diretamente as vítimas; o trabalho de retirada dos cadáveres das câmaras de gás era sempre feito por presos, nunca pelos nazistas. [...] o genocídio foi resultado de uma combinação de uma minoria de fanáticos realmente anti-semitas com uma maioria de burocratas oportunistas e banais, em um contexto de difusão sistemática de uma política racista e eugenista que desumanizava cotidianamente os judeus e outros povos considerados inferiores.*²⁵

Não significando, no entanto, a ausência de apatia e de consentimento da maioria da população alemã em relação às experiências de horror, de atrocidade e de desumanidade executadas pelos nazistas: [...] *qual pecadores que no pecado secreto*

²⁴ [...] *A Segunda Guerra Mundial foi portanto travada até o fim, sem idéias sérias de acordo em nenhum dos lados, com exceção da Itália, que trocou de lado e regime político em 1943 e não foi inteiramente tratada como território ocupado, mas como um país derrotado com um governo reconhecido.* (HOBSBAWM, *op. cit.*, 1999, p. 50).

²⁵ CYTRYNOWICZ, *op. cit.*, p. 213-214.

*encontram maior prazer, os assassinos e a população civil estabeleciam um sinistro pacto de cumplicidade.*²⁶

Assim, ao abordarmos historicamente o fenômeno nazista, não podemos considerá-lo como uma obra de meia dúzia de endemoninhados, para não cairmos em equívocos. O nazismo não era uma ideologia irracional. Ao contrário, era um regime que trabalhava significativamente, mais que outras ideologias, o componente irracional das pessoas. E o fazia de uma forma absolutamente racional, premeditada e planejada. O uso da propaganda dirigida em especial às massas, por exemplo, era constante e extremamente estruturado.

Difícil é a compreensão humana diante do choque e do horror suscitados pela visão do massacre de milhares de cadáveres empilhados em valas coletivas nos campos de concentração e de extermínio. Uma dificuldade que acaba por se alastrar na compreensão da história e da política enquanto espaços onde a destruição e o genocídio transformaram-se em política de Estado. No entanto, devemos nos lembrar, conforme Hannah ARENDT, que

*a convicção de que tudo o que acontece no mundo deve ser compreensível pode levar-nos a interpretar a história por meio de lugares-comuns. Compreender não significa negar nos fatos o chocante, eliminar deles o inaudito, ou, ao explicar fenômenos, utilizar-se de analogias e generalidades que diminuam o impacto da realidade e o choque da experiência. Significa, antes de mais nada, examinar e suportar conscientemente o fardo que o nosso século colocou sobre nós – sem negar sua existência, nem vergar humildemente ao seu peso. Compreender significa, em suma, encarar a realidade sem preconceitos e com atenção, e resistir a ela – qualquer que seja.*²⁷

Uma realidade colocada, em prática, inicialmente, em Dachau, uma cidade localizada a pouco menos de 20 quilômetros a noroeste de Munique, que acabaria

²⁶ LENHARO, *op. cit.*, p. 10.

²⁷ ARENDT, *op. cit.*, p. 12.

por ser palco do primeiro campo de concentração nazista.²⁸ Esse campo de concentração de Dachau se tornaria uma “escola de assassinatos” para membros da SS e, algum tempo depois, modelo a ser seguido pelos demais campos de extermínio:

[...] Dachau era até o começo dos anos 30 uma pacata comunidade de artistas em início de carreira. Em março de 1933, logo depois que Adolf Hitler tornou-se chanceler em Berlim, 5 mil soldados da polícia alemã, a SS, transformaram a cidade num trágico símbolo da era nazista. Utilizaram as instalações de uma antiga fábrica de munição da 1ª Guerra Mundial para construir um laboratório de horrores, local de treinamento das piores técnicas de tortura – física e psicológica – , que seriam posteriormente aplicadas em outros campos. Embora não tenha sido criado como um local de extermínio, milhares de pessoas foram mortas em Dachau. A frase de ‘boas-vindas’, gravada no portão de entrada do campo, virou o slogan do Terceiro Reich: ‘Arbeit Macht Frei’, ou Só o Trabalho Leva à Liberdade. Logo que chegavam, os prisioneiros imaginavam que seriam obrigados apenas a praticar trabalhos forçados. Que engano. Registros oficiais indicam que mais de 206 mil pessoas foram mandadas ao campo de concentração, mas o número exato de prisioneiros nunca foi revelado. Estima-se que, pelo menos, 31.951 prisioneiros morreram ali, vítimas das atrocidades dos nazistas e de várias epidemias, como a de tifo, que fazia, diariamente, entre 100 e 200 vítimas.²⁹

A área do campo de concentração de Dachau abrangia um retângulo de 240 metros, por 600 metros. Estava todo cercado por um muro, iluminado à noite e, junto ao muro, cercas duplas de arame farpado eletrizado e fossos com água. A alguns metros de distância da entrada do campo, avistavam-se sete ou oito torres de onde os soldados da SS faziam vigília munidos de metralhadora:

Quando alguém se aproximava oito metros do fosso os vigias atiravam sem prévio aviso. De 10 metros em 10 metros havia placas com caveiras. Bastava pisar aí para ser irremediavelmente fuzilado. Ao longo de uma avenida central levantavam-se as barracas, 17 de cada lado. Duas funcionavam como enfermaria, uma como cantina e outra como oficina. As demais seriam de moradia para os prisioneiros. Cada barraca-moradia, de 98 metros por 9 metros, continha quatro peças e cada peça, um dormitório e uma sala de estar (sic!). Para cada duas peças, lavados e

²⁸ Em 20 de março de 1933, Heinrich Himmler, chefe das SS e da Gestapo, concedeu uma entrevista à imprensa em que anunciou o estabelecimento formal do primeiro campo de concentração em Dachau, destinado a internar 5 mil prisioneiros. De forma alguma envergonhado da violência de suas práticas, o regime não se preocupou em fazer segredo sobre a fundação dessa nova instituição. (GOLDHAGEN, D. J. *Os carrascos voluntários de Hitler: o povo alemão e o holocausto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 185).

²⁹ KULCZYNSKI, V. Dachau serviu de laboratório para nazistas. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 5 set. 2000. Disponível em : <<http://www.estado.estadao.com.br/suplementos/viag/2000/09/05/viag034.html>>. Acesso em: 13 nov. 2001.

*sanitários comuns. Em cada peça viviam 52 prisioneiros, ou seja, 208 prisioneiros por barraca. Houve, porém, momentos em que até 1600 prisioneiros tiveram que ser alojados numa só barraca.*³⁰

E foi a este lugar, campo de concentração de Dachau, que Pe. Josef Kantenich foi enviado em março de 1942 – depois de ter sido preso pela Gestapo em Koblenz – de onde sairia apenas em abril de 1945.³¹ E, ao chegar a este campo no dia 13, inicialmente não lhe foi permitido ir para junto dos sacerdotes que se localizavam nas barracas 26, 27, 28, 29 e 30, permanecendo alguns meses na companhia dos leigos, fundando dois novos Institutos: o dos “Irmãos de Maria” e o da “Obra das Famílias”.

Após sete meses passou para o bloco dos sacerdotes poloneses, onde começou a esboçar a Internacional de Schoenstatt, ingressando, por fim, no dos sacerdotes alemães, encontrando diversos padres palotinos e sacerdotes diocesanos do Movimento Apostólico de Schoenstatt.

O “Terceiro Documento de Fundação” aqui analisado, compõe-se, pois, de três conferências que o fundador fez nesse campo de concentração de Dachau, das quais o que se possui são somente apontamentos tomados por alguns dos presentes, o que faz com que a forma como este documento está estruturado diferencie-se dos dois documentos anteriores.³²

O motivo que levou à primeira conferência, datada de 24 de setembro de 1944, foi a consagração de um dos grupos ou círculos de elite, formado sob a inspiração do Pe. Kantenich em Dachau – o Grupo da União³³ do Pe. Fischer, cujo objetivo era a

³⁰ TREVISAN, V. *Movimento Apostólico de Schoenstatt: introdução histórica*. Santa Maria: Pallotti, [198?], v. 1, p. 255-256.

³¹ *Em abril de 1945, 4100 guardas e administradores estavam estacionados em Dachau.* (GOLDHAGEN, *op. cit.*, p. 181).

³² Cf. Anexo C.

³³ *A vida e os trabalhos dos grupos shoensstateanos entre os sacerdotes prisioneiros em Dachau se desenvolveram tanto que desde o reinício dos trabalhos nos grupos em meados de 1943, que o Pe. Kantenich achou conveniente introduzir no campo a mesma organização usada em Schoenstatt, isto é, grupos da União e grupos da Liga. Isso se deu pouco a pouco e assim, até setembro de 1944 constituíram-se dois grupos da União*

fundação da Internacional de Schoenstatt. Assim, a “Aliança de Amor” poderia se estender universalmente.

A segunda conferência (18 de outubro de 1944) – considerada o coração, a medula desse “Terceiro Documento de Fundação” – oficializou a abertura da Obra de Schoenstatt para o mundo e celebrou as “núpcias” entre Schoenstatt e a Congregação dos Palotinos.³⁴

E, por fim, a terceira conferência, do dia 08 de dezembro de 1944, que constitui um todo com as anteriores, pronunciada por ocasião da consagração do Grupo da União do Pe. Dresbach.

Pe. Josef Kentenich permaneceria no campo de concentração de Dachau até o ano em que se estendeu a política de Estado adotada pelo regime nazista na Alemanha, ou seja, 1945. Em janeiro de 1945 a Polônia fora libertada pelos soviéticos, que, logo depois, realizaram a junção de suas tropas com as americanas às margens do rio Elba. Com o suicídio de Hitler, a conquista de Berlim pelo Exército Vermelho e a queda do *III Reich*, terminava, em maio de 1945, a guerra na Europa e o horror nazista era mostrado explicitamente ao mundo.

[do ‘Pe. Fischer’ e do ‘Pe. Dresbach’] e cinco grupos da Liga dos Sacerdotes. (MONNERJAHN, E. P. *José Kentenich: uma vida pela Igreja*. Santa Maria: Pallotti, 1977, p. 167).

³⁴ Sabe-se, hoje, que mais tarde, a Comunidade dos Palotinos, em sua maioria, não aceitou estas “núpcias” realizadas por representantes da Província alemã de Limburgo. Por isso, muitos tiveram que se desligar da Sociedade e junto com outros sacerdotes, fundaram novo Instituto Secular, os Padres de Schoenstatt – comunidade que atualmente assumiu o caráter de “parte central e motriz” do Movimento Apostólico de Schoenstatt.

3.2 O Movimento Apostólico de Schoenstatt

Herdeiros de uma tradição filosófica inaugurada no século XVIII, não obstante, acostumou-se a pensar que o surgimento do universo democrático tivesse sido consequência de uma ruptura com o mundo da religião.

A partir do momento que Nietzsche decretou a “morte de Deus”,³⁵ autores diversos detiveram-se para pensar esse processo de “secularização”, acreditando na emergência de um universo laicizado onde a crença na existência de Deus não mais estruturaria a organização do espaço público.

Mas, o que se observa, é que a crença não desapareceu. E, no entanto, se é verdade que a sociedade moderna emergiu de uma ruptura que opôs o espaço público ao privado, ao destituir a Igreja de suas funções de governo e restringir a liberdade religiosa às escolhas e profissões de fé subjetivas, a presença cada vez mais visível, na atualidade, das religiões no âmbito da esfera pública – se realmente, em algum momento, é correto falar de ausência ou antes, simplesmente, aparente recuo – suscita reflexões.

A relação das religiões com a esfera pública é extremamente complexa pois sua influência é abrangente e não se traduz, necessariamente, de maneira imediata. Ou, ao contrário, pode despertar ações repentinas e avassaladoras movidas por paixões derivadas de crenças.

³⁵ Curiosamente, decretar a morte de alguém ou de alguma coisa significa, antes de mais nada, acreditar na sua existência. Visto que, se Deus morreu, é porque estava vivo anteriormente e, por isso mesmo, pode até reviver um dia!

Ainda que o “homem moderno a-religioso” tenha se caracterizado por uma exigência em se dessacralizar e dessacralizar o mundo,³⁶ atitudes “racionais” parecem afrouxar-se perante situações adversas. Há sempre uma necessidade incessantemente presente, em milhares de pessoas, em buscar lugares sagrados habitados por forças e poderes sobrenaturais.

Isso, sem mencionar que, o elemento primário, por assim dizer, do sagrado, no qual ele se manifesta, desenvolve-se e se conserva, é a vida social.

Uma das características da irrupção histórica do sagrado é que este ocorre no seio da vida pública, como crença amplamente social, de alcance essencialmente coletivo. Ou seja, ser católico, por exemplo, é solidarizar-se com outros homens, identificar-se com eles, entre outras coisas, no modo de pensar, de se comportar e de agir.

Ainda que o cristianismo, quando do seu surgimento, tenha se restringido a pequenos grupos, no decorrer de apenas duas gerações tomou conta de toda a sociedade antiga. Ao final do século I, já havia se implantado em toda a Ásia Menor, na Macedônia, na Grécia e em Roma, na tentativa de afirmar seu caráter de religião universal.

Conseqüentemente, podemos afirmar, que a sociedade nunca perde de todo a religião. Mesmo que por laços tênues, ela está sempre ligada ao sagrado, do Deus vivo e pessoal no qual confia e espera como Pai e Salvador.

³⁶ Ao se fazer uso dessa afirmação, concorda-se com ELIADE para quem o homem moderno a-religioso *assume uma nova situação existencial: reconhece-se como o único sujeito e agente da História e rejeita todo apelo à transcendência. [...] O homem 'faz-se' a si próprio, e só consegue fazer-se completamente na medida em que se dessacraliza e dessacraliza o mundo. O sagrado é obstáculo por excelência à sua liberdade. [Porém] um homem exclusivamente racional é uma abstração; jamais o encontramos na realidade. Todo ser humano é constituído, ao mesmo tempo, por uma atividade consciente e por experiências irracionais.* (ELIADE, M. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 165 e 170).

O que acontece, no entanto, é que, se no mundo arcaico, o homem nunca estava sozinho no universo, no mundo moderno, a solidão pode vir a ser inevitável e esse avanço do individualismo é diretamente proporcional ao alastramento da irreligiosidade considerando que, um dos caracteres do sagrado, é o social.

Mas, o ser humano não apenas criou e cria as formas para se ajustar melhor às condições do meio ambiente como também as suas próprias crenças, seus mitos explicativos do universo e do homem. Como elucidativamente descreve GEBARA,

somos seres necessitados de sentido, somos como que habitantes de um continente que se chama sentido, só que esse continente é formado substancialmente por construções, por interpretações nascidas de nós. Como disse em algum lugar meu amigo poeta Rubem Alves, 'a gente tece as redes nas quais nos deitamos'.³⁷

Assim, a religião acaba por fazer parte das idealizações, das representações que os seres humanos fazem do mundo, do universo, da natureza, das origens, das finalidades, enfim, de si mesmos. Tais representações tornam-se a maneira pela qual se constrói a realidade na mente e se referem ao sobrenatural.³⁸

Afinal, coincidentemente, são as representações religiosas que parecem aflorar em situações de intensa vulnerabilidade do homem. Em situações, por exemplo, aonde a contradição vida/morte acentua-se, verifica-se uma utilização quase exclusiva de códigos religiosos.³⁹ Quer dizer, quando a contradição não se resolve no campo do real, a

³⁷ GEBARA, I. *Trindade, palavra sobre coisas velhas e novas: uma perspectiva ecofeminista*. São Paulo: Paulinas, 1994, p. 16.

³⁸ Segundo PRIEST, *Campbell nos diz que o mito é a expressão da resposta total do homem a seu encontro com a realidade e o esforço subsequente para assegurar a própria existência significativamente em face dessa realidade*. Ou ainda, como afirma PROGOFF, *é mito porque toca o que é último no homem e sua vida, expressa-o simbolicamente e fornece uma perspectiva interior na qual os mistérios da existência humana são sentidos e penetrados*. (cf., respectivamente, PRIEST, J. F. *Mito e Sonho na Escritura Hebraica*; e, PROGOFF, J. *Sonho Desperto e Mito Vivo*. In: CAMPBELL, J. (Org.) *Mitos, Sonhos e Religião: nas artes na filosofia e na vida contemporânea*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001, p. 54 e 177).

³⁹ *A realidade segue seu curso férreo, em meio às lágrimas e surda a elas. Envelhecemos, adoecemos, sentimos dores, nossos corpos se tornam flácidos, a beleza se vai, os órgãos sexuais não mais respondem aos estímulos*

tendência é procurar uma solução no campo simbólico, constituindo-se enquanto função fundamental dos símbolos a reafirmação de um sentido.

O símbolo busca expressar o que vivemos, aquilo que experienciamos, pois, não raro, a maioria de nós não pode fazê-lo por meio de palavras, dado o limite em se expressar por meio delas. *Na realidade, se existe uma solidariedade total do gênero humano, ela só pode ser sentida e ‘atuada’ no nível das Imagens*⁴⁰ que, por sua vez, está imersa em pleno simbolismo.⁴¹

Assim, os símbolos desempenham um papel importantíssimo na vida religiosa da humanidade porque, graças a eles, o mundo se torna “transparente”, suscetível em demonstrar sua transcendência.

Aliás, o pensamento simbólico *é consubstancial ao ser humano; precede a linguagem e a razão discursiva. O símbolo revela certos aspectos da realidade – os mais profundos – que desafiam qualquer outro meio de conhecimento.*⁴² Essa é, justamente, outra função sua, a de revelar uma realidade total, inacessível aos outros meios do conhecer.

Por meio de seus símbolos, os homens asseguram exorcizar os medos e se protegerem do caos, pois acreditam encontrar nesses, respostas à sempre inquietante necessidade de viverem em um mundo que faça sentido. Com isso, a religião caminha de encontro aos anseios de grande parte da humanidade, afinal

do odor, da vista, do tato, e a morte se aproxima inexorável. [...] Em meio a essa situação sem saída a imaginação cria mecanismos de consolo e fuga, por meio dos quais o homem pretende encontrar, na fantasia, o prazer que a realidade lhe nega. [...] A religião é um desses mecanismos. A religião é mensagem do desejo e esperança de prazer. (ALVES, op. cit., p. 90-91).

⁴⁰ ELIADE, M. *Imagens e Símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 15.

⁴¹ [...] *A imagem tem sempre uma influência mais forte sobre nossos sentimentos do que idéias abstratas e sofisticadas.* (WATTS, A. W. *Mitologia Ocidental: dissolução e transformação*. In: CAMPBELL, J. (Org.) *op. cit.*, 2001, p. 16).

⁴² *Ibidem*, p. 8.

o homem 'diz' a religião, este universo simbólico 'que proclama que toda a realidade é portadora de um sentido humano e invoca o cosmos inteiro para significar a validade da existência humana' (Berger & Luckmann).⁴³

Não é de se estranhar, portanto, a constante utilização que padre Josef Kentenich faz, no transcorrer de suas conferências, de símbolos. As realizações de suas intenções são transferidas para a esfera de determinados símbolos que se adaptam, adequadamente, em um mundo do sagrado que se instaura ao poder do invisível.

Ao se inserir no círculo do sagrado, processam-se transformações. A linguagem, agora, refere-se a “coisas invisíveis”, coisas que os sentidos comuns não captam. Segundo explicações, somente os olhos da fé podem contemplar. Conseqüentemente, a utilização de símbolos passa a ser primordial pois, uma de suas características, é a simultaneidade dos sentidos que ele é capaz de revelar. Além do mais, eles podem ser diversamente vividos e valorizados.

Citemos um símbolo, em especial, usado pelo fundador do Movimento Apostólico de Schoenstatt, objetivando, desta maneira, uma melhor compreensão da dimensão do sagrado e da simultaneidade de sentidos que o mesmo pode representar.

O símbolo escolhido, o do “coração”, é constantemente utilizado pelo padre Josef Kentenich. Na verdade, este símbolo acaba perpassando todos os documentos persistentemente. Faz-se referência a ele nada menos que quarenta e sete vezes! É, para o fundador, entre outras coisas, *o símbolo das faculdades afetivas, do subconsciente e do consciente.*⁴⁴

⁴³ ALVES, *op. cit.*, p. 34.

⁴⁴ Cf. Anexo C. (Os símbolos podem ser multivalentes e, assim, apresentarem um conjunto de significações verdadeiro e não apenas uma única de suas possíveis referências).

Desde tempos imemoriais, o coração assumiu papel central na fé dos povos, designando o homem interno inteiro em contraste com a pessoa externa, representando o centro de todos os movimentos espirituais, como o sentimento. Enfim, um símbolo da vida e, por isso, de imensa significação às pessoas que desejam expressar sua instrumentalidade e sua doação a serviço da religião, como se verifica no “Terceiro Documento de Fundação”:

*Não foi por acaso que escolhemos o coração como símbolo de nosso caráter de instrumento [...]. Queremos oferecer-nos e entregar-nos aos Mestres da Obra – Jesus e a Mãe de Deus – não somente com a vontade e a razão, não somente com a memória, mas de modo especial com o coração.*⁴⁵

Em passagens do Antigo Testamento, relaciona-se o verdadeiro ser do homem não ao seu exterior, a características físicas como beleza ou força, ao contrário, ao seu interior. É o coração – os sentimentos – que marca o homem, podendo mesmo, segundo a Bíblia, transformar-se em outra pessoa quem recebesse um novo coração. Maldades e/ou bondades são condicionadas a aspectos do coração, invisíveis aos olhos do homem, mas inteiramente perceptíveis aos olhos de Deus:

*Mas o Senhor disse-lhe: ‘Não te deixes impressionar pelo seu belo aspecto, nem pela sua alta estatura, porque eu o rejeitei. O que o homem vê não é o que importa: o homem vê a face, mas o Senhor olha o coração’.*⁴⁶

A palavra coração aparece na Bíblia milhares de vezes e raramente em seu sentido próprio de órgão fisiológico. Na esmagadora maioria das vezes, vem empregada metaforicamente, ou melhor, expressando a simultaneidade de sentidos que

⁴⁵ Cf. Anexo C.

⁴⁶ BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução de Frei João José Pedreira de Castro. São Paulo: Ave Maria, 2000. (cf. 1Sm 16, 7).

um símbolo pode carregar, como podemos exemplificar por meio de alguns trechos do Novo Testamento:

Paulo escreve ‘em grande tribulação e com o coração angustiado’ (2Cor 2, 4). A fé não é coisa do pensamento e sentimento, mas só do coração (Rm 10, 10). O coração ‘que nos acusa’ nada mais é do que a consciência (1Jo 3, 19ss). Pedro admoesta as mulheres que os seus enfeites não estejam no exterior, no trançado do cabelo e nas vestes, ‘mas o homem oculto no íntimo do coração’ (BJ: ‘mas nas qualidades pessoais internas’), ‘isto é, na incorruptibilidade de um espírito manso e tranqüilo’ (1Pd 3, 3s). Porque o coração é ponto de partida de todo agir humano, Deus escreverá suas leis nos corações (Hb 8, 10). ‘O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado’ (Rm 5, 5). O coração torna-se o órgão da religião, da religação com Deus; pela fé Cristo mora no coração (Ef 3, 17).⁴⁷

Logo, o símbolo pertence – da mesma forma que o mito e a imagem – à essência da vida espiritual. Ele pode surgir camuflado, mutilado ou degradado, mas dificilmente extinto, apreciando-se a realidade sagrada que é apto a revelar como nenhuma outra “manifestação”.

O coração pode vir a ser sagrado, mesmo continuando coração, em virtude do “poder” que ele manifesta. A confirmação do sagrado não aconteceu em uma coisa em si, antes na sua nomeação como tal, importando, por isso, o objeto que a “fantasia” e a “imaginação” constrói.

Outro símbolo que padre Josef Kentenich faz referência é ao da “cruz”, justificadamente previsível, considerando as adversidades presenciadas por ele e os primeiros congregados em tempos de guerra, as intenções do fundador com consagrações e entregas a Maria e as significações que esse símbolo acarreta ao cristianismo.

Para os cristãos, efetivamente, a Cruz é o sustentáculo do mundo, pois o sangue de Jesus, crucificado no centro da Terra, teria sido derramado precisamente no

⁴⁷ LURKER, M. *Dicionário das Figuras e Símbolos Bíblicos*. São Paulo: Paulus, 1993, p. 68.

local onde fora criado e enterrado Adão, batizando-o e, conseqüentemente, redimindo-o e, juntamente com ele, a humanidade inteira, dos seus pecados.

Caracterizada que é pelo número quatro, a cruz também pode simbolizar a união dos contrários, como se examina na epístola aos Efésios:

*Agora, porém, graças a Jesus Cristo, vós que antes estáveis longe, vos tornastes presentes, pelo sangue de Cristo. Porque é ele a nossa paz, ele que de dois povos fez um só, destruindo o muro de inimizade que os separava, abolindo na própria carne a lei, os preceitos e as prescrições. Desse modo, ele queria fazer em si mesmo dos dois povos uma única humanidade nova pelo restabelecimento da paz, e reconciliá-los ambos com Deus, reunidos num só corpo pela virtude da cruz, aniquilando nela a inimizade.*⁴⁸

Pela cruz, duas partes opostas são reconciliadas, o que equivale a dizer que não se trata de duas orientações de fé diversas. Até o céu e a terra se unem nesse ponto. As quatro dimensões da cruz indicam a universalidade da salvação.

Símbolo principal do cristianismo, se primeiramente a cruz é sinal de sofrimento, doação total e morte, pois nela Jesus foi crucificado e morto, isso aconteceu, contudo, para que a humanidade fosse salva. Portanto, a ambivalência da cruz faz com que ela seja o símbolo também da redenção e, com isso, da vida, como anuncia padre Kantenich na conferência de 1939:

Se Deus exigisse a nossa vida e a dissolução passageira da Família, veríamos nisto a mais perfeita oportunidade de provar nossa fé na divindade da Família. Tornar-nos-íamos assim semelhantes a Jesus que, por palavras e exemplos, estabeleceu a grande lei construtora do reino de Deus: 'Quando eu for elevado na cruz, atrairei

⁴⁸ BÍBLIA, *op. cit.* (cf. Ef 2, 13-16).

tudo a mim... A semente deve, primeiro, ser lançada na terra e morrer, e depois produzirá muitos frutos.⁴⁹

Podemos afirmar que a validade de um símbolo não depende do grau de compreensão dos indivíduos e que a sua “atualização” não é mecânica e trivial. Isto porque ela está relacionada às tensões e às mudanças da vida social, aos acontecimentos pelos quais as pessoas são submetidas.

Assim, os sentidos de um único símbolo não se esgotam e são capazes de se adaptarem a tempos, lugares e pessoas diferentes. Como a “Aliança de Amor” estabelecida entre padre Josef Kentenich e seus alunos com a mãe de Deus no dia 18 de outubro de 1914.

De acordo com o “Primeiro Documento de Fundação” do Movimento Apostólico de Schoenstatt, o fundador acredita na interferência da “mão de Deus” no desenvolvimento da Congregação e na possibilidade da Divina Providência valer-se do pequeno e do insignificante para realizar grandes obras na história da salvação, aspectos recorrentes no catolicismo.

Confiando reconhecer a voz de Deus convidando-o e aos jovens para selar a “aliança” com Maria num lugar determinado – a pequena capela recentemente adquirida – padre Kentenich exige de cada participante o *mais alto grau imaginável de perfeição de estado e de santidade*⁵⁰ para a realização desse ideal da Congregação de inteira consagração à Virgem, entendendo-se que esse conceito de santidade,

⁴⁹ Cf. Anexo B.

⁵⁰ Cf. Anexo A.

*assume um significado ambivalente: evoca, de facto, algo de terrífico, que implica uma separação radical da condição humana, mas também a possibilidade de uma relação com o Divino susceptível de efeitos purificadores.*⁵¹

A centralidade desse primeiro documento está na proposta do movimento mariano em se vincular a um lugar determinado, posteriormente conhecido como “Santuário da Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt”, e, especialmente, na concretização de uma “aliança” com Maria.

Na história do cristianismo a confirmação do sagrado, da presença do sobrenatural, muitas vezes é marcada e selada por “alianças”. De acordo com o relato da Bíblia, três meses depois da saída do Egito, por exemplo, no deserto do Sinai, verificou-se uma “aliança” entre Deus e Moisés e o povo que o acompanhava: *Agora, pois, se obedecerdes à minha voz, e guardares minha aliança, sereis meu povo particular entre todos os povos;*⁵² seguida, de uma teofania:

Moisés levou o povo para fora do acampamento ao encontro de Deus, e pararam ao pé do monte. Todo o monte Sinai fumegava, porque o Senhor tinha descido sobre ele no meio de chamas; o fumo que subia do monte era como a fumaça de uma fornalha, e toda a montanha tremia com violência. O som da trombeta soava ainda

⁵¹ VAUCHEZ, A. Santidade. In: *Enciclopédia Einaudi: Mythos/Logos, Sagrado/Profano*, 1987, p. 287. (Para VAUCHEZ, ainda, a partir dos “tempos modernos”, o problema da santidade se colocaria todas as vezes que alguns indivíduos tentassem retomar em si próprios a função de mediador entre as forças do mundo exterior ao homem e certas necessidades de certezas e seguranças pertinentes, quer para a vida material, quer para o seu mundo exterior. Já, de acordo com a Igreja Católica, o santo seria aquele homem – na maioria das vezes morto – com o poder de fazer milagres através da intercessão junto a Deus. Como intercessor, o santo tem a tarefa de vincular os homens a Deus. Mas, o milagre, na religião católica, é exclusividade divina, não santa. Os santos intercedem e transmitem os pedidos de milagres dos homens a Deus, que por sua vez, decide conceder ou não. O milagre seria, portanto, uma graça de Deus aos homens – um favor outorgado. Em alguns santos, o martírio significou um voto de confiança a mais no seu poder de intercessão, considerando que o santo martirizado deu testemunho de sua fé pelo sofrimento e pela morte, a favor de Cristo e de Deus. Assim, ao expor a necessidade em se buscar essa santidade, na realidade, padre Josef Kentenich, está se referindo muito mais a esse caminho que se deve percorrer para se alcançar a mesma – sofrimento, martírio, doação – do que, especificamente, ao ideal de ser “santo”. A intenção do fundador é exaltar a importância em se entregar a vida pelos princípios do movimento, ou seja, em decorrência de se seguir o exemplo da mãe de Deus).

⁵² BÍBLIA, *op. cit.* (cf. Ex 19, 5).

*mais forte; Moisés falava e os trovões divinos respondiam-lhe. O Senhor desceu sobre o cume do monte Sinai; e chamou Moisés ao cume do monte. Moisés subiu.*⁵³

E, posteriormente, esta “aliança” efetivada no monte Sinai, entre Deus e os israelitas, será concluída: *Moisés tomou o sangue para aspergir com ele o povo: ‘Eis, disse ele, o sangue da aliança que o Senhor fez convosco, conforme tudo o que foi dito;*⁵⁴ para, depois, ainda ser renovada:

*O Senhor disse: ‘Vou fazer uma aliança contigo. Diante de todo o teu povo farei prodígios como nunca se viu em nenhum outro país, em nenhuma outra nação, a fim de que todo o povo que te cerca veja quão terríveis são as obras do Senhor, que faço por meio de ti.’*⁵⁵

Desta maneira, podemos constatar que o princípio vital, o constitutivo do Movimento Apostólico de Schoenstatt, é essa “Aliança de Amor” concluída com Maria na pequena capela de St. Michael em Vallendar.

O típico de Schoenstatt é sua pretensão em realizar e em concretizar sua missão por intermédio de Maria, quer dizer, demonstrando ao mundo a posição, a dignidade e a missão próprias da mãe de Deus que, conseqüentemente, torna-se um exemplo, um modelo a ser seguido.

Ainda que a premissa básica de uma “aliança” seja a de que em um compromisso livremente firmado entre duas (ou mais) partes, os contratantes acabem posicionados em uma situação de igualdade e, por isso, as responsabilidades – direitos e deveres – estabelecidas entre os mesmos tornem-se mútuas, deve-se mencionar, novamente, que, no que se refere ao sagrado, esse se diferencia do profano, entre outras

⁵³ Ibidem. (cf. Ex 19, 17-20).

⁵⁴ Ibidem. (cf. Ex 24, 8).

⁵⁵ Ibidem. (cf. Ex 34, 10).

coisas, por promover a sensação de superioridade e de poderio de alguns seres sobre outros. Ou seja, na verdade, seria inviável uma relação de igualdade entre “pessoas comuns” e “seres sobrenaturais”.

Mas, para padre Josef Kentenich e os primeiros membros da recente fundada congregação mariana de Schoenstatt, uma certa reciprocidade entre os mesmos e Maria teria acontecido, atentando que haviam estabelecido uma “aliança”, no dia 18 de outubro de 1914, em meio a Primeira Guerra Mundial, na inauguração da pequena capela de St. Michael, na Alemanha.

Não significando, contudo, que o fundador tenha negligenciado a necessidade imperiosa dos congregados em buscar a “santidade”. Isso, sem falar, que padre Kentenich, no sétimo parágrafo do primeiro documento, afirma a inteira confiança na responsabilidade desses para a realização do seu “projeto”.

Tem-se a fé que na prática não se preocupa somente em descobrir a vontade de Deus. Traduz-se também em um sério compromisso e adesão filial: *Quanto depender de nós [...] nada deixaremos faltar.*⁵⁶ A fé é essa confiança, uma adesão plena ao que lhe é manifestado como ação da divindade, constituindo-se a religião em crença e não em saber.

Além disso, o fundador continuamente salienta a importância e a “alegria” de possuírem a “capelinha” em questão pois, anteriormente, as funções litúrgicas e as conferências do diretor espiritual eram executadas na capela do internato, considerada, então, inadequada por ser fisicamente muito grande e não ser reservada.

⁵⁶ Cf. Anexo A.

Com isso, verificava-se a necessidade de que esses primeiros congregados do Movimento Apostólico de Schoenstatt fizessem uso de um local próprio, pelo qual se sentissem atraídos, responsáveis e vinculados.

Afinal, a “Aliança de Amor” não deveria ser simplesmente selada, antes, também, vivenciada integralmente, o que se achava possível de ser consolidado junto à pequena capela de St. Michael, haja visto a confiança que tinham em poder, para esse lugar, *mover nossa Senhora e Rainha a estabelecer aqui, de modo especial, o seu trono, distribuir seus tesouros e realizar milagres da graça.*⁵⁷

Assim, diante da certeza incitada pela crença de que Maria distribuiria suas graças e bênçãos nessa capela, Pe. Josef Kentenich e os primeiros congregados se ligam espiritualmente a esse lugar por meio de um vínculo de fé, estabelecendo, portanto, uma clara distinção entre sagrado e profano, reorganizando esse espaço e conferindo-lhe qualidades culturais diferenciadas das simples qualidades naturais.

E, na última parte desse “Primeiro Documento de Fundação”, há uma reafirmação do mútuo compromisso fixado entre Maria, o padre espiritual e seus alunos em uma “Aliança de Amor”: *Amo aos que me amam*, palavras, segundo o fundador do movimento, da própria mãe de Deus *pela boca do Santo Arcanjo.*⁵⁸

Pe. Josef Kentenich comunica-se a jovens nos quais pulsa grande amor à pátria. Eles vêm na guerra uma expressão de amor patriótico e oportunidade para heroísmos, momento em que devem lutar pela “santidade” de tal modo que a Alemanha se torne modelo para outras nações, exercendo grande influência sobre as mesmas. Faz-se exigências ao contraente humano que viriam a constituir a condição para que a virgem de Nazaré se estabelecesse no santuário:

⁵⁷ Cf. Anexo A.

⁵⁸ Cf. Anexo A.

Provai primeiro que realmente me amais e tomais a sério os vossos propósitos. Agora tendes a melhor ocasião para demonstrá-lo. Conforme o plano da Divina Providência a grande guerra européia é meio extraordinariamente proveitoso na obra de vossa santificação. Essa santificação exijo de vós.⁵⁹

Era necessário provar por meio de ações, o amor e a devoção à Maria, e elevar ao máximo as exigências a respeito deles próprios, cuidando também pelo cumprimento de uma zelosa vida de orações. Quer dizer, uma adesão e uma entrega incondicionais, de “corpo e alma”, ao Movimento Mariano de Schoenstatt.

Portanto, podemos enfatizar três mensagens como as principais de Schoenstatt, que padre Kentenich acaba por apontar, implícita ou explicitamente, no transcorrer desse primeiro documento: a “Aliança de Amor” de Deus e Maria com os homens, a necessidade em se desenvolver uma consciência de missão, heroísmo e “santidade” nas pessoas ligadas ao movimento e, em particular, o vínculo estabelecido com o santuário.

Observa-se, do mesmo modo, que o fundador recorre a exemplos comprovadamente aceitos pela maioria enquanto verdadeiros, argumentando com os mesmos ao longo de seu discurso, intencionando, com isso, conceber uma maior veracidade naquilo que se pretende difundir.

E, a linguagem empregada, é estreitamente vinculada e inserida nos aspectos religiosos, adequando-se, dessa maneira, ao público em questão. Tem-se um diretor espiritual, Pe. Josef Kentenich, que se relaciona com seus alunos, seminaristas, pertencentes à recém fundada congregação mariana de Schoenstatt. Portanto, como nos apontou GEBARA,

⁵⁹ Cf. Anexo A.

*a linguagem religiosa se amarra à linguagem do cotidiano e aí expressa sua densidade. [...] As palavras da religião têm uma magia própria e ao mesmo tempo dependente da força de quem as utiliza. Elas alteram diferentemente nossos corpos e nos abrem para percepções diferentes, singulares e plurais ao mesmo tempo.*⁶⁰

Contrariamente a esse primeiro documento que foi de âmbito extremamente restrito – uma conferência pronunciada na inauguração da capela de Vallendar aos primeiros membros da Congregação Mariana de Schoenstatt – o segundo documento dirige-se a todas as pessoas ligadas ao movimento. Segundo Pe. Kentenich, a esses *sacerdotes, leigos, adultos, jovens e crianças, mulheres e homens, moças e rapazes*.⁶¹

Comemorava-se o jubileu de prata do Movimento Apostólico de Schoenstatt. E, padre Kentenich, encontrando-se de passagem pela Suíça nesse dia de comemoração, 18 de outubro de 1939, escreve as “Palavras à Hora” – “Segundo Documento de Fundação” – a todas essas pessoas.

Deste modo, depois de uma breve introdução, o fundador, neste segundo documento, recordando-se do passado e reconhecendo que o mesmo foi marcado pelo espírito de superação e de vitória diante dos obstáculos impostos, alerta para *uma transição dos tempos e uma catástrofe mundial*.⁶² Pe. Josef Kentenich faz isso sem deixar de “rememorar”, agradecer e atribuir “as grandes coisas” à *graça divina e a onipotência suplicante da querida Mãe de Deus*⁶³ realizada durante esses vinte e cinco anos. Com isso, *a história de Schoenstatt demonstrava fé ilimitada no poder espiritual e sua proposta de*

⁶⁰ GEBARA, I. *Teologia ecofeminista*. São Paulo: Olho d’Água, 1997, p. 6.

⁶¹ Cf. Anexo B.

⁶² Cf. Anexo B.

⁶³ Cf. Anexo B.

*vida ficou conhecida na Alemanha. A guerra de 1914, apesar das inúmeras perdas humanas, fortaleceu o movimento.*⁶⁴

Comprova-se uma fé prática na Divina Providência, ou seja, os acontecimentos são interpretados enquanto fatos sobrenaturais ou recados de Deus e/ou Maria. Afinal, o pressuposto da fé é a convicção de que nada acontece fortuitamente porque nada escaparia a Deus, ou mesmo, a Maria.

No documento, tem-se o reconhecimento por tudo o que Maria realizou em Schoenstatt desde sua fundação, em 1914, podendo-se atestar, perante isso, as asserções de Mircea ELIADE que, para o homem religioso, o mundo é sagrado, havendo, constantemente, a sacralização das experiências, considerando que

*a vida é vivida num plano duplo; desenrola-se como existência humana e, ao mesmo tempo, participa de uma vida trans-humana, a do Cosmos ou dos deuses;*⁶⁵ [e que é] *através da experiência do sagrado que surgem idéias de 'realidade', de 'verdade', de 'significações' [...].*⁶⁶

Mais uma vez, o sagrado interpõe o profano, outorgando-lhe significações outras que aquelas concedidas pelas simples qualidades naturais que lhe são inerentes. Explicam-se os fatos, assim, por meio de intervenções sobrenaturais, importando, por conseqüência, unicamente, os objetos que a imaginação podem construir. E, com isso, presenciamos a religião enquanto *teia de símbolos, rede de desejos, confissão da espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretensiosa tentativa de transubstanciar a natureza.*⁶⁷

⁶⁴ BORIN, M. R. A resistência do peregrino João Luiz Pozzobon. In: *História Social*. Revista de Pós-Graduação em História IFCH/UNICAMP. São Paulo, 2000, p. 127.

⁶⁵ ELIADE, *op. cit.*, 2001, p. 137.

⁶⁶ Idem. *Aspectos do mito*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989, p. 119.

⁶⁷ ALVES, *op. cit.*, p. 24.

E, para que essa relação com o sagrado fosse constantemente reafirmada, Pe. Kentenich não apenas retoma o significado do “ato de livre escolha e mútua doação” entre a mãe de Deus e a Família de Schoenstatt, como renova e aprofunda a denominada “Aliança de Amor” iniciada em 14 de outubro de 1914:

Em 1939 uma simples ‘Aliança de Amor’ com Maria, isto é, uma simples consagração já não satisfazia mais nem ao amor da Mãe e nem à gratidão dos filhos. Todos por isso começaram preparar-se para a consagração chamada ‘Carta Branca’, consagração da escravidão [...] um passo mais perfeito na ‘Aliança de Amor’ com Maria.⁶⁸

E é essa “Carta Branca” – que simboliza uma entrega absolutamente total à “Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt” – o principal objetivo que verificamos inserido, pelo padre Kentenich, nesse segundo documento, sendo que,

o sentido é bem claro; é o sentido de toda prática religiosa. O indivíduo, por meio de prolongadas disciplinas espirituais, renuncia completamente aos vínculos com suas limitações e idiosincrasias, esperanças e temores pessoais, já não resiste à auto-aniquilação, que constitui o pré-requisito do renascimento na percepção da verdade, e assim fica pronto, por fim, para a grande sintonia. Suas ambições pessoais são dissolvidas, razão por que ele já não tenta viver, mas simplesmente relaxa diante de tudo o que venha a se passar nele [atribuindo os acontecimentos a vontades divinas]; ele se torna, por assim dizer, um anônimo. A Lei vive nele com seu próprio consentimento irrestrito.⁶⁹

Em relação a essa “instrumentalidade”, poderíamos mesmo dizer que o fundador reconhecia que, antes de poder haver uma reação humana no mundo religioso, deveria existir uma disposição para essa reação, aqui refletida na intencionalidade presente na “Carta Branca”. E que, deveria também haver, para que isso acontecesse, uma necessidade significativa, como a que uma complicada vivência em duros anos de guerra

⁶⁸ TREVISAN, *op. cit.*, v. 1, p. 196.

⁶⁹ CAMPBELL, J. *O herói de mil faces*. 7. ed. Sao Paulo: Cultrix, 2002, p. 231.

poderia suscitar para, a partir disso, nascer um desejo e desse uma busca, traduzida, então, na figura de Maria.

Portanto, não nos cabe pronunciarmos sobre a existência ou não de Maria e de suas intervenções. Na hipótese disso ser verdadeiro, a única coisa observável é a maneira pela qual grupos humanos a representam, como constroem símbolos e espaços de vinculação com ela e, assim, vivem em um mundo religioso em correspondência com sua fé.

Afinal, é esse panorama que aqui se constitui em objeto, dado como essas conclusões se acham amplamente difundidas pelo mundo e são consideradas verdadeiras por seus fiéis. E, sendo assim, nesse caso *a ênfase no elemento histórico provocará confusão; apenas servirá para obscurecer a mensagem que o quadro revela.*⁷⁰

Se, a partir dos ensinamentos de Jesus, no cristianismo, a salvação passou a ser, explicitamente, possível por meio do amor, do sacrifício e da fé,⁷¹ tornando-se a mãe de Deus um modelo perfeito por cumprir todas essas premissas, não é inconcebível que o fundador não apenas tenha sugerido a instituição de “cartas brancas” às pessoas ligadas à obra de Schoenstatt, como as mesmas, firmemente, depositaram sua confiança sobre elas pois, desta forma, estariam seguindo o reconhecido exemplo de Maria.

Aliás, como o caráter de “instrumento” remete à pequenez, ao anonimato e ao sofrimento, ou seja, uma doação por inteiro – o que, não podendo deixar de fazer menção, significa, implicitamente, anular-se – relaciona-se coerentemente com a consagração realizada a Maria, porque

⁷⁰ Ibidem, p. 226.

⁷¹ Idéia expressa por Paul JOHNSON em seu livro *História do Cristianismo* já mencionado anteriormente.

*a glória de Deus, se mostra na pequenez, se revela na insignificância e se concretiza na marginalidade [e] a grandeza de nossa mãe se operou numa senda estreita na qual sempre esteve presente o sofrimento, a pequenez e o anonimato.*⁷²

Mesmo assim, intencionado uma melhor explicação e ilustração desse ato simbólico intitulado “Carta Branca”, Pe. Josef Kentenich faz uso de dois exemplos, Max Brunner e Joseph Engling, incluindo-se a consagração feita por cada um deles.

Max Brunner e Joseph Engling, entre outros, foram seminaristas em Vallendar e congregados do Movimento Mariano de Schoenstatt, em idade militar, convocados em 1916 para o *front* na Primeira Guerra Mundial. Como a guerra intensificava-se e a cada dia passava a ser mais sangrenta e desumana, a esses convocados não era grande a possibilidade de retorno. Tornaram-se, desta maneira, congregados heróis,⁷³ pois incansavelmente esforçavam-se, mesmo nos quartéis e trincheiras, por manterem-se unidos e acesos o “espírito” e os ensinamentos de Schoenstatt.

Ainda que inicialmente Max Brunner não concordasse com a Congregação Mariana, retrata-se como admirável sua “conversão” na véspera de sua partida para a guerra. À hora da despedida, Brunner consagrou-se e entregou-se, no santuário, à mãe de Deus e

parafraseando a cena dos antigos gladiadores romanos que vivavam os Césares antes do Combate, com voz vibrante e comovente, que bem revelava seu entusiasmo pela glória de Maria, terminou seu discurso de despedida com este brado heróico:

⁷² BOFF, L. *O rosto materno de Deus*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 138 e 22.

⁷³ Relembrando que, como foi visto no livro de CAMPBELL, *O herói de mil faces*, o herói seria aquele que não apenas se afasta do local em que vive, objetivando vencer suas próprias limitações, enfrentando inúmeras adversidades, mas que também, ao final, retornará ao seu meio para ensinar aos demais a lição de vida renovada que aprendeu.

*'Ave, Imperatrix, morituri te salutant' – Salve, Imperatriz, os que vão morrer te saúdam.*⁷⁴

Joseph Engling, ao contrário da posição inicial de Brunner, sempre esteve vinculado diretamente a Congregação Mariana, ao seu fundador e ao santuário de Schoenstatt. Mostra-se como um dos jovens colaboradores mais destacado dos primeiros tempos de fundação da Obra de Schoenstatt, oferecendo sua vida na guerra como vítima na construção do alicerce da obra. Tinha 21 anos quando morreu. *O melhor elogio, recebeu do Pe. Kentenich: 'É o melhor documento de fundação pré-vivido.'*⁷⁵

Desta maneira, a referência a esses dois exemplos acaba por esclarecer mais objetivamente o que padre Kentenich pretendia ao mencionar e propor essa denominada “Carta Branca” em 1939.

Curiosamente, ao prosseguir na leitura desse segundo documento, observamos que o fundador do Movimento Apostólico de Schoenstatt, ao estender um olhar no passado, no presente e no futuro de sua obra e apontar semelhanças e diferenças entre esse passado e esse presente, em relação ao futuro alerta para situações adversas e obstáculos inseridos no próprio campo católico que, entretanto, segundo ele, resultaram na consolidação da fé:

*Todas as assim chamadas 'idéias especiais', contidas no contrato de fundação [...] resistiram à prova de fogo e se comprovaram na luta teórica e prática. Por isso hoje nossa mentalidade é muito mais profunda; nossa doação e prontidão ao empenho, mais vigorosa e total; nossa fé e confiança, maiores e mais consolidadas.*⁷⁶

⁷⁴ TREVISAN, *op. cit.*, v. 1, p. 101.

⁷⁵ *Ibidem*, p. 143.

⁷⁶ Cf. Anexo B.

Isto não apenas confirma que padre Kentenich estava ciente das principais críticas dirigidas a sua Obra, como, diante das mesmas, reafirmava essas idéias consideradas primordiais ao movimento, ao mesmo tempo, que permanecia convencido de estar percorrendo o melhor caminho, afinal se

na visão dos bispos e párocos, a obra de Schoenstatt representava uma ameaça à organização da estrutura espiritual existente nas suas dioceses e paróquias, pois o padre Kentenich já havia chamado a atenção dos padres para a espiritualidade. Ele acreditava que o pensar idealista mecanicista era o bacilo do homem e da sociedade ocidentais; acusava-os de deixar de lado as relações naturais e pretender organizar o mundo como uma máquina gigantesca, como uma grande fábrica. Essa visão o padre Kentenich atribuía também ao âmbito da Igreja e da vida cristã, e chamava a atenção para o perigo que rondava os teólogos e pastores, que julgavam alguns pontos da obra de Schoenstatt não muito sadios.⁷⁷

Não raro foram as restrições impostas pela Igreja Católica alemã ao movimento mariano, no entanto, Pe. Kentenich não deixava de associar os acontecimentos a intenções divinas, como se segue, *partimos do ponto de vista que Deus permitiu tais hostilidades, para nos chamar a atenção sobre a sua importância e que por isso ele quer que as acentuemos e realizemos de maneira toda especial.⁷⁸*

Com isso, novamente o fundador, um “homem religioso”, confia na interferência da Divina Providência. São sinais – indícios da vontade de Deus – que podem iluminar e libertar em momentos de escuridão, de adversidades e de desorientações, em que

o ‘sinal’ portador de significação religiosa introduz um elemento absoluto e põe fim à relatividade e à confusão. ‘Qualquer coisa’ que não pertence a este mundo manifestou-se de maneira apodítica, traçando desse modo uma orientação ou decidindo uma conduta. [...] Pede-se um ‘sinal’ para por fim à tensão provocada pela relatividade e à ansiedade alimentada pela desorientação, em suma, para

⁷⁷ BORIN, *op. cit.*, p. 130.

⁷⁸ Cf. Anexo B.

*encontrar um ponto de apoio absoluto. [...] o homem religioso só consegue viver numa atmosfera impregnada do sagrado [...].*⁷⁹

Mas, acredita-se que, em geral, somente aqueles que possuem “vocação” e “missão divina” podem intervir com êxito no reino de Deus, qualidades enviadas por Javé a quem lhe aprouver. Têm-se os escolhidos por Deus. São vocações divinas específicas.

Pe. Josef Kentenich, confirma, recordando *uma lei que Donoso Cortez deduziu da história do mundo e da Igreja*, que apenas as pessoas com *inabalável confiança nessas forças divinas e na missão que recebeu de Deus, ousará lançar-se no mar agitado e tempestuoso da vida*,⁸⁰ sustentando que

*a experiência de ‘ser católico’ principia com o compromisso da Fé. [...] A fé, pois, é para o católico um livre assentimento intelectual às proposições reveladas por Deus como verdadeiras, a anuência motivada pela confiança absoluta na autoridade testemunhante de Deus.*⁸¹

E, confiante em relação à sua fé e à das pessoas ligadas ao Movimento Apostólico de Schoenstatt, reconhecendo a crítica exercida sobre as “idéias especiais”, definidas por ele mesmo no documento como *a idéia de missão e do instrumento, do contrato bilateral, da vinculação ao lugar e do Capital de Graças da Mater Ter Admirabilis de Schoenstatt*,⁸² Pe. Kentenich não apenas as explica, pontuando-as no transcorrer de suas palavras, como também irá reforçá-las.

⁷⁹ ELIADE, *op. cit.*, 2001, p. 30-31.

⁸⁰ Cf. Anexo B.

⁸¹ BRANTL, G. *Catolicismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1964, p. 129 e 131.

⁸² Cf. Anexo B.

Assim, resumidamente, poderíamos apontar nas “Palavras à Hora” – “Segundo Documento de Fundação” da Obra de Schoenstatt – do fundador, três lemas fundamentais: a necessidade em se cultivar com todo o cuidado a consciência divina de missão e de instrumento, comprometendo-se com a denominada “Carta Branca”; a importância em se conservar inabalável o acentuado caráter mariano do movimento; e, novamente e com mais vigor, a colocação em primeiro plano das contribuições ao Capital de Graças⁸³ da *Mater Ter Admirabilis*.

Agora, diferentemente dos documentos anteriores, o “Terceiro Documento de Fundação” é formado, ao todo, por três conferências, todas elas realizadas no campo de concentração de Dachau por Pe. Kentenich que aí se encontrava desde março de 1942.

Acontecidas no ano de 1944, a conferência do dia 24 de setembro voltou-se à consagração do Grupo da União do Pe. Fischer, a do dia 18 de outubro comemorou trinta anos de existência do Movimento Apostólico da Schoenstatt e a do dia 08 de dezembro se dirigiu ao Grupo da União do Pe. Dresbach.

Aliás, o que se possui dessas três conferências que compõem o “Terceiro Documento de Fundação” são somente apontamentos tomados por alguns dos presentes, o que faz com que a forma como este documento esteja estruturado diferencie-se dos dois outros documentos,⁸⁴ o que não deixou de ser ressaltado anteriormente.

E, curiosamente, o início de todas essas conferências refere-se a condições climáticas que, sem exceção, caracterizavam-se por se apresentarem instáveis,

⁸³ De acordo com o que encontramos em um pequeno livro, infelizmente, sem referência bibliográfica alguma, “capital de graças” seriam *nossas orações, sacrifícios, trabalhos, alegrias, sofrimentos, boas obras e o esforço para vencer as más inclinações, as paixões, o egoísmo, todo o pecado... Tudo isso entregamos à Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt, em seu Santuário, para que ela disponha as nossas almas para receber e tornar eficazes em nós as graças de redenção e para a salvação de muitas almas. Este esforço representa nossa participação humana na redenção subjetiva*. Afinal, segundo proposição de S. Agostinho: “Deus, que nos criou sem nós, não quer salvar-nos sem nós”.

⁸⁴ Cf. Anexos.

ou melhor, o tempo encontrava-se chuvoso. Esse fato, talvez, tenha marcado imensamente a todos – uma hipótese que explicaria a menção insistente a tal acontecimento –, pois eles se reuniam em uma das ruas do campo de concentração às escondidas, porque *em Dachau era não só difícil, mas estritamente proibido encontrar-se em reuniões organizadas*.⁸⁵

Como todo simbolismo, também para o da “chuva” há inúmeras significações, não raro, que se contradizem, são completamente opostas, como aponta o próprio padre Kentenich na conferência do dia 18 de outubro:

*Outra vez chove. Isto pode trazer dano ou fecundidade. Podemos interpretar a chuva como símbolo de todas as forças inimigas de Deus, com as quais estamos em luta; pode também ser o símbolo de nossa própria fecundidade.*⁸⁶

Em qualquer grupo religioso que se encontre, as “águas” conservam invariavelmente sua função: elas desintegram, eliminam as formas, “lavam os pecados”, são simultaneamente purificadoras e regeneradoras. Ou ainda, podem significar destruição, por exemplo, por meio de um dilúvio que, contudo, em sua grande maioria, não se pode esquecer, revela a sobrevivência de algum indivíduo do qual descende uma nova humanidade e uma nova história.

Portanto, esse dilúvio, pode representar *tão bem a descida às profundezas marinhas quanto o batismo. De acordo com Ireneu, ele é a imagem da*

⁸⁵ MONNERJAHN, *op. cit.*, p. 168. (*De setembro a dezembro chove muito em Dachau. Como as reuniões eram feitas geralmente ao ar livre, acontecia freqüentemente que neste trabalho o P. (sic) Kentenich ficava totalmente molhado ao se deslocar de um grupo para outro. Mas o tempo não o atemorizava. E como os grupos continuaram a se interessar, as conferências noturnas tornaram-se um costume fixo até a libertação do campo, em abril de 1945. (Ibidem).*)

⁸⁶ Cf. Anexo C.

salvação pelo Cristo e do julgamento dos pecadores [...].⁸⁷ Assim, sinteticamente, segundo ELIADE,

as águas simbolizam a soma universal das virtualidades [...]. [...] É por isso que o simbolismo das Águas implica tanto a Morte como o Renascimento. O contato com a água supõe sempre uma regeneração: de um lado, porque a dissolução é seguida de um 'novo nascimento'; de outro, porque a imersão fertiliza e multiplica o potencial de vida. [...] Ao dilúvio ou à submersão periódica dos continentes [...] corresponde, no nível humano, a 'segunda morte' da alma [...] ou a morte iniciática pelo batismo. Mas, tanto no plano cosmológico como no plano antropológico, a imersão nas Águas equivale não a uma extinção definitiva, mas a uma reintegração passageira no indistinto, seguida de uma nova criação, de uma nova vida ou de um homem novo, segundo se trate de um momento cósmico, biológico ou soteriológico.⁸⁸

Desta maneira, a chuva poderia simbolizar morte ou vida, dano ou fecundidade, nas palavras do próprio padre Kentenich que, por sua vez, aparentemente negligenciou o fato que *precisamente no meio ambiente do povo israelita, a chuva era pressuposto da fertilidade e vida* e, provavelmente, por isso, é comum encontrar passagens na Bíblia que fazem das “águas do céu” a

imagem da bênção divina, como quando Deus disse ao povo de Israel: 'Distribuí-las-ei nos arredores do meu outeiro e trarei chuva no tempo certo, uma chuva abençoada' (Ex 34,26). E nos Salmos (147-8) louva-se a Deus, porque 'ele cobre os céus com nuvens, preparando a chuva para a terra, faz brotar erva sobre os montes'. A imagem, associada a fenômeno atmosférico, fica ainda mais espiritualizada quando o profeta Oséias fala da sede de conhecer o Senhor: 'Corramos atrás do conhecer a Javé... ele virá a nós como a chuva, como o aguaceiro que ensopa a terra' (Os 6,3).⁸⁹

Mas, o acontecimento marcante de todo o ano de 1944 em Dachau foi, aos schoenstateanos, o 30º aniversário do ato de fundação de um movimento que havia tido início em uma pequena capela de St. Michael, em Vallendar, em 1914 e, que, agora,

⁸⁷ ELIADE, *op. cit.*, 1996, p. 155.

⁸⁸ *Ibidem*, p. 151-152.

⁸⁹ LURKER, *op. cit.*, p. 53.

era lançado ao mundo, rompia os limites da Alemanha e se tornava, manifestamente, internacional:

O Pe. Kentenich sempre entendeu sua fundação como uma Obra que pouco a pouco deveria estender-se a todos os povos. Aliás, isto já expressava o Primeiro Documento de Fundação. O Pe. Kentenich não perdia oportunidades especialmente a partir de 1920 para levar Schoenstatt para além das fronteiras da Alemanha. Em fins de 1933 deu o primeiro passo, enviando as primeiras Irmãs de Maria para países de além-mar. Isso não significava deixar de lado a construção e o aprimoramento de sua Obra no país de origem, Alemanha. Por isso, ele pessoalmente não realizou uma viagem para o exterior planejada por volta de 1935. Em Dachau cresceu sua convicção: sua vida, sua atividade, o interesse de toda a sua Obra, devia orientar-se mais no sentido da expansão de Schoenstatt para além da Alemanha, da Europa. Essa convicção cresceu com o desenvolvimento das comunidades schoenstateanas em Dachau, Brasil, Argentina, Chile e Uruguai, de onde recebera informações através da correspondência 'ilegal'.⁹⁰

As conferências de 24 de setembro e 08 de dezembro, deste modo, completam a conferência de 18 de outubro num sentido mais ascético e espiritual,⁹¹ pois apresentam explicitamente as atitudes básicas que devem acompanhar o passo da Internacional de Schoenstatt, lançada, definitivamente, na comemoração dos trinta anos do movimento, pelo fundador, como se segue,

nessa oportunidade damos novo fundamento internacional à nossa Obra de Schoenstatt. Esse desenvolvimento receberá hoje o seu selo definitivo. Hoje queremos fundar aqui uma obra de caráter 'católico', isto é, universal, pois todos estão representados. Até então a obra era limitada. Hoje, porém, rompe esses limites e se torna universal.⁹²

⁹⁰ TREVISAN, *op. cit.*, v. 1, p. 311.

⁹¹ Para TREVISAN, o fim geral do sistema ascético-pedagógico de Schoenstatt é a formação do homem schoenstateano, isto é, do 'homem que vivendo, em virtude de sua perfeita Aliança de Amor com a Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt, seja capaz decididamente de consagrar-se com todas as suas forças, generosamente, para sempre, a Deus Uno e Trino e à sua Obra predileta, o Movimento Apostólico de Schoenstatt [...]. (Ibidem, v. 2, p. 183).

⁹² Cf. Anexo C.

E, para que Schoenstatt se concretizasse eternamente, deveria (e ainda deve) manter sua obra viva até os últimos dias do mundo e, seus membros, segundo Pe. Josef Kentenich, serem instrumentos perfeitos e, como tais, almejem a *perfeita entrega, a perfeita dedicação e a perfeita transmissão de amor*⁹³ até os dias escatológicos pois, o cristianismo,

*apresenta uma inovação fundamental. O Fim do Mundo será único, tal como a cosmogonia foi única. [...] O Tempo já não é o Tempo circular do Eterno Retorno, mas um Tempo linear e irreversível. Mais ainda: a escatologia representa também o triunfo de uma História Sagrada. Porque o Fim do Mundo revelará o valor religioso dos actos humanos e os homens serão julgados segundo os seus actos.*⁹⁴

Assim, nesse terceiro e último documento de fundação, o principal objetivo do padre Josef Kentenich era, por intermédio de suas palavras, firmar e consolidar, explícita e definitivamente o caráter internacional de sua obra iniciada em 1914 em Vallendar. Ou seja, o “Movimento Apostólico de Schoenstatt” adquiriria, a partir de então, dimensão universal.

⁹³ Cf. Anexo C.

⁹⁴ ELIADE, *op. cit.*, 1989, p. 59.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nascido no seio da Igreja Católica, o posteriormente conhecido “Movimento Apostólico de Schoenstatt” foi anunciado antecipadamente pelo fundador, Pe. Josef Kentenich, para um grupo dissidente do Seminário Menor Palotino, situado nos arredores de Vallendar, em 1912. Mas, o primeiro acontecimento marcante e irreversível na história de Schoenstatt foi a fundação de sua Obra em 18 de outubro de 1914.

A partir dessa data, existem quatro marcos históricos considerados importantíssimos para o “Movimento Apostólico de Schoenstatt”. O primeiro, que se concretizou no dia da própria fundação de Schoenstatt, em 18 de outubro de 1914, na província alemã de Limburgo, engloba os dois anos que antecederam essa fundação, o período da Primeira Guerra Mundial e o tempo de expansão até 1933; o “segundo marco histórico”, que encerra todo o período trágico do governo de Hitler, de 30 de janeiro de 1933 até sua queda, em 1945, compreende igualmente a prisão do Pe. Kentenich pela Gestapo, em Koblenz, e seu encaminhamento ao campo de concentração de Dachau, onde permaneceu confinado por ordem do regime nazista; o terceiro, que se inicia com o retorno do fundador de Dachau (20/05/1945) e que se encerra com o término de sua permanência em Milwaukee (1965), caracterizou-se pela decisão do padre Kentenich de depositar no santuário de Bellavista, em Santiago do Chile, no dia 31 de março de 1949, uma carta-resposta ao episcopado da Alemanha, cujo teor – que significava luta aberta contra todo pensar idealista-mecanicista – resultou no seu afastamento, por catorze anos, de Schoenstatt. E, por fim, o “quarto marco histórico” de Schoenstatt, que se estende de 22 de outubro de 1965 – retorno de Milwaukee a Vallendar –, à morte do fundador, em 15 de setembro de 1968. Por sua vez, é necessário mencionar que a data de 22 de outubro de 1965 é extremamente importante para este quarto marco, pois foi quando o papa Paulo VI, em Roma, reconheceu o “Movimento Apostólico de Schoenstatt” que, desde então, teve sua autonomia confirmada e concretizada.

Primordialmente, Schoenstatt é um movimento que apresenta a figura da Virgem Maria como mãe, modelo e educadora. Para a maioria dos católicos, Maria é uma referência fundamental e bastante acessível por representar a figura da mulher humilde e sofrida, escolhida para trazer ao mundo o filho de Deus.

Ampliou-se enormemente a relação maternal-filial dos fiéis com Maria valendo-se de sua figura bíblica como mãe de Jesus e, após a crucificação de seu filho, da comunidade. Conseqüentemente, o culto a “Nossa Senhora” se desenvolveu, não tendo sido, portanto, inventado pela Igreja que, com isso, estaria traindo o centralismo cristológico das origens, quando unicamente Jesus era venerado como “o Senhor”. Contudo, mesmo em movimentos caracterizadamente marianos, ainda que

a relação cultural com Maria-mãe [seja] considerada legítima no catolicismo, [...] deve sempre se purificar de expressões sentimentalistas estéreis e passageiras. A ‘mãe de Deus’ não está no mesmo nível de ‘Deus Pai’. Todo culto cristão é fundamentalmente trinitário e assim deve se manter: ao Pai, pelo Filho, no Espírito. A maternidade espiritual de Maria não a transforma em deusa. Na comunhão com todos os glorificados por Deus, os santos, ela contribui para gerar Cristo no coração dos crentes e intercede por nós [junto a Ele].¹

No “Movimento Apostólico de Schoenstatt”, Maria é apresentada como método pastoral e educativo, porque ao representar o pensar e viver orgânico e o ideal de corporificação da união entre natureza e sobre-natureza, tornou-se modelo, garantia e caminho para se alcançar os ideais propostos pelo movimento como, por exemplo, a “santidade”.

Virgem libertadora e mãe de Jesus, de Deus, dos pobres, dos perseguidos, do mundo e da Igreja, Maria significa proteção, segurança. Afinal, sua

¹ MURAD, A. A mãe-Maria e o amor materno. Ensaio de teologia existencial e multidisciplinar. In: *REB*, São Paulo, v. 56, n. 223, set. 1996, p. 559. (Na conferência do dia 08 de dezembro de 1944, padre Kentenich ao especificar que *as letras MTA lembram a Mãe de Deus em sua maternidade divina, como Esposa e Auxiliar permanente do Deus-Homem, e sua relação com a Santíssima Trindade*, subordina essa figura da Virgem Maria ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo (cf. Anexo C).).

maternidade implica corpo, recipiente, espaço para o outro, serviço, solidariedade, participação, calor, ternura, alimento, generosidade.

Assim, esse movimento iniciado em 1914 na Alemanha, considera-se uma comunidade apostólica e também de educação que se forma a partir e junto ao santuário. Seria fruto de uma vinculação local e, acredita-se, de uma fecundidade universal própria da *Mater Ter Admirabilis*, além de ser conseqüência da livre ação divina, de um lado, e da livre cooperação humana, por outro.

O centro do “Movimento Apostólico de Schoenstatt” estaria constituído, portanto, pelo santuário, àqueles que crêem. Uma fonte de vida espiritual, lugar essencialmente sagrado onde, confia-se, ter estabelecido e concretizado, uma “Aliança de Amor” entre Maria e a Família de Schoenstatt.

Toda a organização desse movimento, eminentemente mariano, possui como centro a humilde e pequena capela de St. Michael, em Vallendar, que conquistou as atenções de Maria em 1914 mediante uma “aliança”. E, à sombra dessa “capelinha”, formam-se, desenvolvem-se e são igualmente reproduzidos todos os demais santuários espalhados pelo mundo.

Além disso, pode-se encontrar, ao redor desses santuários, institutos seculares (seus membros optam pelo apostolado e se esforçam por viver e por praticar, exemplarmente, o ideal do “homem novo” e da “nova comunidade”)², uniões apostólicas

² *A fim de que a Igreja ‘sirva de alma para o Novo Mundo’ que está surgindo, a fim de que seja alma da nova cultura, precisa ‘formar um novo tipo de homem adequado a este novo mundo’. O homem novo do futuro deverá ser:*

- *‘Visionário’*: estar capacitado a ver a vida e a história à luz de Deus.
- *‘Audaz’*: que viva arraigado em Deus com todas as fibras de sua alma.
- *‘Vitorioso’*: que participe do espírito vitorioso de Deus.

Esse tipo de homem é o exigido pelos tempos novos e corroborado pelo Concílio Vaticano. A originalidade desse denominado “homem novo” está nas características que acentua:

- *Ele é um homem livre.*
- *Ele é um homem ancorado no ‘mais além’.*

(reúnem pessoas dispostas e capazes de liderança, tanto em ambiente secular como eclesial, para educar e formar líderes cristãos nos princípios da Igreja e do movimento), ligas apostólicas (têm por finalidade formar, inspirar e orientar apóstolos em todos os setores, objetivando a constante presença de Schoenstatt por intermédio de seus membros oferecendo, para alcançar melhor suas intenções, duas maneiras diferentes de pertencer e de atuar em seu meio: como membro ou como cooperador) e movimento de romeiros e movimento popular de Schoenstatt (se, ao primeiro pertence quem regularmente visita os lugares considerados sagrados por Schoenstatt e faz uma consagração particular a Maria sem estar ligado a uma das organizações e/ou comunidades acima mencionadas, ao movimento popular faz parte quem entra ocasionalmente em contato com Schoenstatt sem, igualmente, ligar-se a uma organização ou comunidade).

Através dos documentos de fundação analisados, foi também possível observar que esse movimento desdobra-se em três mensagens, “Aliança de Amor”, fé prática na Divina Providência e fé missiva, isto é, consciência e responsabilidade pela missão apostólica do santuário de Schoenstatt.

Relembrando, novamente, foi em 1914 que, pela primeira vez, firmou-se essa chamada “Aliança de Amor” entre a mãe de Deus, Pe. Josef Kentenich e seus congregados. Exigia-se amor e devoção à Maria e uma adesão, entrega e doação totais àqueles ligados a Congregação. Essa primeira consagração foi origem de todo o movimento subsequente e essa aliança efetivada, nesse ano em questão, completou-se em 1944.

Para padre Kentenich não era somente pelas Sagradas Escrituras, pelo magistério eclesiástico ou por outros meios extraordinários como, por exemplo, as aparições, que se manifestava a vontade de Deus, mas também por meio de causas

- *Ele é um homem comprometido historicamente com os homens e com o mundo.* (TREVISAN, V. *Movimento Apostólico de Schoenstatt: introdução histórica.* Santa Maria: Pallotti, [198?], v. 2, p. 220 e 228).

segundas, das circunstâncias e dos acontecimentos que cercavam-no e a seus congregados. A isso se denomina “Fé Prática na Divina Providência”.

O fundador da Obra de Schoenstatt acreditava que Deus intervém na história, fala aos homens e lhes apresenta exigências. Por meio dessa intervenção e busca do homem, estaria se estabelecendo um diálogo entre Ele e a humanidade. Um diálogo selado em uma “aliança” que, em Schoenstatt, não seria outra coisa senão atualização e aprofundamento de uma “aliança” em Cristo por intermédio de e com Maria.

Na história de Schoenstatt, a vontade de Deus sempre foi interpretada por meio das circunstâncias e, como exemplos, tivemos a eclosão da Primeira e da Segunda Guerra Mundial e a prisão em um campo de concentração nazista.

Em relação à terceira mensagem, “Fé Missiva”, afirmava-se um pedido de Maria, ou seja, que cada um se transformasse em instrumento apostólico próximo a Ela. A todos os membros colocados à Sua disposição, a “Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt” prometia e promete “graças”, como proteção e abrigo espiritual, transformação interior e fecundidade apostólica.

Ainda, aqueles que se consagram à Virgem apresentam absoluta fé em Sua ação sobrenatural por intermédio de Seu santuário. De uma maneira geral, a história de Schoenstatt demonstrava fé ilimitada no poder do sagrado e sua proposta de vida acabou ficando conhecida na Alemanha e, depois, espalhou-se pelo mundo.

Schoenstatt sempre foi um movimento de educação e de educadores. Kentenich proclamava um sistema ascético-pedagógico ideal, que se distinguia em: pedagogia de mentalidade ou de atitude em oposição à mera pedagogia de atos e exercícios, pedagogia da magnanimidade em oposição à pedagogia do dever, da humildade em oposição à da auto-suficiência, da liberdade em oposição à da coação e a

pedagogia da alegria em oposição à pedagogia do temor e da tristeza. Assim, como podemos constatar,

sua pedagogia da fé distinguia-se das correntes tradicionais espirituais que pregavam ao longo dos séculos a desvinculação e o despojamento dos bens, e por temerem o apego desordenado às criaturas e as conseqüências do pecado original, destacavam a renúncia, a humildade e o rigor nos costumes. A espiritualidade pedagógica proposta pelo padre Kentenich, ao contrário, caracteriza-se pelo reforço em cultivar uma vinculação sadia com toda a criação. [...] Para Kentenich, a perfeição podia ser alcançada tanto no mundo como no convento, justamente o contrário do que dizia a opinião pública e o que ensinava a Igreja ou a literatura de formação da época. [...] De acordo com as idéias de Kentenich, fazia-se necessário uma pedagogia verdadeiramente secular, adequada à realidade existencial do leigo, que lhe oferecesse caminhos concretos para santificar-se no matrimônio, na família, no trabalho, na política e na cultura. Significava passar de uma Igreja que olhava preferencialmente para o alto e para si mesma, a outra Igreja também voltada para o homem e para o mundo.³

Esse sistema de Schoenstatt, por conseguinte, pela sua originalidade criadora, representou um notável progresso em toda a linha de ascese e pedagogia tradicional da Igreja. Traçado pelo padre Kentenich – que proclamava a liberdade como ideal –, objetivava apoiar e orientar, especialmente, todos os leigos, num movimento universal através da criação de uma confederação apostólica.

Seu fim geral era a formação do “homem novo” em uma “comunidade nova” (inserida na Família de Schoenstatt), quer dizer, um homem que, vivendo em virtude de sua perfeita “Aliança de Amor” com a mãe de Deus, fosse, decididamente, capaz de se consagrar inteiramente por toda a vida, a Deus Uno e Trino e ao “Movimento Apostólico de Schoenstatt”, por intermédio de Maria, reconquistando uma relação harmônica entre realidade natural e sobrenatural.

O Movimento Apostólico de Schoenstatt, (ou simplesmente Schoenstatt), é a comunidade apostólica e de educação que se forma junto ao Santuário de Schoenstatt. Forma-se como fruto da vinculação total e da fecundidade universal da

³ BORIN, M. R. A resistência do peregrino João Luiz Pozzobon. In: *História Social*. Revista de Pós-Graduação em História IFCH/UNICAMP. São Paulo, 2000, p. 126-127.

*Mãe Três Vezes Admirável (M.T.A.) em Schoenstatt; forma-se como efeito da livre ação divina e da livre cooperação humana. Seu fim é a restauração do mundo em Cristo por meio de Maria, ou a criação de uma nova ordem social.*⁴

Agora, diante desse “Movimento Apostólico de Schoenstatt” e considerando que, para o antropólogo Clifford GEERTZ, a religião enquanto sistema cultural denota

*um padrão de significados transmitido historicamente, incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida,*⁵

podemos problematizar essa concepção de um padrão único da religião, para que a idéia de uma herança não se torne fechada em si mesma, pois afirmar que se utiliza uma linguagem e uma forma de crer instituídas historicamente, não implica dizer que essas formas de crer, de viver e de falar o sagrado são as mesmas sempre e produzem os mesmos significados.

As pessoas produzem diferenças nessa linguagem na qual se inscrevem. Trazem para si essa linguagem e são capazes de reinventá-las nas suas práticas. Como fez padre Kentenich ao adaptar sua crença em Maria para momentos históricos delicados, ou seja, as difíceis situações provocadas em virtude da eclosão da Primeira e da Segunda Guerra Mundial.

Desta maneira, se para GEERTZ, a religião seria

⁴ Ibidem, p. 201.

⁵ GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989, p. 103.

um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de faturalidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas,⁶

é necessário explicitarmos que os símbolos sagrados não são simplesmente herdados, mas podem ser construídos e re-elaborados historicamente pela dimensão sagrada com que foram vividos. Uma construção e vivência que, mesmo dialogando com referências religiosas herdadas – como faz Pe. Josef Kentenich no “Movimento Apostólico de Schoenstatt” ao se remeter, por exemplo, a figura de Maria –, cria-se e se estabelece novas formas de crença. Como se evidencia pessoas, lugares, situações e momentos diferentes, deve-se partir da lógica da mudança e da multiplicidade das práticas sociais.

Portanto, a “herança” cultural e religiosa não pode ser pensada, pelo historiador, como uma “continuidade natural”, uma vez que o mundo religioso não está necessariamente pronto à espera de que os homens o usem para significar suas motivações. Ele pode acabar sendo produto dessas significações. E, ao fundador, era extremamente importante que os homens conseguissem interpretar a vontade da Divina Providência através dos diferentes acontecimentos e circunstâncias para, assim, serem capazes de vislumbrar novas significações. Afinal, somos seres necessitados de sentido, somos habitantes de um imenso continente denominado sentido.

⁶ Ibidem, p. 104-105.

BIBLIOGRAFIA

Artigos

ALTEMEYER Jr., F. O feminino revela o divino. *In: RIBEIRO, H. et al. Mulher e dignidade: dos mitos à libertação.* São Paulo: Paulinas, 1989, p. 93-95. (Teologia em diálogo)

BINGEMER, M. C. L. “Outro” Paráclito. O Espírito Santo e a “diferença” da Mulher. *In: REB, São Paulo, v. 56, n. 222, jun. 1996, p. 348-363.*

BORIN, M. R. A resistência do peregrino João Luiz Pozzobon. *In: História Social. Revista de Pós-Graduação em História IFCH/UNICAMP. São Paulo, 2000, p. 119-144. (História e Religião)*

BRANDÃO, M. L. R. Mulher e homem: igualdade e reciprocidade. Ensaio de aprofundamento ético-teológico. *In: RIBEIRO, H. et al. Mulher e dignidade: dos mitos à libertação.* São Paulo: Paulinas, 1989, p. 96-108. (Teologia em diálogo)

CHAMORRO, G. Teologia e Representação: uma aproximação ecofeminista do monoteísmo. *In: CARDOSO, C. F. et al. Representações: contribuição a um debate transdisciplinar.* São Paulo: Papirus, 2000, p. 125-168. (Textos do Tempo)

CYTRYNOWICZ, R. Loucura coletiva ou desvio da história: as dificuldades de interpretar o nazismo. *In: COGGIOLA, O. (Org.) Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico.* São Paulo: Xamã/USP/FFLCH/Departamento de História, 1995, p. 207-219.

DUPRONT, A. A religião: Antropologia religiosa. *In: LE GOFF, J. et al. História: novas abordagens.* 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p. 83-105.

FEDALTO, D. P. 75 anos das Irmãs de Maria de Schoenstatt. *Gazeta do Povo.* Curitiba, 04 nov. 2001. Caderno Brasil, p. 11.

GEBARA, I. Crise do cristianismo? De que cristianismo? *In: Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 94, n. 01, jan./fev. 2000, p. 18-32. (2000: o aniversário da crise)

JULIA, D. A religião: História religiosa. *In: LE GOFF, J. et al. História: novas abordagens*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p. 106-131.

MURAD, A. A mãe-Maria e o amor materno. Ensaio de teologia existencial e multidisciplinar. *In: Revista Eclesiástica Brasileira*, São Paulo, v. 56, n. 223, set. 1996, p. 531-562. (Mãe-Maria)

MURARO, R. M. A repressão dos valores femininos no mundo e na igreja: pontos para uma reflexão teológica. *In: RIBEIRO, H. et al. Mulher e dignidade: dos mitos à libertação*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 11-24. (Teologia em diálogo)

NOLA, A. di. Sagrado/Profano. *In: Enciclopédia Einaudi*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987, v. 12, p. 105-160. (Mythos/Logos, Sagrado/Profano)

ORO, A. P. Modernas formas de crer. *In: Revista Eclesiástica Brasileira*, São Paulo, v. 57, n. 225, mar. 1997, p. 39-56. (RCC e CEBs)

ROMANINI, V. A Bíblia passada a limpo. *In: Super Interessante*, São Paulo, ano 15, jul. 2002, p. 40-50.

ROUANET, S. P. A volta de Deus. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 19 mai. 2002. Caderno Mais!, p. 08-11.

VAUCHEZ, A. Santidade. *In: Enciclopédia Einaudi*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987, v. 12, p. 287-300. (Mythos/Logos, Sagrado/Profano)

Documentos Eletrônicos

CASTRO, G. O Concílio Vaticano II e a nova legislação da Igreja. *In: Vaticano*. Disponível em: <<http://www.geocities.com/geldes/vaticano.html>>. Acesso em: 04 jul. 2002.

JOÃO PAULO II. *Redemptoris Mater*. *In: Vaticano*. Disponível em: <http://www.vatican.va/holyfather/john_paul_ii/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater_po.html>. Acesso em: 09 jul. 2002.

KULCZYNSKI, V. Dachau serviu de laboratório para nazistas. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 05 set. 2000. Disponível em: <<http://www.estado.estadao.com.br/suplementos/viag/2000/09/05/viag034.html>>. Acesso em: 13 nov. 2001.

PAULO VI. *Marialis cultus*. *In: Vaticano*. Disponível em: <http://www.vatican.va/holyfather/paul_vi/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus_po.html>. Acesso em: 04 jul. 2002.

Livros

III CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *A evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Puebla. São Paulo: Loyola, 1980.

ALVES, R. *O que é religião?* 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

ARENDT, H. *Origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

AZZI, R. *A cristandade colonial: mito e ideologia*. Petrópolis: Vozes, 1987.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução de Frei João José Pedreira de Castro. São Paulo: Ave Maria, 2000.

BITTENCOURT, B. P. *Ensaio Teológicos: papéis e notas*. São Paulo: UNIMEP, 2001.

BLOCH, M. *Introdução à História*. Lisboa: Europa-América, 1997.

_____. *Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio França e Inglaterra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BOFF, L. *A ave-Maria: o feminino e o Espírito Santo*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. *O rosto materno de Deus*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BRANTL, G. *Catolicismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1964. (Biblioteca de Cultura Religiosa)

CAMPBELL, J. (Org.) *Mitos, Sonhos e Religião: nas artes, na filosofia e na vida contemporânea*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

_____. *O herói de mil faces*. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.,

CAPRA, F. *O Ponto de Mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. 21. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CHALHOUB, S. *Visões da liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

COHN, N. *Cosmos, caos e o mundo que virá: as origens das crenças no Apocalipse*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

COYLE, K. *Maria na tradição cristã: a partir de uma perspectiva contemporânea*. São Paulo: Paulus, 1999. (Teologia sistemática)

DEL PRIORE, M. *Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Edunb, 1993.

DUBY, G. *Eva e os padres: damas do século XII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ELIADE, M. *Aspectos do mito*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989. (Perspectivas do homem. As culturas, as sociedades)

_____. *Histórias das Crenças e das Idéias Religiosas: da Idade da Pedra aos Mistérios de Elêusis, das origens ao judaísmo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, tomo I, v. 01.

_____. *Imagens e Símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Tópicos)

_____. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Tópicos)

_____. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FERRO, M. *História da Segunda Guerra Mundial: século XX*. São Paulo: Ática, 1995.

FIorenza, E. S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992. (Biblioteca de estudos bíblicos)

GEBARA, I. *Conhece-te a ti mesma*. São Paulo: Paulinas, 1991. (Mulher, tema atual)

_____. *Poder e não-poder das mulheres*. São Paulo: Paulinas, 1991. (Mulher, tema atual)

_____. *Teologia ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião*. São Paulo: Olho d' Água, 1997.

_____. *Trindade, palavra sobre coisas velhas e novas: uma perspectiva ecofeminista*. São Paulo: Paulinas, 1994. (Mulher, tema atual)

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GINZBURG, C. *Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GOLDHAGEN, D. J. *Os carrascos voluntários de Hitler: o povo alemão e o holocausto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GONZÁLEZ, C. I. *Maria, evangelizada e evangelizadora*. São Paulo: Loyola, 1997. (Textos Básicos para Seminários Latino-americanos – 01)

GUIA DE ESTUDO DO DOCUMENTÁRIO EM VÍDEO. *As Testemunhas de Jeová resistem ao ataque nazista*. São Paulo: Sociedade Torre da Vigia de Bíblias e Tratados, 1998.

HOBSBAWM, E. J. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____. *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

HUGHES, P. *História da Igreja Católica*. 2. ed. São Paulo: Dominus, 1962. (Cultura Histórica)

JOHNSON, P. *História do cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

JUNG, C. G. *Interpretação Psicológica do Dogma da Trindade*. Petrópolis: Vozes, 1979. (Obras completas de C. G. Jung; v. XI/2).

_____. *Psicologia e Religião*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1990. (Obras completas de C. G. Jung; v. XI/1).

KENTENICH, J. *Documentos de Schoenstatt*. 2. ed. Santa Maria: Pallotti, 1995.

LAURENTIN, R. *A questão marial*. Lisboa: Edições Paulistas, 1966.

LENHARO, A. *Nazismo*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1994.

LURKER, M. *Dicionário das Figuras e Símbolos Bíblicos*. São Paulo: Paulus, 1993.

MARCÍLIO, M. L. (Org.) *Família, mulher, sexualidade e Igreja na história do Brasil*. São Paulo: Loyola, 1993. (CEDHAL-CEHILA)

MONNERJAHN, E. P. *José Kentenich: uma vida pela Igreja*. Santa Maria: Pallotti, 1977.

NAILIS. *Padre Kentenich*. Santa Maria: Movimento Apostólico de Schoenstatt, 1982.

PADEN, W. E. *Interpretando o sagrado: modos de conceber a religião*. São Paulo: Paulinas, 2001. (Religião e cultura)

PELIKAN, J. *Maria através dos séculos: seu papel na história da cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

QUEIROZ, J. J. (Org.) *Interfaces do Sagrado em véspera de milênio*. São Paulo: Olho d'Água, 1996. (Ciências da Religião – 01)

QUEIRUGA, A. T. *O cristianismo no mundo de hoje*. São Paulo: Paulus, 1994. (Comunidade e missão)

SUASSUNA, A. *Auto da compadecida*. 34. ed. São Paulo: Agir, 2001. (Teatro Moderno)

TREVISAN, V. *Movimento Apostólico de Schoenstatt: introdução histórica*. Santa Maria: Pallotti, [198?]. Vv. 1 e 2.

URIBURU. *Um profeta de Maria: biografia do padre José Kentenich*. São Paulo: Instituto Secular dos Padres de Schoenstatt, 1983.

VOVELLE, M. *Imagens e imaginário na história: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX*. São Paulo: Ática, 1997.

ANEXOS

**ANEXO A: PRIMEIRO DOCUMENTO DE FUNDAÇÃO DO MOVIMENTO
APOSTÓLICO DE SCHOENSTATT DE AUTORIA DE Pe. JOSEF
KENTENICH, DATADO DE 18 DE OUTUBRO DE 1914**

- 1 Em primeiro lugar, saúdo-vos depois de tanto tempo, com a bela saudação: “Nos cum prole pia, benedicat Virgo Maria”. É pela primeira vez que estas palavras da Congregação ressoam neste lugar. Que continuem ressoando por todos os tempos vindouros!

- 2 Pai, mãe e filhos se alegram ao transferir-se para novo lar, mesmo que seja desprezencioso (*sic*) e modesto em confronto com a maravilhosa habitação alugada que deixaram. O pensamento de que a casa é sua propriedade, compensa largamente todas as demais vantagens. Hoje também nós saboreamos semelhante alegria familiar. Esta Capelinha pertence a nossa pequena família da Congregação, na qual reina nossa Mãe celestial. Ela é toda nossa, somente nossa. Sem inveja deixamos para os outros a capela da casa, mais bela do que esta – a casa alugada que tivemos até agora. Alegremo-nos e não permitamos que alguém nos roube esta alegria. Com ela, justificado sentimento de orgulho, hoje faz pulsar mais fortemente nosso coração. Este Santuário, mais ou menos abandonado há tempos, foi restaurado por nós e entregue a Mãe de Deus. Ao menos desde que os palotinos vivem aqui, estas paredes não viram ornamento mais belo do que o de hoje. Será que neste auspicioso fato podemos vislumbrar presságio favorável para o futuro desenvolvimento de nossa jovem Congregação?

- 3 Com toda a certeza! Seria obra sublime, digna do zelo e do suor dos mais nobres, se nós, congregados, conseguíssemos fazer desabrochar em nosso colégio, ardente amor a Maria e elevada aspiração à virtude, como nunca houve.

- 4 Por que me exprimo de maneira tímida e reservada? Acaso perdi a confiança em vós? Na verdade existem apenas ruínas de nossa florescente Congregação. Em breve, porém, delas surgirá nova vida. Convenci-me desta verdade, graças a vossa fiel cooperação no ano passado e ao genuíno espírito mariano de que vos apropriastes. Nas férias, sob o fumo e a poeira da vida diária, talvez se desfizeram muitos ideais. Muitos princípios que durante o ano nos pareciam inquebrantáveis, não resistiram à prova na vida prática. No entanto, tenho a certeza de que uma coisa permaneceu: a convicção de que o genuíno congregado e a verdadeira grandeza religioso-moral de estado são inseparáveis. Como no final do ano letivo, também hoje nos anima o anseio de alcançar a vitória, isto é, a conquista do ideal de nossa congregação. Não, meus queridos congregados, não perdi a confiança em vós, Sei (*sic*) que construindo sobre o que até agora conquistamos, faremos grandes progressos, como nos propusemos no ano passado.
- 5 O lento desenvolvimento da graça de nossa vocação e o grau mais elevado do espírito religioso e apostólico que dela dimana, ainda não é o que eu quisera propor-vos como objetivo. Minha exigência vai muito além. Cada um de nós deve alcançar o mais alto grau imaginável de perfeição de estado e de santidade. Não simplesmente o grande e o maior, porém, o máximo há de ser a meta de nossa mais elevada aspiração. Certamente compreendeis que ousou apresentar-voz tal exigência extraordinária na forma de modesto desejo.
- 6 Se, porém, quiserdes saber o autor deste desejo, posso revelar-vos a idéia predileta que acalento em meu interior. Ao contemplar as magnificências divinas no monte Tabor, Pedro exclamou encantado: “Aqui é bom estar! Façamos três tendas” (Mc. 9, 5). Estas palavras sempre me voltam à memória e frequentes vezes me perguntei: Não seria possível que a Capelinha de nossa Congregação se tornasse nosso Tabor, no qual se manifestem as magnificências de Maria? Sem dúvida, maior ação apostólica não podemos realizar, herança mais preciosa não

podemos legar aos nossos sucessores do que mover nossa Senhora e Rainha a estabelecer aqui, de modo especial, o seu trono, distribuir seus tesouros e realizar milagres da graça. Presentis o que viso: gostaria de transformar este lugar, num lugar de romarias e de graças para nossa casa, para toda a Província alemã e, talvez, para mais além. Todos os que aqui chegarem para rezar, terão de experimentar as magnificências de Maria e confessar: Aqui é bom estar! Aqui queremos construir tendas! Este será o nosso lugarzinho predileto! Esta idéia é ousada, quase ousada demais para o público em geral, mas não para vós. Quantas vezes na história universal, fatos pequenos e insignificantes, converteram-se em grandes acontecimentos. Por que não poderia também ser este o nosso caso? Quem conhece o passado de nossa Congregação, não terá dificuldade em crer que a Divina Providência planeja algo especial com ela.

7 Dizendo isto, meus caros congregados, sinto que minhas palavras encontraram eco: vossos corações se inflamaram. Fizestes vosso o meu plano. Deposito tranqüilamente em vossas mãos tanto o projeto, como a sua execução. Não tenho receio de escrevê-lo em nossa crônica. As gerações futuras nos julguem. Será que atingiremos nosso objetivo? Quanto depender de nós – não o digo duvidando, mas com plena confiança – nós todos, meus queridos congregados, nada deixaremos faltar. Como a capela de Nossa Senhora, em Florença, teve grande importância na santificação de São Luís, nosso segundo patrono, esta Capelinha de nossa Congregação deverá ser para nós o berço da santidade. Esta santificação fará suave violência a nossa Mãe celestial e atraí-la-á para junto de nós.

8 Aconteceu há mais de cinco séculos. Ingleses e franceses dilaceravam-se em guerra sangrenta. A França estava prestes a ser inteiramente aniquilada. Nesse tempo, uma jovem francesa, singela aldeã, em fervorosa oração, suplica à Mãe de Deus, a salvação de seu rei. De repente aparece-lhe o arcanjo São Miguel e lhe diz: “Aquele a quem o grande Deus reconhece como sua Mãe, ordenou-me que

viesse a ti e te incitasse a tomar a espada, cingir teu corpo com armaduras e defender a causa da justiça. Libertarás a cidade de Orléans de seus inimigos e levarás o rei à coroação em Reims. Na igreja de Santa Catarina, em Fierbois, há uma espada enterrada atrás do altar. Manda desenterrá-la e cinge-te com ela”. A jovem chamava-se Joana D’Arc e tornou-se conhecida na história com o nome de “Virgem de Orléans”. Pio X beatificou-a em 1909. Parece-me que, neste momento, aqui, nesta antiga Capelinha de São Miguel, Nossa Senhora nos fala pela boca do Santo Arcanjo:

- 9 Não vos preocupeis com a realização do vosso desejo. Ego diligentes me diligo. Amo aos que me amam. Provai primeiro que realmente me amais e tomais a sério os vossos propósitos. Agora tendes a melhor ocasião para demonstrá-lo. Conforme o plano da Divina Providência a grande guerra européia é meio extraordinariamente proveitoso na obra de vossa santificação. Esta santificação exijo de vós. Ela é a armadura a vos revestir, a espada com a qual deveis libertar vossa pátria de seus poderosos inimigos, colocando-a na vanguarda do mundo antigo.

ANEXO B: SEGUNDO DOCUMENTO DE FUNDAÇÃO DO MOVIMENTO APOSTÓLICO DE SCHOENSTATT DE AUTORIA DE Pe. JOSEF KENTENICH, DATADO DE 18 DE OUTUBRO DE 1939

- 1 Nesta hora em que nos retiramos do burburinho do dia, da agitação e nervosismo do tempo, para realizarmos silenciosa hora comemorativa, estamos espiritualmente unidos a toda a Família, em nosso pequeno Santuário. Sacerdotes, leigos, adultos, jovens e crianças, mulheres e homens, moças e rapazes nos congregamos em torno de nossa Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt. Reúnem-se aqui os filhos de Schoenstatt do interior e do exterior, do mundo do além e do aquém. Com gratidão cordial, com ardente e calorosa expectativa, todos procuram seu lugarzinho predileto. E nós estamos entre eles.

- 2 Nossos pensamentos e sentimentos voam ao passado. Despertam-se em nós recordações antigas de acontecimentos e vivências agraciadas. Gostaríamos imensamente de reconhecer nelas, as futuras tarefas de nossa Família; pois sentimo-nos ante uma transição dos tempos e uma catástrofe mundial. Novamente aviva-se em nós a pergunta: É este o tempo para o qual a Divina Providencia construiu a Arca de nossa Família? Ou a fúria das ondas deve tornar-se ainda maior e mais devastadora? Abrigamos em nosso interior, o passado, o presente e o futuro: ardente gratidão, silencioso anseio e alegre esperança.

- 3 Quanto mais nos aprofundamos nestes pensamentos com santo recolhimento e reflexiva calma, tanto mais expressivamente tudo a nosso redor começa a falar, a interpretar e a anunciar. Imagem e altar, bancos, janelas e pedras; quadro de honra, túmulo dos heróis, praça e sala dos romeiros, antiga e nova Casa de Retiros, seminário e casa dos romeiros, rememoram as grandes coisas que a graça divina e a onipotência suplicante da querida Mãe de Deus

realizaram nestes vinte e cinco anos, aqui e em toda a Família, em nós mesmos e nos mais amplos círculos.

- 4 Porém, tudo nos indica que podemos esperar ainda maiores misericórdias divinas no futuro, se soubermos tornar-nos testemunhas, intérpretes e imitadores da Sabedoria divina, nos acontecimentos do mundo.

I

- 5 Considerando os vinte e cinco anos passados, podemos repetir com grande ternura as palavras do salmista: “Cantarei eternamente as misericórdias do Senhor!” Tudo o que de grande e precioso recebemos neste lugar sagrado no decorrer dos anos, está diretamente enlaçado com a Mãe, Senhora e Rainha de Schoenstatt. Ela é realmente a dádiva que a sabedoria, bondade e onipotência de Deus, em 18 de outubro de 1914, presenteou de modo particular à nossa Família e por ela presenteou-a novamente ao mundo.

- 6 Tudo o que se fez, aqui é obra **d e 1 a**.

- 7 Através de sua intercessão, **e 1 a** inflamou em nossas fileiras, heróica aspiração à santidade.

- 8 A **e 1 a** devemos o delicado sentido para a pureza e intangibilidade, o sentido para o desdobramento da paternidade ou maternidade nobre e fecunda e o impulso ao ardente amor a Deus e às almas.

- 9 Foi **e 1 a** quem nos presenteou o monumental edifício de nosso sistema ascético e pedagógico que se adapta de modo evidente às peculiaridades do

indivíduo e da comunidade, desejadas por Deus. **E 1 a** nos fez encontrar o ideal pessoal e o ideal de comunidade.

10 Foi **e 1 a** quem formou todos os Ramos de nossa Família, conforme às necessidades da época; por sua intercessão alcançou-lhes e conservou-lhes numerosas e aptas vocações.

11 **E 1 a** cuidou que, apesar de constantes fracassos, tivéssemos a coragem de, persistentemente, estender as mãos às estrelas.

12 Todas as casas que pudemos construir e conquistar, em nosso país e no estrangeiro, são propriedade **d e 1 a**.

13 **E 1 a** zelou para que interpretássemos todas as dificuldades da época, como tarefas, e as assumíssemos corajosamente.

14 **E 1 a** nos abriu os olhos para vermos a grande lei de construção de nossa Família, segundo a qual, como filhos da guerra, somente poderemos crescer e prosperar nos combates, nas lutas, nas provações e perseguições.

15 **A e 1 a** devemos a grande graça de que todos os rochedos que pareciam aniquilar-nos, transformaram-se em poderosa escada e nos conduziram com segurança para o alto, para Deus, para o mundo de nossa missão e tarefa.

16 Sem **e 1 a** não poderíamos ter conservado a posição conveniente e a visão clara em meio aos bruscos contrastes do campo católico e prosseguir com tranquilidade e segurança.

- 17 **E 1 a** nos educou e formou como Família e como indivíduo, assim como somos; conquistou e assegurou-nos o lugar que hoje ocupamos na Igreja.
- 18 Confirmaram-se em nós as palavras de Vicente Pallotti: “Ela é a grande Missionária!” Ela fez milagres. Sim, Ela se comprovou como a Mãe e Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt: admirável em poder, bondade e fidelidade; como Mãe de Deus, Mãe do Redentor e Mãe dos remidos. Realizou-se literalmente o que o Documento de Fundação esperou e pediu: a Mãe de Deus estabeleceu aqui o seu trono de graças, de modo especial, e de muitas maneiras manifestou suas magnificências ao mundo. Tornou-se nossa Mãe e Rainha em virtude do direito de conquista.
- 19 O irresistível poder de seu amor, de sua bondade e de seus cuidados nos facilitou — por livre escolha e livre vontade — colocá-la continuamente no trono de nossa Família e de nosso coração. Por isso ela age e reina no mundo de Schoenstatt com soberana liberdade e liberalidade, não somente em virtude do direito de conquista, mas também pelo direito de eleição.
- 20 Este ato de eleição a Família o realizou pela primeira vez no Documento de Fundação. Ela não o considerou arriscado, porque conforme os planos da Divina Providência, acreditou que a Mãe de Deus a escolhera especialmente para isto. De modo singular, a Família escolheu Nossa Senhora como sua Mãe, Rainha e intercessora. E a excelsa Mãe do Senhor transformou nossa pequena Família em sua criação e ocupação predileta. Desta forma o Documento de Fundação representa um ato de livre escolha e mútua doação.
- 21 Cada consagração realizada individualmente ou em comunidade, no decorrer dos vinte e cinco anos pode ser considerada como inclusão misteriosa no Documento de Fundação. E, conseqüentemente, como renovação e repetição desse ato de livre escolha e mútua doação.

- 22 É, pois, compreensível que nos habituemos a considerar e a interpretar a consagração à Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt, como declaração perpétua, livremente escolhida, de nosso relacionamento filial e cavalheiresco; mas também como declaração perpétua de suas especiais relações de Mãe e Rainha, em relação a nós.
- 23 Somente Deus sabe quantas dessas consagrações foram feitas desde 1914. Somente ele sabe com quanta ternura, calor e prontidão foram realizadas.
- 24 Podemos considerar como singular presente da graça, que no dia do jubileu a Família em sua totalidade já se encontre tão madura e tenha penetrado tão profundamente no espírito do contrato de fundação. É especial presente da graça, que a Família tenha aderido tão profundamente à consagração e revelado sua prontidão para oferecer à Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt, pela Obra, não somente todas as capacidade da alma e do corpo, nem apenas todas as propriedades espirituais e terrenas, mas também a própria vida, de modo total e perene. É sentimento sumamente feliz e animador, saber que todos os que se encontram reunidos conosco neste momento, em nosso pequeno Santuário, entregaram à Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt a Carta Branca sobre si e suas vidas.
- 25 É a mesma graça que no passado fez Max Brunner exclamar cheio de entusiasmo juvenil: “Ave, Imperatrix, morituri te salutant!” —Salve, ó Imperatriz, os que estão prontos a morrer por ti, te saúdam! —Sabemos como a Mãe de Deus tomou a sério esta oferta.
- 26 Contudo, estamos bem conscientes de que com esta prontidão ainda não alcançamos o mais alto grau de nossa entrega total. Como em geral, também aqui Joseph Engling é nosso modelo e padroeiro. Conhecemos sua consagração:

- 27 “Querida Mãezinha, *Mater Ter Admirabilis*, ofereço-me de novo a ti, como holocausto. Eu te consagro tudo o que sou e tenho: meu corpo e minha alma com todas as suas faculdades, meus bens e haveres, minha liberdade e minha vontade. Quero pertencer-te inteiramente. Sou teu. Dispõe de mim e de tudo o que me pertence como te aprouver. Se, porém, for compatível com teus planos, concede-me ser vítima pelas tarefas que deste à nossa Família. Com humildade, teu indigno servo, Joseph Engling” (3/6/1918).
- 28 Preciso salientar especialmente que a pequena frase: **“Se, porém, for compatível com teus planos, concede-me ser vítima pelas tarefas que deste à nossa Família”**, abrange e significa ainda mais do que aquilo que a Família em sua totalidade atualmente interpreta como Carta Branca e total doação de vida.
- 29 Com este ato, repetimos o “Fiat” e o “Ecce Ancilla Domini”, que a Mãe de Deus pronunciou na cena da Anunciação. Nessa hora ela se declarou pronta a aceitar cegamente tudo o que estivesse incluído em sua maternidade, inclusive os golpes do destino permitidos e desejados por Deus. Ela nunca revogou a Carta Branca, nem mesmo quando a vontade de Deus a fez fugir dos que tentavam assassinar o seu Filho, deixando-a sem lar, em fuga pelos caminhos do deserto, levando-a à terra estranha, de costumes estranhos, de concepção e religião estranhas; ou encerrando-a na solidão de Nazaré, fazendo-a acompanhar o Redentor do mundo em sua via dolorosa; ou ainda, colocando-a debaixo da cruz, ao lado do Deus-Homem agonizante. Stetit! Ela permaneceu sempre fiel à sua Carta Branca. Estava de pé sob a cruz, quando seu coração materno foi como que transpassado por espada. Consumiu toda a sua vida a serviço daquele que a escolhera por sua Mãe, Esposa e Auxiliar. Por isso seus interesses foram relegados ao segundo plano. Ela conheceu somente um objetivo: O Redentor do mundo e sua obra. Não é algo grandioso e cheio de graça, ser elevado a semelhante altura espiritual e receber tal tarefa de vida da insondável bondade de Deus?

- 30 Herói é quem consagra a sua vida a algo de grande! Tendo em vista os planos da salvação do mundo, como Família em sua totalidade oferecemos à Mãe de Deus este precioso presente divino. Não podemos imaginar algo maior que a obra da salvação.
- 31 A bondade e a sabedoria de Deus nos deram o régio presente da livre vontade. E Deus gostaria de recebê-la de volta novamente por livre e espontânea doação de nossa parte. Ele deseja que a ponhamos sem reservas em suas mãos. Quem faz a Carta Branca com atitude certa, concorda perfeitamente com as solicitações e os desejos do Deus eterno. Nada mais quer reservar para si, de sua vontade régia e livre. Quer configurar e suportar sua vida na mais perfeita entrega e conformidade com a vontade divina.
- 32 Quão rara é esta entrega sem reservas à Providência Divina e à eterna sabedoria de Deus, deduz-se da realidade de que, hoje, muitíssimos homens afastam totalmente sua vontade do Criador e Pai do universo. E também porque dentre muitos outros que o querem servir, somente poucos estão dispostos a entregar sem reservas sua própria vontade doentia.
- 33 Somente pouquíssimos podem rezar, do mais profundo da alma, com Jesus, no Pai-Nosso: “Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu”.
- 34 Pouquíssimas pessoas apenas conseguem repetir em todas as situações da vida: E a vontade de Deus, por isso silencia! — Nada vem por acaso; tudo procede da vontade divina! Deus é Pai, Deus é bom; bom é tudo o que ele faz!
- 35 Reduzidíssimo número de pessoas é capaz de rezar com Nicolau von der Flüe: “Meu Senhor e meu Deus, toma tudo o que me separa de ti! Meu Senhor e meu Deus, dá-me tudo o que me aproxima de ti! Meu Senhor e meu Deus, tira-me

de mim mesmo e faze-me pertencer inteiramente a ti!”

36 Com o mais profundo respeito e gratidão, curvamo-nos perante a misericórdia e a bondade de Deus que nos chamou a pertencermos ao número destes poucos prediletos de seu coração e de sua sabedoria. Também este presente nós o devemos à nossa querida Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt.

37 E se Deus tomar verdadeiramente a sério a nossa oferta? Queremos lembrar-nos que a Carta Branca está contida no Documento de Fundação e em nossa Consagração, e ambos representam mútuo ato de doação e escolha. Colocando nossa vida inteiramente ao dispor da Mãe de Deus, de modo semelhante ela também nos presenteia a si mesma: dar-nos-á seu braço poderoso — expressão da Onipotência Suplicante; dar-nos-á o Filho que traz em seus braços, as Línguas de Fogo sobre a cabeça, o Ave no ouvido, o Magnificat nos lábios e a sétupla espada no coração. Portanto, não estamos sozinhos. De todo o coração, podemos rezar e cantar: Se geme o vento e brame a tempestade, se os relâmpagos cortam os céus, penso como o filho do timoneiro: o Pai e a Mãe estão no leme! A palavra mágica que “operou prodígios” por ocasião da Guerra Mundial de 1914-1918 e que nos acompanhou até o presente, doravante terá som mais profundo e será mais plena de conteúdo. A palavra é a seguinte: Mater habebit curam! A grande esperança expressa pelo Bispo de Trèves ao inaugurar a Casa de Retiros, deve realizar-se e se realizará:

38 “Termino com o pensamento que me ocorreu quando estive **ajoelhado na Capelinha de Graças**. Considero como presságio realmente desejado por Deus, que a inauguração desta casa se realize na grande festa da Assunção de Maria Santíssima ao céu, na maior festa mariana do ano litúrgico. **Ao ler as palavras em torno da imagem: Servus Mariae nunquam peribit — O servo de Maria jamais perecerá — pensei: O Movimento Apostólico nascido aqui também não há de perecer. A Mãe de Deus abençoará seu trabalho!**”

- 39 Cerremos, pois, espiritualmente, as fileiras e com profunda humildade, grande ternura e vigorosa prontidão sacrificial, repitamos duas palavras que receberam importância histórica: Nossa vida à nossa Rainha! Morramos por nossa Rainha!
- 40 A primeira nos faz retroceder à história de Castela. Fazia dez anos que a Rainha Isabel estava em guerra contra os mouros. Só muito lentamente conseguia expulsar esses grandes inimigos do cristianismo. Finalmente foram entrincheirados numa única fortaleza. Não podiam suportar tal derrota sob o reinado de uma mulher. Um deles ousou escarnecer publicamente a Rainha Isabel. Esta atitude enfureceu todos os nobres, cavaleiros e vassallos da Rainha. Cheios de grande coragem lançaram-se à luta, com o brado: “Nossa vida à nossa Rainha!” E a fortaleza dos mouros foi tomada. — Esta será também a nossa divisa no futuro: Nossa vida à nossa Rainha!
- 41 A segunda frase nos transporta ao tempo em que Maria Teresa estava cercada por inimigos poderosos. Dirigiu-se então à capital da Hungria, a fim de entusiasmar os nobres e os dirigentes do povo, para a guerra. A seu pedido ressoou um brado uníssono de vozes em coro, cheias de entusiasmo: “Moriatur pro Regina nostra!” — Morramos por nossa Rainha! Assim também nós estamos prontos a suportar a cruz e o sofrimento pela Mãe de Deus e sua Obra e, se necessário, até a própria morte.
- 42 Como prova e expressão de nossa atitude, como monumento perene por tudo o que nossa Mãe e Rainha realizou em Schoenstatt, até o presente, em nome de toda a família, as Irmãs de Maria ofertarão uma coroa à Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt, no dia 18 de outubro.

- 43 Entramos, pois, num tempo que pode ser considerado o elo final dum desenvolvimento de quatrocentos anos. Aqui vemos uma falange espiritualmente coesa, armada de intenso vigor e prontidão para a luta, para cheia de confiança e esperança, ajudar a Mãe de Deus a realizar a palavra: “À sombra do Santuário...”, numa época de desmoronamento.
- 44 Com razão, interpretamos a Carta Branca feita em caráter oficial e comunitário, como renovação recíproca do contrato de fundação.
- 45 Nada mudou em idéias, interpretações e objetivos da Aliança de 1914. Nada, absolutamente nada foi abandonado no decorrer dos vinte e cinco anos. Tudo o que se desenvolveu na família durante esses anos, até em seus mínimos detalhes pode ser revertido ao Documento de Fundação.
- 46 Apesar disso, há grande diferença entre esse tempo e hoje. Todas as assim chamadas “idéias especiais”, contidas no contrato de fundação — a fonte de nosso mistério de Schoenstatt — resistiram à prova de fogo e se comprovaram na luta teórica e prática. Por isso hoje nossa mentalidade é muito mais profunda; nossa doação e prontidão ao empenho, mais vigorosa e total; nossa fé e confiança, maiores e mais consolidadas. Hoje sabemos muito mais e temos maior clareza a respeito do conteúdo e alcance da aliança e da missão da família. Em 1914 éramos um punhado de jovens imaturos; hoje, numerosos homens e mulheres contornam o altar. São pessoas que cresceram e amadureceram pela luta da vida. Junto estão também os que ofertaram sua vida pela Obra de Schoenstatt, e agora por sua poderosa intercessão desempenham, na eternidade, a mesma tarefa que realizaram na vida.
- 47 Não foi em vão que a sabedoria e a bondade de Deus causaram esta mudança das situações.

48 Com nosso pequeno número e mentalidade nessa época, não estaríamos maduros para as nossas tarefas atuais, pois o tempo que se aproxima com tanta fúria é demasiadamente agitado, assustador, carente de respeito e adverso a Deus. A situação aflitiva geral, a incapacidade e perplexidade demasiadamente grandes, estão colocando obstáculos e pondo em risco a transformação do mundo em Cristo.

III

49 No futuro próximo, o que a Providência esperará da Família, assim munida e preparada? Como de costume, podemos ler a resposta de Deus através das circunstâncias do tempo. Contudo, existe outro caminho, mais fácil de ser trilhado, que nos leva ao mesmo fim: perguntamos quais as idéias e instituições de Schoenstatt que até o presente foram mais ardorosamente combatidas no campo católico. Partimos do ponto de vista de que Deus permitiu tais hostilidades, para nos chamar a atenção sobre a sua importância e que por isso ele quer que as acentuemos e realizemos de maneira toda especial. Quem cresceu com a Família sabe que a luta foi mais intensa em torno das “idéias especiais”, isto é, em relação à idéia da missão e do instrumento, do contrato bilateral, da vinculação ao lugar e do Capital de Graças da *Mater Ter Admirabilis* de Schoenstatt.

50 Daí deduzimos três imperativos para a Família em seu estado atual:

- 1 — Cultiva, com diligência, a consciência divina de missão e de instrumento!
- 2 — Conserva inabalável teu caráter pronunciadamente mariano!
- 3 — Coloca novamente e com vigor em primeiro plano as contribuições ao Capital de Graças da *Mater Ter Admirabilis*.

51 Estes são os três pilares que fundamentaram e sustentaram a vida santa de nosso Joseph Engling. E a estes mesmos pilares nos orientamos e comprometemos com a Carta Branca.

52 **Cultiva, com diligência, a consciência divina de missão e de instrumento!**

53 A importância e necessidade de acentuar a consciência sobrenatural de missão e de instrumento é reconhecida por todos que conhecem mais de perto a ordem da salvação e a situação do tempo atual.

54 Sempre foi óbvio que somente as pessoas e comunidades que receberam pronunciada vocação e missão divina, podem interferir mais profundamente no reino de Deus. Não apenas os sacerdotes e profetas do Antigo Testamento o comprovam, mas também Jesus, os apóstolos, a interpretação da Igreja e o sentido popular católico.

55 Jesus se retirou para a oração e depois enviou a quem ele quis. Tinha especial preocupação em gravar no coração dos seus: “Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi”. E na oração sacerdotal testemunha ao Pai celeste que ele preservou do mundo os que lhe foram confiados.

56 Tendo à frente o Apóstolo das nações, os apóstolos acentuaram muito que eles eram enviados de Deus e de Cristo.

57 A Igreja se orienta teórica e praticamente no princípio de que ninguém pode ser eleito e enviado, se não for convocado como Aarão.

- 58 E o senso popular católico simplesmente reservou as expressões missão e “vocação” para as pessoas e comunidades que possuem essa convocação divina específica.
- 59 A situação do tempo nos recorda uma lei que Donoso Cortez deduziu da história do mundo e da Igreja. Ele diz que existem épocas em que a Igreja é repelida em todos os sentidos. Embora lute com todas as suas forças, não consegue elevar-se e sair das catacumbas. Somente quando reconhece de modo bem profundo e vital as limitações do elemento humano, inesperadamente o Deus eterno aparece de novo no pináculo do templo do tempo, toca a trombeta e caem os muros de Jericó. Em tais épocas, quem não está munido da firme convicção de ter recebido de Deus especial vocação e missão e por isso é portador de forças divinas, já desde o início está condenado à infecundidade, à inércia, à ruína. Somente o que estiver munido de inabalável confiança nessas forças divinas e na missão que recebeu de Deus, ousará lançar-se no mar agitado e tempestuoso da vida.
- 60 Hoje admiramos que nossa jovem geração fundadora, há vinte e cinco anos sentia-se impelida por uma consciência de missão e de instrumento tão profunda. Com razão procuramos os motivos que a levaram a tal atitude. Agora nós os conhecemos. Outrora, dificilmente nós os teríamos reconhecido. Compreendemos melhor o argumento que no fim da Guerra Mundial, a partir de 1919, após cinco anos de existência e fecundidade da Família, confirma esta missão divina. Ele gira em torno das palavras já conhecidas: pequenez dos instrumentos, grandeza das dificuldades e grandeza do êxito. O que lutamos e conquistamos desde 1919 até o presente, confirma em todos os sentidos e de modo extraordinariamente profundo estes argumentos e aprofunda a nossa fé na missão e consciência de instrumento. Temos, pois, motivos para agradecer cordialmente a todos os que a Divina Providência usou para nos causar dificuldades. Sem eles não estaríamos tão fortes e firmes em nossa fé alegre e

vitoriosa, em nossa esperança e amor, numa época em que muitos desmoronam, e tanto desânimo paralisa os mais vastos círculos.

61 É nosso dever agora aprofundar esta fé na missão através da oração e estudo da história da Família e do tempo.

62 Quanto mais e melhor o fazemos, tanto maiores e mais ricos são os frutos que podemos colher: cresce a consciência de dependência interna do Deus vivo. Aumenta a desconfiança nas próprias forças e nos meios puramente humanos. O abrigo, o enraizamento, a tranqüilidade e a segurança em Deus nos fazem mais firmes e nos conferem maior segurança de golpe. A confiança na vitória das forças divinas na Família e pela Família, se torna invencível, assim que somos levados a exclamar com plena convicção: “Se Deus está conosco, quem estará contra nós? Tudo posso naquele que me conforta!” Haveremos também de experimentar a realidade das palavras de Santo Agostinho: “Quem se apega à face do Todo-Poderoso, não teme os grandes da terra!” Se Deus exigisse a nossa vida e a dissolução passageira da Família, veríamos nisto a mais perfeita oportunidade de provar nossa fé na divindade da Família. Tornar-nos-íamos assim semelhantes a Jesus que, por palavras e exemplos, estabeleceu a grande lei construtora do reino de Deus: “Quando eu for elevado na cruz, atrairei tudo a mim... A semente deve, primeiro, ser lançada na terra e morrer, e depois produzirá muitos frutos”.

63 Quem está profundamente embevecido no espírito da Carta Branca, vive com toda alma esta fé na missão divina e consciência de instrumento. Dedicar todas as capacidades do corpo e da alma, todos os bens espirituais e terrenos, inclusive a própria vida, a uma Obra que não promete nenhuma vantagem terrena, seria absurdo se, no fundo, esta fé não estivesse atuando como grande potência. Para aprofundar-nos nisto podemos examinar a vida de nosso Joseph Engling, em todos os seus detalhes, submetendo-nos ao seu influxo. Sem este elemento divino, sua vida e atividades seriam incompreensíveis e inconcebíveis.

64 **Conserva inabalável teu caráter pronunciadamente mariano!**

65 O caráter pronunciadamente mariano de nossa Família brota de sua história. Corresponde às leis pelas quais Deus governa, ordena e aperfeiçoa o mundo, como também à sensibilidade de nossa natureza humana.

66 Deus rege o mundo através de causas segundas e o faz com sabedoria e respeito às criaturas. Compraz-se em transmitir suas qualidades, direitos e poder às coisas e aos homens e quer que lhes demos o amor e a lealdade que devemos a Ele. Assim, através desta comunicação tudo seja conduzido a Ele. Desta maneira forma-se o grande organismo das vinculações. Na Mãe de Deus, o Onipotente criou um ser a quem fez participar prodigamente de suas propriedades. Por isso Ele quer e deseja que nos sirvamos dela como um laço sagrado, no qual nos prendemos com toda a intimidade e com Ela sejamos atraídos para o alto, ao seu coração.

67 Porque nossa natureza não é puramente espiritual, mas sensitiva, expressa sua ânsia da eternidade num profundo anelo de encontrar seres que representem a Deus. De muitas formas o Deus todo-poderoso, bondoso e sapientíssimo se adapta a esta necessidade. Enviou-nos seu Filho Unigênito, no qual temos a face do Pai celestial voltada para nós. Deu-nos a falange dos santos. Também eles, à sua maneira, têm a mesma tarefa. Igual papel desempenha a pessoa de Maria Santíssima. Porque Deus a criou “como que num êxtase”, ela espelha de modo relativamente perfeito as perfeições divinas. Quem a contempla e a ela se entrega, aproxima-se de Deus de modo muito mais profundo; está diante de sua grandeza com reverente respeito e, de modo singelo e eficaz, sente-se atraído para o alto, para o seu coração. Ela é para nós a portadora oficial de Cristo, de Deus. “Quem a encontra, encontrará a vida e receberá do Senhor a salvação”.

- 68 Esta posição objetiva da Mãe de Deus no plano da salvação é evidenciada de modo extraordinário na história de nossa Família. A Bendita entre as mulheres é sua origem e fim parcial. Ela também personifica de modo muito claro e intuitivo, todo o seu método de trabalho.
- 69 Na Família, tudo se efetuou na consciente dependência de sua intercessão e de seu exemplo. Por isso com agrado a chamamos nossa Fundadora, nossa Soberana e nossa Rainha. Toda a nossa mentalidade e aspiração visam a tornar-nos interiormente dependentes dela.
- 70 Nossa Carta Branca quer tornar estas relações de dependência muito mais profundas e permanentes. Nisto nos orientamos na grande lei que Santo Isidoro revestiu das seguintes palavras: “Ut sim servus filii, appeto servitatem genitricis.”— para conseguir profundo amor a Jesus, aspiro à profunda vinculação à sua Mãe. — Pio X condensou a mesma lei na forma clássica: “Ninguém tem mais poder de unir os homens a Cristo do que esta Virgem. Conforme as palavras de Cristo: “é esta a vida eterna, que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e aquele que tu enviaste, Jesus Cristo” (Jo 17,3). Como, porém, através de Maria chegamos ao reconhecimento vital de Cristo, por ela também nos é mais fácil adquirir a vida, da qual Cristo é origem e fonte”. Em outro lugar assim se expressa: “Quem não reconhece que não existe meio mais fácil e mais seguro de unir todos os homens em Cristo e de alcançar por ele a filiação perfeita, a fim de que sejamos bem-aventurados e sem mácula perante Deus, do que a devoção a Maria?” (Encíclica jubilar “Ad diem illum”, (2/2/1904).
- 71 A vida interior de nosso Joseph Engling comprova o quanto são claras e verdadeiras a visão e as palavras do Papa eucarístico. Joseph Engling se considerava e vivia como “Mancipatus Mariae” e, justamente por isso, cresceu tão profundamente no amor a Jesus. Os vinte e cinco anos de história de nossa Família também dão testemunho da mesma lei. Porque a Família se vinculou

profunda e organicamente à Mãe de Deus, permaneceu sempre receptiva e aberta para o divino; com êxito, aspirou à profunda intimidade com Cristo e ao amor filial ao Pai celestial. E se sempre conservou sadia medida e vigorosa profundidade a respeito da orientação litúrgica, deve-o igualmente à sua vinculação e atitude mariana.

72 É bom recordar-nos destes grandes conjuntos de verdades. Se o amor a Maria já nos enriqueceu tanto no passado, quanto não haveremos de esperar agora que toda a Família se entregou a ela de modo mais consciente, profundo e permanente, pela Carta Branca!

73 Não nos damos por satisfeitos em apenas nos orientarmos constantemente na Mãe de Deus como modelo e intercessora. Segundo o plano de Deus, ela também pode e deve ser o fim parcial orgânico de nossas atividades apostólicas.

74 Esta verdade corresponde ao espírito do Documento de Fundação e de toda a história de nossa Família. E, como sempre, também nisto nosso Joseph Engling é uma prova clássica.

75 Condiz igualmente com o desejo de Jesus, que veio a nós através de sua Mãe, e desta forma mostra-nos o caminho a ser trilhado para chegarmos a ele e ao pai.

76 Corresponde também às necessidades de nosso próprio coração; pois a boca fala da abundância do coração. Em geral gostamos de transmitir aquilo que nós mesmos experimentamos.

77 Adapta-se ainda à extraordinária sensibilidade do homem atual. Se ele é

predisposto para o sobrenatural, possui pronunciada receptividade para o ensino religioso intuitivo. Deus satisfaz essa necessidade do homem e, na imagem da querida Mãe de Deus, apresenta de modo clássico e intuitivo as grandes idéias do cristianismo.

78 Vem de encontro à incapacidade e à perplexidade da pastoral moderna. Muitíssimos meios até agora comprovados como eficientes para atingir, religiosa e moralmente, a alma do homem, tomaram-se hoje impossíveis ou não deram resultados. Por isso, com mais razão e maior preferência, o apóstolo iluminado e predisposto sobrenaturalmente, se volve à Mãe de Deus para apresentá-la como a grande solução dos problemas da pastoral. Segundo os desígnios de Deus, “ela é a grande missionária que fará milagres” (Vicente Pallotti). Aliás, ela operou milagres! Onde outros meios fracassam, ela realiza coisas grandiosas e admiráveis. Ela é a “*gratia plena*”. Deus fez a alma humana tão profundamente receptiva à sua influência, que o sentido religioso do cristão deveria estar completamente apagado para fechar-se à ação da Mãe de Deus.

79 A Igreja apresenta como realidade já experimentada a constatação de que a influência que Maria Santíssima exerce sobre as almas e no domínio dos erros nas diversas épocas, é sumamente grande. Por isso confessa e canta: “*Omnes haereses tu sola interemisti in universo mundo!*” Só tu venceste todas as heresias no mundo!

80 Nossa Carta Branca encerra testemunho renovado, alegre, inequívoco e irrevogável a este apostolado da veneração a Maria. Doamo-nos inteira e indivisamente à Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt e à sua Obra. Isto nos deve impulsionar a acender nos mais vastos círculos, não somente o amor à sua Obra, mas também o caloroso entusiasmo por sua pessoa. Como consegui-lo na prática, depende das circunstâncias. A maioria de nós já têm experiência de longos anos na propagação do genuíno e iluminado amor a *Mater Ter*

Admirabilis. Por isso não necessitam de orientações especiais. Nomearemos apenas um ponto. Atualmente pode ser de importância que mais do que até agora, nos congreguemos em torno do altar da Mãe Três Vezes Admirável na própria casa ou numa capela vizinha; que distribuamos medalhas e santinhos dela aos que estão em perigo, aos soldados, aos fugitivos, aos que sofrem e aos que procuram auxílio e, despercebidamente, coloquemos tais objetos nos abrigos antiaéreos. Frequentemente o coração maternal de Maria nos oferece muito maior segurança e proteção do que outros abrigos. Em última análise, vigora a antiga lei: Onde existe verdadeiro amor em geral não se tem dificuldade de encontrar meios e caminhos para conquistar sempre novos devotos e servos da Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt.

81 Prudentemente dizemos que nosso zelo pela propagação da veneração a Maria, é parte da tarefa confiada à nossa Família, visto em forma orgânica. Com isto exprimimos ter sempre considerado e usado a vinculação mariana apenas como meio e não como fim último de nossa aspiração. Para nós, ela é meio sumamente valioso e comprovado, para imprimir novamente a face de Cristo, no mundo. Desde o início esta idéia nos era claramente delimitada. Durante a Guerra Mundial revestimo-la da forma de duas orações conhecidas que já se tornaram propriedade comum de toda a Família. São as seguintes:

82 Mãe Três Vezes Admirável,
 nos ensina a lutar
 contra todos inimigos,
 o teu reino propagar.
 Seja em ti o mundo inteiro,
 renovado em amor
 e fiel incenso oferte
 a teu Filho, o Senhor.

- 83 Vem, habita em nossa terra,
 com teu Filho, Mãe de Deus,
 que seguindo vossos passos
 ela encontre a paz de Deus.
 Por Maria, a Cristo unida,
 pátria, tu serás remida.
- 84 Se, no espírito da Carta branca, tomarmos a sério o serviço em favor da Mãe Três Vezes Admirável e nos empenharmos com toda a alma por sua propagação, esperamos ser considerados dignos de contribuir para que a Igreja chegue a cantar com razão: “Omnes haereses — **etian anthropologicas** — tu sola interemisti in universo mundo!” Tu venceste também as heresias antropológicas dos tempos modernos e trouxeste nova ordem à sociedade cristã. Seja esta, por sua vez, a nossa contribuição prática no esclarecimento da questão sobre a mediação universal das graças.
- 85 Qual a alma profundamente religiosa que não se inflame e sinta estimulada a empenhar-se com todas as forças para esta dupla e tão bela finalidade! Que a Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt convoque e use muitos filhos e membros de nossa Família para esta tarefa tão sublime.
- 86 Com isto, porém, ainda não está completamente desvendado o caráter mariano de nossa Família. Quando pensamos ou pronunciamos as palavras: “Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt”, não a temos diante de nós somente como origem e fim parcial de vossa Família, mas também como método de pastoral e de educação.
- 87 Sob este ponto de vista ela é para nós, em sua perfeição pessoal, o ponto clássico de intersecção da natureza e sobrenatureza; é a singular corporificação da harmoniosa união entre natureza e graça, e por isso, representante e garantia de

uma ascese e pedagogia orgânica.

88 Porque até o presente lhe demos esta posição em nosso pensar, querer e agir, permanecemos receptivos não somente para Deus, mas também para as pessoas e para a vida. E através de todas as correntes extremas da época, tanto dentro como fora da Igreja, conseguimos encontrar o caminho com modesta e tranqüila segurança

89 Nossa Carta Branca inclui o renovado e consciente “sim” ao pensar orgânico. Obriga-nos não somente dedicação sem reservas à Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt, mas também à sua Obra. O pensar orgânico é parte essencial da Obra de Schoenstatt. E isto sem tomar em consideração que a veneração iluminada e profunda a Maria, por si mesma conduz ao pensar e agir orgânico.

90 Com a Carta Branca assumimos novamente e de maneira mais profunda a séria e pesada tarefa de ajudar a salvar grande número de verdades de importância vital ameaçadas no organismo do pensamento e da vida cristã. Referimo-nos antes de tudo às tensões entre personalidade e comunidade, liberdade vinculada e vinculação animada; pensamos na sadia ousadia cristã e na vigorosa autonomia; no desinteressado e heróico servir, no espírito de Imaculada e na veracidade, na disposição para a paz e no amor a Deus. Em resumo, referimo-nos ao novo tipo de homem, ao moderno santo da vida diária, como o bom Deus visivelmente o está exigindo de nós pelas situações do tempo, e no-lo apresenta como modelo em Joseph Engling.

91 **Coloca nova e mais acentuadamente em primeiro plano as contribuições ao Capital de Graças da *Mater Ter Admirabilis*.**

- 92 O que até agora expusemos em relação à nossa consciência de missão divina e sobre o caráter mariano de nossa Família, encontra a forma concreta e sua coroação em nossas contribuições ao Capital de Graças da *Mater Ter Admirabilis*.
- 93 Por isso é compreensível que esta idéia tenha sido a mais comprometida nas lutas dos últimos anos. Assim tivemos ótima ocasião de examinar seu fundamento dogmático, sua importância psicológica e utilidade pedagógica. O resultado foi a conservação mais consciente e empenho mais caloroso por esta instituição já comprovada.
- 94 Ela esteve presente no início de nossa Família, dos novos Santuários de Schoenstatt e de qualquer trabalho schoenstatiano que produziu frutos. No decorrer dos anos tornou-se expressão da dedicação sem reservas à Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt e à sua Obra. Tornou-se expressão da iluminada e eficiente união entre a atividade divina e a própria atividade, como também da profunda fé na missão sobrenatural e da profunda predisposição mariana e, conseqüentemente, o termômetro da autenticidade de cada membro de nossa Família.
- 95 Pela Carta Branca damos novamente às contribuições ao Capital de Graças da *Mater Ter Admirabilis*, aquele lugar que ocuparam nas lutas e aspirações de nosso Joseph Engling e, conforme a intenção de Deus, sempre deverão ocupar em toda a Família e em nossa própria vida.
- 96 Graças a Deus! Assim nos colocamos novamente com ambos os pés no solo de nossa tradição e, com novo vigor, levamos para o futuro cheio de crises, uma das forças fundamentais e essenciais no organismo da vida de nossa Família. Alegramo-nos, pois conhecemos e afirmamos a antiga lei: “Omne regnum iisdem mediis continetur, quibus conditum est” — a florescência de um reino é

determinada pela fidelidade às forças fundamentais que lhe deram origem. Devemos a existência de nossa Família essencialmente às contribuições ao Capital de Graças da *Mater Ter Admirabilis*. Por isso deve conservá-las inabalavelmente por todos os tempos, se pretender sobrepor-se à prova de fogo. Com as contribuições ao Capital de Graças se desenvolve ou desmorona a Família.

97 Acrescente ainda que estamos rumando em direção a um tempo no qual as contribuições ao Capital de Graças da *Mater Ter Admirabilis* poderão tornar-se para nós, não apenas o meio mais importante e eficiente, mas o único serviço apostólico mariano. Para entendê-lo, recordemos que as contribuições não são nem mais nem menos, do que uma sadia e eficiente aspiração à santidade, a serviço do apostolado mariano. O que Lucie Christine¹ diz sobre determinadas circunstâncias na vida do sacerdote, vale para todos nós. Ela escreve: “Quando o sacerdote nada mais puder fazer, uma coisa ainda lhe resta: ser santo. Muitos corações seduzidos e espíritos desviados pelo erro permanecem fechados às palavras, mas não são capazes de resistir diante da santidade manifesta”.

98 Por fim, recordemos que a situação de nosso povo requer de nós, em todos os sentidos, com imperiosa necessidade, o que o evangelho chama de “conselhos evangélicos”, e a ascese denomina espírito dos votos, isto é, o desprendimento magnânimo dos bens materiais, a pureza moral e a obediência fiel baseada em Deus. Se, no sentido da Carta Branca, tomarmos a sério, mais do que até agora, as contribuições ao Capital de Graças, não nos será difícil de, através delas, conquistarmos com mais profundidade o espírito dos votos em nossa vida prática, e cultivá-lo com mais ardor e conseqüência. Elas haverão de tornar valiosa as exigências da época para a nossa aspiração à santidade e nossa Obra de Schoenstatt.

¹ Mística francesa.

- 99 Que a nossa Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt obtenha para todos os seus filhos, como presente jubilar, a devida compreensão pelas contribuições ao Capital de Graças e pelo caráter mariano de nossa Família e sua missão divina.
- 100 Estamos no fim de uma hora solene e sagrada. Será que um dia alcançará profunda significação e importância na história de nossa Família? Todos temos a impressão de estar vivendo uma segunda fundação. Os fundamentos permaneceram precisamente os mesmos de 1914; porém, estão mais firmes e inabaláveis que outrora. A Carta Branca forma a linha divisória entre as duas etapas de nossa história. É o fim dum desenvolvimento de vinte e cinco anos, rico em graças, em trabalhos e em êxitos. E quisera tornar-se o início de um novo desdobramento ainda mais profundo. O passado esteve palpavelmente “sob a proteção de Maria”. Por isso, agradecemos de todo o coração e, profundamente emocionados, com singela humildade anunciamos a todo o mundo: Nos cum prole pia, **benedixit Virgo Maria!** Com seu divino Filho, **abençoou-nos** a Virgem Maria! — Ao mesmo tempo, acrescentamos a confiante súplica: Nos cum prole pia, **benedicat Virgo Maria!** Com seu divino Filho, **que a Virgem Maria nos abençoe!**
- 101 Será que o futuro também será realmente abrigado e fecundo “sob a proteção de Maria”, assim como o esperamos? “Parece-me como se neste momento, aqui, nesta antiga Capelinha de São Miguel —de modo semelhante a 1914 — Nossa Senhora nos falasse pela boca do santo Arcanjo: ‘Não vos preocupeis com a realização do vosso desejo. Ego diligentes me diligo. Amo aos que me amam. Este amor quer e tem de transformar-se em elevada e humilde consciência de missão e de vitória; em incansável empenho pelo pronunciado caráter mariano de nossa Família e pelas iluminadas e eficientes contribuições ao Capital de Graças. Esta é nossa tarefa.

- 102 Tudo o mais deixamos por conta de nossa querida Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt. Com o “Mater habebit curam” nos lábios e no coração, enfrentamos alegres o tempo futuro.
- 103 Dificuldades não faltarão. Contudo, estamos prevenidos, e esperamos superá-las com a graça de Deus, como o fizemos nos vinte e cinco anos passados.
- 104 Durante a Guerra civil na Espanha, os bolchevistas visavam à destruição do Santuário mariano nacional de Saragoça. Para atingir seu objetivo com maior presteza, pintaram um avião com as cores nacionais. A uns dez metros acima do Santuário, lançaram três bombas. A primeira, pesando cinqüenta quilos, caiu nas proximidades da Igreja e não explodiu. A segunda bateu na torre e partiu-se em dois pedaços. A terceira conseguiu o alvo, o coro, mas não explodiu. Os peritos que mais tarde examinaram as bombas, não puderam explicar o fato: as mechas, queimadas; o aparelho, em ordem; trinta e dois quilos de pólvora e não houve explosão. Isto é milagre.
- 105 Não sabemos na prática, que dificuldades nos aguardam. Serão semelhantes as de Saragoça? Ou terão outro aspecto? Uma coisa, porém, cremos e esperamos confiantes: que a Mãe de Deus — que aqui estabeleceu seu trono de modo especial, para “distribuir seus tesouros e operar milagres da graça”, conforme o plano divino, não nos abandonará, se não a abandonarmos e nos esforçarmos por cumprir com ousadia e constância, a tríplice missão acima citada.
- 106 Em 1918, erguemos um monumento em sua honra e colocamos uma placa comemorativa em agradecimento por todos os benefícios recebidos durante a Guerra Mundial. Se ela nos conduzir vitoriosamente através de novas dificuldades e, apesar dos impedimentos, nos der oportunidade de desempenhar nossa missão, oferecer-lhe-emos novo monumento que anunciará sua bondade e seu poder a todas as gerações futuras. Será a construção duma igreja de romaria

ou a ereção dum grande pedestal da Mãe Três Vezes Admirável? Ou poderá ser ainda outra coisa?

107 Seja qual for a nossa escolha, terá que simbolizar a grande catedral mariana viva que nossa Família quer construir no mundo, da qual cada um de nós deve ser uma pedra viva.

108 Quando os habitantes de Saragoça ouviram falar do acontecimento, fizeram uma peregrinação ao altar de graças e o cobriram de flores. Todas as noites reuniam-se ali para a grande prece de agradecimento e reparação. Participavam autoridades eclesiásticas e civis, professores de universidades e o general do exército. Todos peregrinavam com alegria e entusiasmo; passavam pelas ruas da cidade cantando louvores à Virgem del Pilar. Numa destas ocasiões, o general passou pelo meio do povo, aproximou-se da imagem de graças beijou-a com profundo respeito e bradou na forma militar “Eu proclamo e nomeio Nossa Senhora dei Pilar, Supremo comandante de minhas tropas!” E colocou-lhe no pescoço a condecoração máxima que um comandante de regimento costumava usar. Com esta cena, o júbilo do povo irrompeu numa forma incontida.

109 No fim da grande catástrofe mundial, haverá de se repetir também em Schoenstatt semelhante fato? Será que no fim dos vinte e cinco anos vindouros, a Família poderá empenhar-se pela canonização dum segundo Joseph Engling? Queira Deus!

**ANEXO C: TERCEIRO DOCUMENTO DE FUNDAÇÃO DO MOVIMENTO
APOSTÓLICO DE SCHOENSTATT DE AUTORIA DE Pe. JOSEF
KENTENICH, DE 1944**

CONFERÊNCIA DO DIA 24 DE SETEMBRO DE 1944

1 I — Situação externa

No domingo, 24 de setembro de 1944, festa de Nossa Senhora das Mercês, (Resgate dos cativos), à noite realizou-se a consagração do círculo “Mãos”. Todos estávamos convictos da suma importância deste ato. O tempo estava chuvoso. À tarde choveu torrencialmente. À noite, porém, quando nos reunimos na rua do bloco (não havia outra possibilidade), a chuva cessou, mas o céu permaneceu coberto de nuvens escuras. Por volta das dezenove horas e trinta minutos, nos encontrávamos reunidos junto ao bloco n° 30, ouvindo atenciosamente as palavras do Pe. Kentenich.

2 II — Pensamentos de introdução

a — Vivemos num tempo de conspirações e de comunidades de conspiradores. Hoje à noite, também nós formamos comunidade de conspiradores.

3 b — Comparamo-nos com Santo Inácio, quando reuniu seus discípulos. Será ousada esta comparação? Não! Cumpre estarmos animados de viva fé na Providência. Nossa Obra já é realidade. Parece ser intenção da Providência dar-lhe maior vastidão sobrenatural.

- 4 c — Reunimo-nos para a consagração, hoje, na festa de Nossa Senhora das Mercês. Antigamente fundava-se comunidades para o resgate dos escravos do cativeiro exterior. Nós nos congregamos como comunidade de prisioneiros, para resgatar os escravos do cativeiro **interior**.

5 **III — Exposição**

Hoje é dia de consagração. Dias de consagração ditam a sorte do futuro, porque são dias de decisão. Vozes de consagração são decisivas. (Ambos os pontos de vista perpassam pelas diversas partes da conferência). Decidimo-nos novamente para o espírito de comunidade, espírito de fundador, espírito de guia e espírito de instrumento.

- 6 a — Espírito de comunidade

A raiz de nosso espírito de comunidade é a fé que a Mãe de Deus escolheu Schoenstatt como lugar de suas atividades, para formar santos na vida diária e instrumentos que a auxiliem na realização deste objetivo. A experiência que fizemos no decorrer dos anos, nos mostra que também constituímos comunidade, quando encontramos a *Mater Ter Admirabilis*. Nossa fé na Providência nos diz que não nos reunimos por acaso. Nossa comunidade não deve ser somente comunhão de idéias, mas também comunhão de vida. Hoje à noite, por ocasião da consagração temos de decidir-nos pela responsabilidade mútua. Somos enlaçados um ao outro, por toda a vida. Nosso encontro em Dachau não permanecerá apenas recordação, mas haverá de prolongar-se além de Dachau.

- 7 b — Espírito de fundador

A idéia do espírito de fundador perpassa fortemente a oração da consagração. E é um pensamento que eleva. Cada um de nós há de ser fundador e, como Abraão, pai dum grande povo.

aa — Quiséramos dizer com o profeta: nossa língua é pesada.

bb — Sabemos, por experiência, que ainda nos falta muito para alcançar a maturidade.

cc — As dificuldades que temos de enfrentar são muito grandes.

O espírito de fundador, no entanto, vence todos os impedimentos. Recordemos os congregados heróis. Eram pessoas limitadas, imaturas, e tinham que enfrentar grandes dificuldades. E apesar disso, tomaram-se sementes duma grande colheita. Não devemos contar com grande êxito por causa de nossos esforços, tanto aqui como fora do campo. Contudo, empenhar-nos-emos por reencontrar a vontade de Deus e realizá-la.

Espírito de fundador é espírito de responsabilidade.

8 c — Espírito de guia

O guia deve:

aa — orientar-se por uma única e grande idéia e arder por ela

bb — consumir-se inteiramente pelos que o seguem

cc — estar arraigado, mais que o comum, no mundo (espiritual) que irá anunciar.

9 d — Espírito de instrumento

Foram dadas apenas breves indicações, pois nos meses anteriores se refletira e falara longamente sobre o assunto.

10 Interiormente preparados, dirigimo-nos logo depois à capela do campo. Cada um se ajoelhou e rezou silenciosamente sua oração. Estávamos todos perto do altar e nos entregamos, como instrumentos, à *Mater Ter Admirabilis*: Et sic utere nobis, *Mater Ter Admirabilis*, instrumentis bene paratis, ut patria nostra et omnes gentes et nationes subdentur tuo suavi Schoenstattensi imperio ad infinitam Christi et Dei trini uniusque gloriam. (Mãe Três Vezes Admirável, usa-nos como úteis instrumentos, para que nossa pátria e todos os homens se submetam ao teu suave império Schoenstatiano, para a infinita glória de Cristo e

de Deus trino). Estava concluída uma hora de suma importância. Nossa pequena comunidade havia se consagrado à Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt. Em nosso círculo encontravam-se, alemães do sudeste, poloneses e tchecos. Portanto, representantes de diversas nações. Com isto estava lançado o fundamento para o caráter internacional da Obra. Enviávamos a Schoenstatt, a nossa consagração assinada.

CONFERÊNCIA DO DIA 18 DE OUTUBRO DE 1944

- 1 Reunimo-nos novamente como no dia 24 de setembro. Outra vez chove. Isto pode trazer dano ou fecundidade. Podemos interpretar a chuva como símbolo de todas as forças inimigas de Deus, com as quais estamos em luta; pode também ser o símbolo de nossa própria fecundidade.

- 2 I — Qual é a finalidade deste nosso encontro?
 Em primeiro lugar, desejamos renovar a consagração do dia 24 de setembro. Não é supérfluo fazê-lo. Apesar de toda a sinceridade com que a realizamos, nossa vontade sempre está sujeita a quedas, por causa do peso que a paralisa, em consequência do cansaço. A renovação impulsionará novamente a vontade ao seu objetivo, restituindo-lhe o antigo vigor. Cada ação da vontade, sobretudo por sua especial importância e por ser-nos sugerida pela Divina Providência.

- 3 No dia 24 de setembro consagramos todas as nações aqui presentes à *Mater Ter Admirabilis* de Schoenstatt. Nós a elegemos Rainha. Nessa oportunidade damos novo fundamento internacional à nossa Obra de Schoenstatt. Este desenvolvimento receberá hoje o seu selo definitivo. Hoje queremos fundar

aqui uma obra de caráter “católico”, isto é, universal, pois todos estão representados. Até então a obra era limitada. Hoje, porém, rompe esses limites e se torna universal. E o último passo do desenvolvimento, como já foi indicado no Primeiro Documento de Fundação: “... para a nossa casa, para toda a Província e talvez mais além”. Todas as condições estão cumpridas. Deus fala através das circunstâncias. Por isso, hoje é dia memorável como em 1914, em Schoenstatt, em 1919, em Hoerde. Encerra-se o desenvolvimento de vinte e cinco anos; começa nova etapa da história.

4 Mais uma fase do desenvolvimento foi concluída. Nossa Obra de Schoenstatt realiza definitivamente as núpcias com aquela sociedade que Deus determinou e abençoou para ser sua “pars centralis et motrix” (parte central e motriz). Somente poucos abrangerão todo o alcance desta hora. Aqui estão os representantes da Província de Limburgo, a maior província da Sociedade (Palotinos). Sua direção oficial apóia perfeitamente nossa Obra e de tal forma como nunca ainda aconteceu. Em 1928, por ocasião da inauguração da Casa de Retiros, foram apresentadas as relações entre ambas, sob a imagem das núpcias. Não sei se nessa oportunidade falei de noivado ou de núpcias. Se falei de núpcias, preciso corrigir-me. Em 1914 e 1919 efetuou-se primeiro encontro para o mútuo conhecimento. Em 1928 realizou-se o noivado, e hoje as núpcias definitivas. Também neste sentido está concluída agora a etapa dos vinte e cinco anos. Doravante nossa Obra de Schoenstatt forma comunidade indissolúvel com a sociedade, em seu novo modo, isto é, em sua forma original. Assim se realiza a idéia que desde o início seu Fundador teve dela.

5 Considerando este desenvolvimento, vêm-nos à memória as palavras do apóstolo: “Não se abrasava o nosso coração, quando ele nos falava e explicava as Escrituras?” (Lc. 24,32). De modo semelhante, também nós devemos deixar que nos expliquem as escrituras do passado. Quando Moisés foi convocado pelo Senhor para sua missão, consciente de sua deficiência, ele se desculpou: “Minha

língua é pesada e não posso falar”. Muitos profetas o fizeram de maneira semelhante: “Ah, ah, ah, Senhor!” E apesar de sua deficiência, o Senhor os convocou. Sempre tivemos por princípio não vacilar e hesitar, quando o Senhor convoca. Adquirindo clareza sobre a vontade de Deus, sempre enfrentamos tudo, sem vacilar, e sem tomar em consideração a nossa fragilidade. Também entre nós, tudo se fez através dum começo pobre e pequenino. Frágeis foram os instrumentos — pequeno grupo, meninos dispersos pela guerra. Como no-lo mostra a placa comemorativa havia ali muito “cascalho” e escombros; somente poucos foram portadores de toda a responsabilidade, assim como aconteceu também em Hoerde (1919). Agora também somos poucos e sentimo-nos incapazes diante de tão grande tarefa. Neste momento das núpcias, a Província assemelha-se a um campo em ruínas completamente dispersas. Exteriormente encontra-se no mais baixo nível de seu desenvolvimento, quase às portas do aniquilamento total. E agora, novas tarefas de âmbito universal! Em verdade, portadores e instrumentos frágeis! Por outro lado, em constantes lutas: lutas com os alunos, no início; lutas com a casa e a Sociedade, com a Igreja, com os bispos, como também aqui. — As palavras de Ludendorff— “E, apesar disso, êxito!” Eis o sinal das obras de Deus! Assim acontece na Igreja e em toda a parte. Apesar de todas as fraquezas e dificuldades, aqui e agora aparece visivelmente o dedo de Deus.

- 6 II — Eis o símbolo de nossa missão e tarefa. A cruz e a bandeira indicam o conteúdo e a vastidão universal de nossa missão — idéia grandiosa e internacional! A mão que segura o lábaro é o instrumento. Nossas mãos são:
- a — impuras — tornam-se puras pelo contato com a bandeira, com a cruz, com a tarefa;
 - b — fracas — tornam-se fortes como as de Anteu;
 - c — frias — tornam-se quentes pelo amor;
 - d — mãos que temem o sacrifício — apesar de toda a boa vontade; mas hão de tornar-se fortes no sacrifício;
 - e — mãos estreitas — tornar-se-ão universais.

Schoenstatt é nosso mundo; o mundo todo tem de tornar-se Schoenstatt, a serviço da Mãe Três Vezes Admirável e Rainha dos Apóstolos. Nossa Obra é inteiramente mariana. Porém, nos une estreitamente à Santíssima Trindade.

- 7 III — Suplemento: “Como presente de retribuição por nossa entrega, peçamos muitas graças de oração para a nossa Família; sim, muita graça de oração contemplativa. Nem todos precisam delas, porém são imprescindíveis aos que entre nós são chamados a serem guias. Pois nossa Obra de Schoenstatt não cumprirá sua missão, se grande número de seus membros não receber a graça da contemplação”.

CONFERÊNCIA DO DIA 8 DE DEZEMBRO DE 1944

- 1 I — Espontaneamente comparamos as circunstâncias de nossa solenidade de hoje com as do dia 18 de outubro passado. Existe muita semelhança entre ambas. Aquele dia e hoje, o mesmo lugar... pequeno grupo... o tempo chuvoso, tempestade... A mesma insegurança exterior, o mesmo perigo. Tanto naquela vez, como hoje, a mesma consagração; apenas uma diferença: estamos habituados a considerar nossas consagrações como inclusão no Documento de Fundação de 1914. Ultimamente, porém, falamos de três Documentos de Fundação. Tudo o que em 1914 foi fundamentado em grandes linhas, apresenta-se com maior desenvolvimento em 1939, pelo Segundo Documento de Fundação, e chega ao pleno amadurecimento com o Terceiro Documento, em 1944. Por isso, não vos admireis se declaro que a consagração de hoje é entendida como inclusão formal e imediata no Documento de Fundação de 1914. Isso significa que por ela somos enlaçados diretamente com o Primeiro Documento de Fundação, porém à altura espiritual como a expressamos conscientemente em outubro de 1944. Este é o significado dos números 14 e 44 inscritos em nossa medalha. O impulso à

amplidão que há muito tempo vivia e atuava na Família, em 1944 encontrou uma forma concreta, aspirada e vivida conscientemente, transformando-se assim em tarefa claramente reconhecida. A semente lançada na terra de Schoenstatt, em 1914 amadureceu lentamente, num desenvolvimento orgânico e tornou-se frondosa árvore. As palavras de Jesus sobre o grão de mostarda e o fermento, de certa forma, também se aplicam a nossa Família.

- 2 II — Hoje brota desta árvore novo e fecundo rebento: o nosso círculo. Possui as mesmas características da árvore da qual se originou. Por isso, com o mesmo ardor capta o universalismo que inspirou a consagração de outubro, e o transforma em programa de vida claramente reconhecido e metodicamente aspirado. Mais: amplia o universalismo em todos os sentidos: na profundidade, altura, comprimento e largura. Tudo isto está expresso de maneira clara no símbolo escolhido. Vicente Pallotti o denominaria “**Infinitismo**”. Queremos apropriar-nos de sua expressão. Contudo, por “infinitismo”, compreendemos o universalismo na forma indicada. Esperais que interprete e dê forma a tudo que é original e no momento vive em vossas almas, buscando uma expressão concreta. A tarefa não é difícil. Basta que reproduza de modo intuitivo o que me diz vosso símbolo. Ele me fala da tarefa original que assumis hoje solenemente. Fala-me da graça original que hoje também vos é oferecida solenemente. Percebeis quão fortemente vive em mim a antiga maneira de pensar que reconhece em cada consagração a significativa renovação da tarefa e do carisma do fundador. As palavras “O que herdaste de teus pais, conquista-o para o possuíres”, recebe maior profundidade, em cada consagração. Assim, apesar de toda a mobilidade e adaptação às circunstâncias desejadas por Deus, permanecemos eminentemente conservadores e vinculados à tradição. Nosso símbolo delineia nossa tarefa de modo intuitivo, seja como universalismo ou infinitismo da profundidade, altura, largura e comprimento.

- 3 a — No centro do primeiro plano, salienta-se fortemente o coração da

Mãe de Deus e o de Jesus. Assim interpreto também o motivo pelo qual o coração está gravado na cruz e no símbolo da MTA. Os dois sacratíssimos corações devem pulsar nos nossos, tão profunda e longamente até que possamos dizer: três corações e uma só pulsação. Não foi por acaso que escolhemos o coração como símbolo de nosso caráter de instrumento, e não como o outro grupo que escolheu a mão. Queremos oferecer-nos e entregar-nos aos Mestres da Obra — Jesus e a Mãe de Deus — não somente com a vontade e a razão, não somente com a memória, mas de modo especial com o coração. Não nos contentamos com a comunhão de vontades. Nosso fim é mais elevado. Aspiramos à pronunciada comunhão de corações, à perfeita fusão de corações, à “*Inscriptio perfecta cordis in cor*”. Portanto, o coração indica dupla profundidade:

- 4 aa — O coração é o símbolo das faculdades afetivas, do subconsciente e do inconsciente. Gostaríamos de estar desprendidos de nós mesmos, de tal modo que a vida subconsciente de nossa alma se entregasse sem reservas e incondicionalmente, como instrumento, ao Mestre da Obra. Expressamo-lo com as palavras: três corações e uma só pulsação. Abandono de amor ou desprendimento perfeito como o requer a *inscriptio* não é possível sem a predisposição positiva para a cruz e o sofrimento. O universalismo ou o infinitismo da profundidade exige de nós o perfeito desprendimento no sentido da *inscriptio*. Sempre que olharmos o coração, nossos lábios devem formular o pedido: “Pelas mãos de nossa querida Mãe e Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt aceita, Senhor, toda a minha liberdade. Aceita a minha memória, minha razão, toda a minha vontade, todo o meu coração. Deste-me tudo; tudo te devolvo sem reservas. Faze de mim o que quiseres...”.

- 5 bb — O coração pode ser tomado também como essência e cerne de toda a personalidade. Em nossa medalha, ele aponta com vigor para a dedicação

perfeita de toda a nossa pessoa a Jesus e à Mãe de Deus, no sentido da piedade de instrumento. Se possui a atitude de abandono e dedicação, o instrumento é perfeito, conforme expressa o símbolo do coração, pois luta e aspira em todos os sentidos, para conquistar o perfeito abandono e a perfeita dedicação. O Documento de Fundação coloca nos lábios da querida Mãe de Deus, as palavras: “Ego diligentes me diligo” — amo aos que me amam. Podem ser interpretadas assim: “Ego perfecte diligentes me perfecte diligo” — amo perfeitamente aos que me amam perfeitamente.

- 6 b — Ao infinitismo da profundidade corresponde o infinitismo da altura. Conforme o seu símbolo, o outro círculo de instrumento aspira a plena realização do mistério da redenção. Por isso, com todo amor está vinculado a Jesus, como Redentor do mundo, e à Mãe de Deus, como sua Auxiliar permanente na Obra da redenção. Tal dedicação inclui também a entrega à Santíssima Trindade. Nosso símbolo, porém, não se contenta com uma simples referência. O que o outro grupo tem como fim implícito, para nós é tarefa claramente conhecida e aspirada com todo o ardor: o empolgamento pelo mistério da Santíssima Trindade. A mão estendida aponta vigorosamente para o Pai. Os sete raios que perpassam toda a criação, recordam o Espírito Santo com seus sete dons. O *Verbum divinum incarnatum* é claramente caracterizado pela cruz. As letras MTA lembram a Mãe de Deus em sua maternidade divina, como Esposa e Auxiliar permanente do Deus-Homem, e sua relação com a Santíssima Trindade. O reverso da medalha nos qualifica como “*Instrumentum Patris per Christum cum Mater Ter Admirabile in Spiritu Sancto..*.” (Instrumento do Pai por Cristo com a Mãe Três Vezes Admirável no Espírito Santo). Portanto não nos contentaremos em relação a nós: três corações e uma só pulsação. Com razão há de se dizer: cinco corações e uma só pulsação. Não somente o mistério da encarnação, mas também o mistério da Santíssima Trindade deve encontrar em nós ardorosos, entusiastas e apóstolos e zelosos defensores. Embora não façamos promessa especial neste sentido, nossa pedagogia do ideal requer que nos dediquemos a esta missão divina com toda a alma e todas as forças, até o fim da vida. Assim interpretaremos no

futuro o mandato principal: Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e com todas as tuas forças. E todos aqueles que conquistarmos como apóstolos para o Reino de Deus, deverão tornar-se, como nós, apóstolos do mistério da Redenção e da Santíssima Trindade, a fim de que muito em breve, “haja um só rebanho e um só pastor”.

- 7 c — Nossa medalha não nos mostra somente o globo terrestre, no qual se ergue a cruz. Não quer conquistar-nos apenas como instrumentos nas mãos da Mãe de Deus e de Deus Trino “ad pacandum mundum” (para pacificar o mundo), mas apresenta também a lua e as estrelas como símbolo de toda a criação que o Apóstolo Paulo vê envolvida em dores de parto, como conseqüência do pecado original. Com isso ficou claro o objetivo de nossa transmissão de amor. Do coração de São Paulo, se diz: “Cor Pauli, cor mundi”; isto é, com seu amor, o coração de Paulo abrange o mundo inteiro. Nosso símbolo requer de nós um coração semelhante ao de Maria e ao de Cristo, um coração divino. Tanto mais então pode-se afirmar destes corações: Cor Mariae... cor Jesu... cor Dei et cor mundi. É bom e louvável romper com a estreiteza inata de nosso coração, com a nossa egolatria e egoísmo cuidadosamente cultivados, a fim de que como círculo representemos uma comunidade de vida a mais íntima possível, da qual se possa dizer: “Cor unum et anima una”, um só coração e uma só alma. Pode ser que ainda leve muito tempo até alcançarmos este alto ideal de profunda comunidade de amor, de vida e de tarefa. E mesmo assim teremos alcançado somente pequena parte de nosso ideal. Devemos aspirar sempre ao mais alto e à vastidão. Nosso coração pertence a todos os homens, a todas as nações, seja qual for o seu nome e história. Mais: o mundo inteiro deve sujeitar-se ao domínio da Santíssima Trindade. Queremos abranger tudo da mesma maneira — o grande e o pequeno — e não sossegaremos até que o mundo todo esteja prostrado em Cristo, aos pés do Pai, e se realizem as palavras: Schoenstatt, meu mundo; o mundo inteiro deve tornar-se Schoenstatt! Se o outro círculo recebeu em linhas gerais, missão para as diversas nações, nós todos acreditamos que somos convocados ao pronunciado apostolado universal.

8 d — Ao infinitismo da profundidade, da altura e da largura, corresponde também o infinitismo do comprimento. Nosso objetivo não vale somente para nós aqui; ou para hoje e amanhã, mas para toda a vida. E o que se abraça, se anela e aspira na terra, com todo o amor pode ser e será — tanto quanto possível — o objeto de nossos cuidados por toda a eternidade. Santa Teresinha estava convicta de que no céu continuaria e completaria a tarefa que tivera aqui na terra. Em nós também vive a singela fé de que todos os falecidos de nossa Família gozam de influência em nossa Obra comum, e no céu, no além, atuam do modo mais eficiente no sentido de nossa missão. Esta é a interpretação que damos à “*communio sanctorum*”. Humanamente falando, pode ser doloroso para nós, não podermos ver mais em nossas fileiras, muitos dos que eram esteios da Família. As lacunas se tornam sempre maiores e mais numerosas. Quem sabe, quantos instrumentos a Mãe de Deus ainda virá buscar para si, para o Schoenstatt eterno! Venha o que vier! Suportaremos tudo silenciosamente e permaneceremos em constante relação com nossos falecidos. Em santa emulação lutamos com eles pela perfeita e total dedicação à Obra da *Mater Ter Admirabilis*. Para nós, eles não estão mortos; marcham em nossas fileiras, ao nosso lado. Parece-nos quase mais fácil mantermos relação com eles agora, do que quando viviam entre nós... E se a sábia Providência Divina nos enviar repentinamente o anjo da morte, a fim de levar-nos para o outro mundo, no qual Deus nos quer desvendar seus planos, esperamos poder atuar e realizar mais ainda por Schoenstatt, em íntima união com todos os nossos Schoenstatianos falecidos. Nosso símbolo indica de modo marcante o infinitismo em todas as direções. Tudo o que até agora pretendemos e aspiramos, doravante será introjetado tanto quanto possível e conscientemente em nossa vontade. Queremos ser instrumentos perfeitos e como tais, almejamos a perfeita entrega, a perfeita dedicação e a perfeita transmissão de amor; mas também esperamos poder fazer perfeitas exigências de amor. Graças a Deus! O que faríamos e o que seríamos sem estas exigências de amor?!

9 III — Comparando nosso estado atual com o que deveríamos ser, conforme o ideal, nossa alma sente-se tomada de profundo desânimo. Quanto nos

oprime a consciência da estreiteza de nosso coração! E no entanto, quão vasto cumpriria ser este pobre coração! Os interesses do Deus eterno haveriam de tornar-se seus interesses. Nossa generosidade ainda não chegou ao ponto de vermos e procurarmos, com todo o amor desinteressado, o bem estar de nosso círculo mais restrito. Raras vezes rompemos os estreitos limites de nosso egoísmo! Quase tudo o que pensamos e fazemos, não passa além dos limites do pequeno eu. E apesar disso, devemos assumir o quádruplo infinitismo como programa de vida. Se fôssemos reduzidos a nós mesmos, desanimaríamos. Graças a Deus! Nessa aflição podemos confiar firmemente que se a consagração coloca sobre nossos ombros a tarefa de fundador, também nos põe à disposição abundantes graças de fundador.

10 IV— Vivemos e lutamos conscientes de que a consagração é Aliança de Amor mútua. Assim lemos no Documento de Fundação: “... diligentes me diligo... Provai primeiro que realmente me amais e tomais a sério o vosso propósito... então de boa vontade me estabelecerei aqui e distribuirei dons e graças em abundância”. Nossa tarefa consiste em mostrarmos à Mãe de Deus que, no sentido de nossa consagração, desejamos amá-la realmente, de modo perfeito. Tudo o mais lhe pertence. Parece-nos ouvir de seus lábios: “Ego perfecte diligentes me perfecte diligo”, amo perfeitamente aos que me amam perfeitamente.

11 Da convicção desta Aliança de Amor, nossa primeira geração fundadora hauria uma fé inabalável, capaz de vencer tudo, e uma consciência de vitória capaz de abalar os céus. Também nós estamos mergulhados nesta corrente de missão. Porque entre nós tudo toma grandes dimensões e visa crescer e penetrar no universalismo e infinitismo, cremos receber graças de missão “per eminentiam”. Por isso, cheios de confiança, ousamos repetir com Jesus: “Aquele que me enviou não me abandonará. Está sempre comigo, porque faço sempre o que lhe agrada”. Quando nossa própria fraqueza tentar oprimir-nos e nossas mãos

débeis e cansadas quiserem deixar cair a bandeira, quando nossa alma estiver deprimida e nos esforçarmos em cumprir nossa tarefa de instrumento sem conseguirmos êxito exterior, o que nos impulsionará para o alto é o pensamento: “missus sum” — sou enviado. Deus escolheu justamente instrumentos fracos, a fim de que brilhem e triunfem na Obra total, com maior intensidade, seu poder, sua grandeza e a honra da Mãe de Deus. Por isso, não nos deixaremos confundir por coisa alguma, muito menos por nossa incapacidade, fraqueza e limitações. Ao contrário, rezamos com Paulo: “Glorio-me de minha fraqueza, porque por ela se revela em mim a força de Deus... Tudo posso naquele que me conforta...”.

12 Nesta consciência de missão e de vitória, somos fortalecidos pela silenciosa confiança e esperança em todos os dons que a Mãe de Deus nos oferece, em virtude de nossa Aliança de Amor. Também aqui vale: amor por amor, fidelidade por fidelidade. Se anelamos amá-la de modo perfeito, ofertando-nos inteira e indivisamente como seus instrumentos, ela nos responderá da mesma forma: “Ego perfecte diligentes me perfecte diligo”, amo perfeitamente aos que me amam perfeitamente! “Totum pro toto”— tudo por tudo! À medida que nos esforçamos por realizar nossa dedicação, abandono e transmissão de amor, também faremos valer nossas exigências de amor. E com esta perfeita dedicação de amor à Mãe Três Vezes Admirável, podemos esperar que ela também revele sua perfeita dedicação de amor para conosco. Ou, aplicando à nossa situação outra palavra adaptada: “Mater perfectam habebit curam” — a Mãe cuidará perfeitamente!

13 aa — Ela se dá de maneira perfeita, dá-nos todo o seu amor maternal, sua bondade, seus cuidados e fidelidade. Como Onipotência Suplicante, ela se coloca inteiramente à nossa disposição, a fim de tornar-se novamente em nós e por nós, a Ancilla Domini — a serva do Senhor.

14 bb — Ela nos dá de modo perfeito seu Filho, “a Luz para iluminar os

gentios e a glória do povo de Israel”, o Redentor que visa depor o mundo inteiramente aos pés do Pai. Do seu Cenáculo, ela nos suplica intensamente para nós o Espírito Santo com seus sete dons, a Força do alto, o Consolador, o Santificador que leva a Obra de Schoenstatt à vitória, na Igreja. Contudo, ela não pode nem quer poupar-nos a espada de sete gumes, que traz em seu coração. Sem sofrimento não há desprendimento e redenção. A semente primeiro precisa ser lançada na terra e morrer; só então produzirá fruto em abundância. “Quem quiser perder sua vida, conquista-la-á”. Ao mesmo tempo, zela com solicitude maternal, para que o sofrimento não seja difícil demais para nós. Ela nos ajuda a suportá-lo tornando-o fecundo para a Obra de Schoenstatt.

- 15 cc — Ela nos dá inteiramente a sua tarefa, que se caracteriza em todos os sentidos pelo universalismo ou infinitismo. Como Auxiliar oficial e permanente de Jesus na Obra da Redenção, como segunda Eva, com seu Esposo, ela assumiu os cuidados pela redenção do mundo. Com Cristo, Maria Santíssima é capaz de destruir o reino de Satanás e aniquilar todas as suas obras, pois ela é o “Grande Poder Anti-diabólico”, como no-la apresentam o Proto-evangelho e o Apocalipse. Nossa medalha expressa esta realidade de maneira evidente. Nela vemos o mundo algemado por uma corrente que o demônio entrelaçou ao seu redor. A cruz e o símbolo da MTA rompem-na poderosamente. Para o desempenho de sua tarefa universal, a Mãe de Deus necessita de instrumentos. Ela nos escolheu para este fim, e pretende realizar grandes coisas por nós, se estivermos perfeitamente vazios de nós mesmos e nos esforçarmos para entregar-nos inteiramente a ela e à sua Obra.

- 16 V — Por isso, rezamos com profunda intimidade: “... Em troca, dá-me somente uma coisa: tua graça, teu amor e tua fecundidade. Tua graça, a fim de que sempre me curve com alegria diante de tua vontade e de teus desejos. Teu amor, para que creia, saiba e às vezes também me sinta amado por ti, de modo especial, como a pupila de teus olhos. Tua fecundidade, para que em ti e na

querida Mãe de Deus, possa ser muito fecundo para a nossa Obra comum. Então serei rico, imensamente rico. Nada mais almejo”. Quisera gravar em nossas medalhas as palavras: “Perfecte diligentes me perfecte diligo” — amo perfeitamente aos que me amam perfeitamente. E neste sentido que solenemente vos entrego a medalha:

“Aceitai este símbolo como sinal de vossa perfeita renúncia de amor, até a Inscriptio; como sinal de vossa perfeita dedicação de amor, não só aos dois corações sacratíssimos, mas também a Deus trino; como sinal de vossa perfeita transmissão de amor, não apenas ao vosso círculo e à vossa nação, mas a todo o mundo e a toda a criação; como sinal de vossas perfeitas exigências de amor. Tendes o direito de serdes usados pela Mãe de Deus como perfeita obra e instrumento para a sua tarefa no tempo atual”.